

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*

VERA REGINA SEREZER GERZSON

**Porto Alegre
2007**

VERA REGINA SEREZER GERZSON

A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/PPGEDU/UFRGS), como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa
Estudos Culturais em Educação

Orientadora:
Prof^a Dr^a Marisa Vorraber Costa

Porto Alegre
2007

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E
COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

G388m Gerzson, Vera Regina Serezer

A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal:

os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ. / Vera Regina Serezer Gerzson ;

orientadora Marisa Vorraber Costa. 2007.

f. : il.

Tese (doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2007.

1. Análise do discurso. 2. Educação. 3. Veja (Revista). 4. IstoÉ (Revista).
5. Época (Revista). 6. Comunicação. I. Costa, Marisa Vorraber. II. Título.

CDU 659.3(043)

| Agradecimentos |

Esta tese materializa alguns anos de experiência, estudos, leituras, mas principalmente é o resultado de muitos afetos. Agradeço à UFRGS, ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela oportunidade.

Agradeço aos professores do PPGEduc, especialmente à Linha dos Estudos Culturais em Educação, aos colegas e amigos que fiz neste espaço. Especialmente à minha orientadora, Dra. Marisa Vorraber Costa, sou grata pela competência e exemplo acadêmico, mas também pelo brilho e ânimo que distribui entre os orientandos e alunos.

Ao grupo de orientação, pelas leituras, disponibilidade, apoio e cooperação. À Eli, Saraí, Henriqueta, Márcia, Janaína, Jaqueline, Ivaine, Luiz Henrique, Mariângela, Noeli, Maria Alice e todas as outras e outros que estiveram comigo nestes anos.

À FABICO por ser um ótimo lugar para estar, trabalhar, aprender e crescer. As/aos minhas colegas de trabalho, alunas e alunos e principalmente à Karla Muller, que tem dividido comigo uma preciosa amizade.

Aos médicos Carlos Barrios e Rômulo Viero agradeço pelo atendimento competente e prestativo, mas principalmente por oferecerem outros sentidos para a minha vida.

À minha sogra Orizontina Martins agradeço o amparo, os cuidados, a companhia em momentos difíceis e o exemplo materno. À Elizabeth pela colaboração, serviços e companheirismo.

Ao meu irmão César, que não pode entender os meus escritos, agradeço por dividir comigo o “avesso do avesso” e por me ensinar a aceitar que “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. À minha mãe Edith e ao meu pai Moggar, agradeço todos os cuidados e investimentos que fizeram em mim. Ao meu pai agradeço pelas revistas, jornais, livros, faculdade, especialização e a maior de todas as heranças recebida: educação e amor.

Aos meus filhos agradeço todos os momentos que temos vivido juntos e à inspiração para viver, estudar, trabalhar e a transformar cada minuto em felicidade e aprendizagem. Ao Valério agradeço os anos de convivência, o apoio, a companhia constante, a aceitação das minhas invenções e “revoluções”.

A semana

*Para um preso, menos 7 dias
Para um doente, mais 7 dias
Para os felizes, 7 motivos
Para os tristes, 7 remédios
Para os ricos, 7 jantares
Para os pobres, 7 fomes
Para a esperança, 7 novas manhãs
Para a insônia, 7 longas noites
Para os sozinhos, 7 chances
Para os ausentes, 7 culpas
Para um cachorro, 49 dias
Para uma mosca, 7 gerações
Para os empresários, 25% do mês
Para os economistas, 0,019 do ano
Para o pessimista, 7 riscos
Para o otimista, 7 oportunidades
Para a terra, 7 voltas
Para o pescador, 7 partidas
Para cumprir o prazo, pouco
Para criar o mundo, o suficiente
Para uma gripe, a cura
Para uma rosa, a morte
Para a história, nada
Para Época, tudo¹*

¹ <http://www.epoca.globo.com>, 28 julho 2004.

Nesta tese, *A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ*, as revistas são compreendidas como dispositivos da governamentalidade neoliberal porque em seus discursos sobre educação, a racionalidade e as práticas neoliberais, constituintes do projeto político predominante nas sociedades contemporâneas, têm materialidade no texto destas mídias, produzindo discursos e enunciados vinculados com essa perspectiva econômica, política, social e cultural. Este estudo aponta o poder e as relações de poder neoliberais como práticas capilares, insidiosas, que são incorporadas nos discursos destas mídias, sem conotação repressora ou autoritária, mas como verdades que circulam nos espaços públicos, interagindo produtivamente com seus leitores.

A tese inscreve-se no campo analítico dos Estudos Culturais em Educação, especialmente na vertente voltada para as análises textuais, e utiliza-se de contribuições teóricas de Michel Foucault. Ao tomar como objeto de estudo a mídia como dispositivo produtivo para a governamentalidade neoliberal, a tese investiga e demonstra que as revistas operam como via de circulação e instrumento de articulação das relações de poder-saber neoliberais. Quando abordam a educação, as revistas não estão apenas publicando informações, anúncios, opiniões e comentários gerais sobre ela, as matérias das revistas compõem textos culturais que problematizam e prescrevem formas de fazer, de aprender e de ensinar, e, sobretudo, de ser e de compreender o mundo. Para isso, a tese utiliza, como *corpus* da pesquisa, textos que abordam a educação, publicados entre os anos 2003, 2004 e 2005, nas três maiores revistas brasileiras autodenominadas informativas: a *Veja*, *Época* e *IstoÉ*.

A análise das revistas confirma o quanto a mídia, de uma maneira geral, faz proposições para as sociedades contemporâneas, sugerindo concepções e práticas favoráveis para a manutenção das políticas neoliberais. Nos textos das revistas as expectativas atribuídas à educação atendem às demandas de preparar os estudantes para a produtividade máxima no mercado de trabalho. Neles a educação é encarregada de cumprir com a sua parte para o “desenvolvimento”, o sucesso dos sujeitos e das sociedades contemporâneas. Produzir condutas e talentos em meio às adversidades do mundo globalizado é expectativa para escolas, professores e estudantes e em torno dela proliferam produtos de todos os tipos: cursos, escolas, material escolar e didático, tecnologias etc. As tendências, exigências e concepções consideradas válidas no mundo regido pela primazia do mercado e do consumo são incorporadas à educação. Nos textos analisados a ênfase em resultados, excelência, competência e a pretensa liberdade de escolhas operam para o governo das racionalidades e práticas que têm como parâmetro o projeto político neoliberal, confirmando a vitalidade da educação como dispositivo de governamentalidade.

Palavras-chave: mídia, revistas, comunicação, educação, discurso, governamentalidade, neoliberalismo.

In this thesis, “*Media as a device of the neo liberal governmentality - the discourses about education in the magazines Veja, Época and IstoÉ*”, the magazines are understood as devices of the neo liberal governmentality because in their discourses on education, the texts reveal the rationality and the neo liberal practices - part of the predominant political project in the contemporary societies -, producing discourses and statements related to this economical, political, social and cultural perspective. This study points out the power and the neoliberal power relationships as diffuse and insidious practices which are incorporated in the discourses of these medias, without any oppressing or authoritarian connotation, but as truths that circulate in public spaces, interacting productively with the readers.

The thesis is inserted in the analytic field of Cultural Studies in Education, especially in the studies of textual analyses and it uses the theoretical contributions of Michel Foucault. The object of study is the media as a productive device to the neo liberal governmentality, investigating and demonstrating that the magazines operate as a “road of circulation” and as an instrument of articulation of the “power-knowledge” neoliberal relationships. The magazines are not just publishing information, advertisements, opinions and general comments on education. The magazines’ articles bring cultural texts that present a problem and determine ways of doing, learning and teaching, and, above all, of being and understanding the world. The thesis uses texts that approach education as a *corpus* of the research, published among the years 2003, 2004 and 2005 in the three most important Brazilian magazines: *Veja*, *IstoÉ* and *Época*.

The analysis of the magazines confirms that the media, in a general way, makes assertions about the contemporary society, suggesting conceptions and practices which are favorable to the maintenance of the neo liberal politics. In the magazines’ texts the expectations attributed to education answer the demands of preparing students for maximum productivity in the job market. Education plays its role in the “development”, the success of people and contemporary societies. Producing behaviours and talents in the adversities of a globalized world is an expectation for schools, teachers and students and all types of products proliferate around it: courses, schools, didactic texts, technologies etc. The tendencies, demands and conceptions considered valid in a world governed by the primacy of the market and consumption are incorporated to education. In the analyzed texts the emphasis in results, excellence, competence and the assumed freedom of choices govern the rationalities and the practices which have as a parameter the neo liberal political project, confirming the vitality of education as a governmentality device.

Keywords: media, magazines, communication, education, discourse, governmentality, neoliberalism.

| Lista de Figuras |

Figura 1 O sucesso de seus filhos ²	34
Figura 2 Educação: mobilidade ascendente I ³	34
Figura 3 Educação: mobilidade ascendente II ⁴	35
Figura 4 Educação: mobilidade ascendente III ⁵	35
Figura 5 Banca de Revistas: Centro Cultural ⁶	45
Figura 6 Jogue sua revista na escola ⁷	45
Figura 7 Um país soberano é um país 100% educação ⁸	49
Figura 8 Seja parceiro da Escola ⁹	57
Figura 9 Você conhece um professor nota dez? ¹⁰	61
Figura 10 Se você conhece um bom professor... levante a mão ¹¹	62
Figura 11 Sucesso na profissão ¹²	64
Figura 12 O desafio de arranjar emprego ¹³	64
Figura 13 Decida antes que decidam por você ¹⁴	65
Figura 14 A economia decola e os empregos estão de volta ¹⁵	65
Figura 15 Filhos Tiranos, pais perdidos ¹⁶	66
Figura 16 O que fazer para seu filho não levar bomba na escola ¹⁷	67
Figura 17 Acredite no seu sonho ¹⁸	67

² *Época*, 30 jun. 2003, p.92-93.

³ *Época*, 3 jun. 2002, p. 58-59.

⁴ *Época*, 12 jun. 2002, p. 50-51.

⁵ *Época*, 17 jun. 2002, p. 56-57.

⁶ *Época*, 28 jun. 2004, p.109.

⁷ *IstoÉ*, 09 jul. 2004, p.105.

⁸ *IstoÉ*, 12 maio 2004, p.36-37.

⁹ *Veja*, 30 jun. 2004, p.88.

¹⁰ *Veja*, 09 abr. 2003, p.05.

¹¹ *Veja*, 3 mar. 2004, p.95

¹² *Veja*, 4 jun. 2003, capa.

¹³ *Veja*, 17 dez. 2003, capa.

¹⁴ *Veja*, 14 jan. 2004, capa.

¹⁵ *Veja*, 08 dez. 2004, capa.

¹⁶ *Veja*, 18 fev. 2004, capa.

¹⁷ *IstoÉ*, 13 out. 2004, capa.

¹⁸ *IstoÉ*, 23 jul. 2003, capa.

Figura 18 Escolas da era digital ¹⁹	68
Figura 19 Escolha a carreira certa ²⁰	68
Figura 20 Onde está o novo emprego ²¹	69
Figura 21 Aprendizado no batente ²²	71
Figura 22 Currículo turbinado ²³	73
Figura 23 A anfitriã americana ²⁴	73
Figura 24 Pós-graduação no exterior ²⁵	74
Figura 25 Diploma muy amigo ²⁶	74
Figura 26 Pés no chão e cabeça nas nuvens ²⁷	110
Figura 27 O que as grandes exportadoras exigem na hora de contratar ²⁸	112
Figura 28 O gênio da vez ²⁹	113
Figura 29 Garoto de ouro ³⁰	114
Figura 30 A receita dos bons alunos ³¹	114
Figura 31 Existe outra diferença ³²	115
Figura 32 Para enfrentar o funil ³³	117
Figura 33 De mochila pronta ³⁴	119
Figura 34 Da fabricação de computadores à impressão de livros didáticos ³⁵	120
Figura 35 Viu como ler jornal ajuda a entrar na faculdade? ³⁶	120
Figura 36 Tudo por um diploma ³⁷	130
Figura 37 A batalha pela qualidade ³⁸	132

¹⁹ *Época*, 8 nov. 2004, capa.

²⁰ *Época*, 01 set. 2003, capa.

²¹ *Época*, 12 jul. 2004, capa.

²² *Época*, 23 fev. 2004, p.50-51.

²³ *Época*, 12 jul. 2004, p. 54-59.

²⁴ *Época*, 09 fev. 2004, p. 49.

²⁵ *Veja*, 6 set. 2006, p. 122-123.

²⁶ *Veja*, 4 maio 2005, p. 102- 104.

²⁷ *IstoÉ*, 23 julho, 2003, p. 63-67.

²⁸ *Veja*, 8 dez. 2004, p. 40-47.

²⁹ *Veja*, 30 abr. 2003, p.62.

³⁰ *IstoÉ*, 11 fev. 2004, p.56.

³¹ *Veja*, 26 maio 2004. p.106-108.

³² *Veja*, 9 junho, 2004, p.72- 76.

³³ *Veja*, 17 dezembro, 2003. p. 9.

³⁴ *IstoÉ*, 4 fev. 2004, p.40-41.

³⁵ *Época*, 18 out. 2004, p. 58.

³⁶ *IstoÉ*, 25 fev. 2004, p.11.

³⁷ *Veja*, 28 jan. 2004, p.66-67.

³⁸ *Veja*, 09 jul. 2003, p.53.

Figura 38 Verstehen Sie, Mamma? Entendeu, mamãe? ³⁹	133
Figura 39 Experiência externa ⁴⁰	134
Figura 40 Made in CCAA ⁴¹	135
Figura 41 Positivo: educação para a vida ⁴²	136
Figura 42 A temporada dos trainees ⁴³	138
Figura 43 De olho nas escolas ⁴⁴	139
Figura 44 Gestão do Capital Humano ⁴⁵	139
Figura 45 O espetáculo da Solidariedade ⁴⁶	141
Figura 46 Ética dá lucro ⁴⁷	141
Figura 47 Auto-estima. Que matéria melhor uma escola poderia ensinar? ⁴⁸	143
Figura 48 Reforma da educação superior ⁴⁹	145
Figura 49 ProUni ⁵⁰	145
Figura 50 Bolsa Família ⁵¹	146

³⁹ *Época*, 25 abr. 2005, p.102-103.

⁴⁰ *Época*, 27 jun. 2005, p.67.

⁴¹ *Veja*, 4 fev. 2004, p. 50-55.

⁴² *Época*, 24 out. 2005, p.15.

⁴³ *Veja*, 14 set. 2005, p.118- 120.

⁴⁴ *Época*, 8 de set. 2003, p.42-43.

⁴⁵ *IstoÉ*, 19 mar. 2003, p. 87.

⁴⁶ *Época*, 29 dez. 2003, p.31.

⁴⁷ *IstoÉ*, 8 set. 2004, p. 56-57.

⁴⁸ *Época*, 28 nov. 2005.

⁴⁹ *Época*, 27 dez. 2004, p.25.

⁵⁰ *IstoÉ*, 27 out. 2004, p.71-72.

⁵¹ *Época*, 27 out. 2003, p. 16-17.

12	CARTA AOS LEITORES
21	CAPÍTULO I - FOLHEANDO PÁGINAS – ESCOLHAS
24	Notícias das opções teóricas – ferramentas
38	Lendo as revistas – documentos/monumentos
81	CAPÍTULO II - A SOCIEDADE NEOLIBERAL EM REVISTA – CAPTURAS NEOLIBERAIS
82	A sociedade de resultados
91	O governo da excelência
97	A liberdade festejada
104	CAPÍTULO III - A PAUTA PARA A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA CAPACITAÇÃO – LEITURAS SOBRE A EDUCAÇÃO NEOLIBERAL
107	A cultura da competência
116	O mercado produtor de talentos
140	O espetáculo da solidariedade
151	REVISTANDO A LEITURA
154	REFERÊNCIAS
161	APÊNDICES
162	Apêndice 1 – Instrumento de coleta de dados
163	Apêndice 2 – Ficha de leitura
164	Apêndice 3 – Panorama da tese

Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, ou colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. Realidade histórica dessa alma que, diferentemente da alma representada pela teologia cristã, não nasce faltosa e merecedora de castigo, mas nasce antes de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação. Esta alma real e incorpórea não é absolutamente substância; é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder. (FOUCAULT, 1999, p. 28)

A epígrafe acima inspirou a minha trajetória de pesquisa, onde procurei aliar dois campos do conhecimento que fazem parte da minha história de vida, de estudo e de trabalho. Minha intenção foi sublinhar a mídia e a educação nos jogos de poder que compõem as sociedades contemporâneas. Ao incorporar as discussões pós-estruturalistas que evidenciam a vitalidade da educação, “[...] e sem perder de vista, no panorama composto pela ordem capitalista coercitiva e excludente, a dimensão histórica das relações de dominação [...]” (COSTA, 2003, p. 14), busquei nos autores dos Estudos Culturais em Educação, nos comentadores de Foucault e nas contribuições foucaultianas, formas diferentes de compreender o poder.

Nesta tese, *A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ*, demonstro que a racionalidade e as práticas neoliberais, que constituem o projeto político predominante nas sociedades contemporâneas, têm materialidade no texto das revistas produzindo discursos e enunciados conectados com essa perspectiva. A partir da análise dos textos que abordam a educação, busco compreender e mostrar como as relações de poder das políticas neoliberais tornam-se práticas capilares, insidiosas, incorporadas nos discursos dessas mídias, sem uma conotação repressora e autoritária, mas como verdades que circulam nos espaços públicos, interagindo produtivamente com os leitores e leitoras das revistas semanais de notícias.

Optei por estudar a educação nas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, autodenominadas informativas ou de notícias, abordando o entrecruzamento que essas mídias fazem da

governamentalidade neoliberal e da educação. Em minhas análises, as revistas são tomadas como operadoras de “pedagogias culturais”, nas quais conhecimentos e saberes circulam e o poder é organizado e difundido. (STEINBERG; KINCHELOE, 2001)

Essas mídias são lidas, discutidas, dispensadas ou arquivadas como registros históricos e instrumentos de pesquisa. Esses discursos fragmentados, dispersos, entre outros assuntos, pautam informações distribuídas para o Brasil e para o resto do mundo. São consumidos por assinantes, utilizados como textos nas escolas, comprados aleatoriamente nas bancas de revistas, lidos e relidos. Com isso, destaca-se o poder constitutivo das revistas que ao marcar, mencionar, noticiar fatos e informações sobre a educação, dão sustentação ao modelo neoliberal ensinando qual é o papel da educação e dos sujeitos na concepção política, econômica, social e cultural predominante nas sociedades contemporâneas.

Ao tomar como objeto de estudo a mídia como dispositivo produtivo para a governamentalidade neoliberal, a pesquisa investiga e procura mostrar como os discursos das revistas operam como via de circulação e instrumento de articulação das relações de poder-saber produzidas pela política neoliberal. Para isso, utilizei, como *corpus* de análise, textos e imagens que abordavam a educação, publicados entre os anos 2003, 2004 e 2005, nas três maiores revistas brasileiras autodenominadas informativas: a *Veja*, a *IstoÉ* e a *Época*⁵². A pesquisa preocupou-se em demonstrar a produtividade política da articulação neoliberal nas revistas, pois ao mesmo tempo em que ela é produzida, também cria práticas e subjetividades férteis para a sua execução.

Quando pautam a educação, as revistas não estão apenas publicando informações, anúncios, opiniões e comentários gerais sobre ela. Quando as matérias problematizam a o esporte, a economia, a educação, a saúde e outras temáticas, elas compõem textos culturais que produzem formas de fazer, de aprender, de ensinar e, sobretudo, de ser e de compreender o mundo. À medida que os meios de comunicação instituem a si mesmos como espaço e tempo dos acontecimentos, eles atravessam e ocupam os espaços públicos, interagindo na constituição da opinião pública, nas decisões e nas concepções que circulam no mundo.

A análise permitiu problematizar os textos publicados demonstrando o governo de racionalidades e condutas, que têm como parâmetro o projeto neoliberal de sociedade. Na leitura das revistas, utilizei a análise de discurso, na abordagem foucaultiana, que considera as palavras e seus sentidos estabelecidos discursivamente, sem tomar os discursos como

⁵² Tais textos e imagens integram reportagens, notícias, opiniões, artigos e peças publicitárias.

indicadores de sentidos profundos, mas ligados ao campo prático no qual eles são desdobrados. Ao analisar as revistas, não tive a preocupação de traçar comparativos entre elas ou de quantificar a publicação das matérias que pautavam a educação escolar. Como diz Foucault (2003), “[...] o que me interessa, no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento” (p. 255). Assim, trato o texto das revistas como acontecimentos discursivos e os discursos por elas veiculados como uma série de acontecimentos que procuro relacionar e descrever, para ver como eles mantêm ligação com o projeto neoliberal de sociedade.

Desse modo, uma análise do discurso numa perspectiva foucaultiana não deve partir de uma suposta estrutura ou de um sujeito-autor, que seriam anteriores aos próprios discursos e que se colocariam acima desses. Não se trata, também, de analisar os discursos como indicadores de sentidos profundos ou de determinadas individualidades intelectuais ou psicológicas, materializadas nesse ou naquele autor, inscritos, por sua vez, nessa ou naquela instituição. Trata-se de analisá-los tendo sempre em vista que é por “uma certa economia dos discursos de verdade [que] há possibilidade de exercício de poder”. Nesse sentido, aquele que anuncia um discurso é que traz, em si, uma instituição e manifesta, por si, uma ordem que lhe é anterior e na qual ele está imerso. (VEIGA-NETO, 2003, p. 119-120)

Trabalhei com o sentido foucaultiano do discurso, que é abrangente e diz respeito ao conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, constituído historicamente e em meio a disputas de poder. O discurso não se confunde com fala, oratória, frases, enunciações, mas é ele mesmo uma prática constituidora de outras práticas e é constituído no interior das mesmas. No campo dos estudos foucaultianos o que importa é descrever as regras de formação ou as condições de possibilidade em que os enunciados são instituídos. Como argumenta Foucault (1986), para trabalhar com a análise discursiva de que ele fala, “[...] é preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (p. 24).

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso; deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 1986, p. 31-32)

Foucault alertava também que para tomar os discursos e observar sua positividade na constituição dos fatos,

[...] é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância. (FOUCAULT, 1986, p. 28)

Quando escolhi analisar os discursos das revistas, presumi que neles existiam representações sobre a educação. Ou seja, acreditava que os textos das revistas produziam significados por meio de sua linguagem e, assim, operavam na compreensão da educação, instituindo maneiras de pensar sobre ela. A importância de olhar a educação nestas revistas está em assinalar a mídia como um campo discursivo, inserido em uma certa lógica econômica, social, cultural e política, com capacidade constitutiva de falar sobre o universo dos mais diversos campos do conhecimento. Ao falar sobre a educação, as revistas constituem a educação, pois constroem sentidos, criam notícias, anunciam proposições e apresentam matérias que têm a pretensão de dizer o que é importante para os seus leitores e leitoras.

Fischer (2001), ao mencionar sua experiência de investigar sobre mídia, cultura e produção de subjetividades por meio da televisão, enfatiza a dimensão que esses estudos têm para quem pesquisa os artefatos culturais. Isso incentivou meu investimento na pesquisa, pois “mergulhar nesse universo das diferentes formas e estratégias de produção, veiculação e recepção de artefatos culturais é participar de uma investigação permanente sobre nós mesmos, nossa cultura, as relações de poder em nossa sociedade, os modos de constituir sujeitos e de interpelar indivíduos e grupos sociais”. (FISCHER, 2001, p. 109)

Ao estudar revistas de notícias, ressalto e problematizo seu caráter político, sua capacidade de disseminar discursos e compor informações sobre tantos temas, entre eles, a educação. Os textos publicados e endereçados aos leitores e leitoras das revistas anunciam a educação e, ao abordarem sua conjuntura, atribuem a ela poderes e saberes, através de práticas e racionalidades específicas. Ao analisar como a mídia participa no processo de compor o sistema de ensino, de acordo com o que ensina o projeto neoliberal contemporâneo de sociedade, que integra suas pautas, vejo a importância do trabalho que desenvolvo como professora de futuros jornalistas, publicitários e relações públicas, possíveis autores e autoras de textos, campanhas, projetos e instrumentos de comunicação.

Esta pesquisa foi um empreendimento prolongado, onde minha carreira docente, iniciada em 1988, foi desconstruída, questionada, revisitada e reconstituída várias vezes. Os resultados relatados nesta tese não conseguirão dimensionar a intensidade do processo de aprendizagem vivido até aqui. Seria impossível encontrar palavras para traduzir a veemência dos afetos, dos conflitos, das descobertas e das mudanças que este doutorado operou na minha vida. Meus alunos sabem do que estou falando, meus filhos, meus amigos e amigas, os colegas de docência e todos aqueles que convivem com a minha paixão pela educação e pela comunicação acompanham meu entusiasmo, minha motivação e envolvimento. Os livros, as salas de aula, os encontros acadêmicos têm me oferecido fôlego e resistência, espaço para criticar e motivo para criar, capacidade plástica para me deslocar e me reinventar.

Fiquemos nessa afirmação: não somos forçosamente perdedores se ousamos mudar, partir a linha, descobrir outro modo de pensar os problemas que identificamos como dignos e necessários de investigar. Talvez com esse posicionamento sejamos, sim, forçosamente intelectuais em situação de risco, o que pode significar também que estejamos assumindo uma atitude relativa não só à nossa prática profissional, mas, antes, a uma genuína prática de vida. Isso nos leva a discutir aqui um pouco mais sobre o quanto e o que significa para nós pensar, escrever, estudar, produzir pensamento – afinal, escrever uma tese ou uma dissertação é isso mesmo: pensar, escrever, produzir pensamento. Ainda seguindo Foucault, pensar talvez não possa nem deva se reduzir a fazer (ou a discutir teoria). Pensar é exercitar um modo de vida, estudar e viver a própria vida presente. (FISCHER, 2002, p. 69-70)

As reflexões que apresento ao longo desta tese não têm a intenção de alcançar conclusões definitivas, elas fazem parte do processo de convivência com as revistas e com as preocupações que fui desenvolvendo nas leituras, seminários e discussões da linha de pesquisa em que estou inserida, onde aprendi a “[...] necessidade de colocar tudo sob suspeita – até mesmo os fundamentos racionalistas e humanistas que sustentam nossos discursos e nossas práticas [...]” (VEIGA-NETO, 1995, p. 49), e isto têm resultado em “pequenas revoltas diárias” (ibidem, p. 49) e em mudanças significativas que repercutem nas minhas aulas, nas minhas escolhas e na forma como percebo o mundo. Ao avaliar as aprendizagens do caminho que percorri até aqui, observo que uma contribuição significativa é o fato de que olhar para a educação “[...] e para a cultura como espaços da nossa captura e sujeição”, o que pode “tornar-nos mais humildes e receptivos para tentar compreender aquilo que nos circunda, nos constitui e nos aprisiona irrecorrivelmente”. (COSTA, 2000, p. 89)

As contribuições foucaultianas foram pertinentes para compreender e dimensionar o papel da educação no mundo atual, mas também para sublinhar a importância da mídia na conformação dos processos sociais. Como comunicadora e professora de comunicação tive o

privilégio de revisar conhecimentos, revigorar minhas atividades profissionais, lançando olhares de suspeição para o que havia aprendido ao longo da minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Início a tese com uma *Carta aos Leitores*, onde apresento fragmentos da trajetória que percorri até chegar ao Curso de Doutorado em Educação, aos Estudos Culturais e ao campo dos estudos foucaultianos.

No Capítulo I, *Folheando páginas – escolhas*, contextualizo minhas opções e enumero situações e posições que me trouxeram para a docência e me instigam a utilizar as revistas para pesquisar *A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ*. Neste capítulo desenvolvo *Notícias das opções teóricas e Lendo as revistas*.

Notícias das opções teóricas situa as ferramentas teóricas utilizadas para implementar a pesquisa e problematizar os textos das revistas. Descrevo a temática escolhida, apresento os questionamentos preliminares que originam o objeto de estudo e os objetivos das análises realizadas e passo a relatar as referências teóricas que subsidiam a elaboração da tese. A partir das contribuições de Michel Foucault e dos Estudos Culturais em Educação, tento problematizar os principais conceitos empregados como ferramentas para a configuração da pesquisa.

Lendo as revistas expõe algumas peculiaridades do gênero revista, que justificam sua escolha como objeto de pesquisa. Faço a caracterização do gênero das revistas impressas, ditas informativas e esboço a trajetória das revistas *Veja, Época e IstoÉ*, selecionadas para as análises, contextualizando a importância que desempenham na conjuntura informativa nacional. Como produtos consumidos, estudados, interpretados e disseminados entre leitores eventuais e assinantes, as revistas criam e recriam o imaginário nacional, discutem os problemas do país, anunciam proposições para os dilemas brasileiros e a educação é uma temática citada, discutida, invocada recorrentemente.

A seguir, no Capítulo II, *A sociedade neoliberal em revista – capturas neoliberais*, aprofundo a análise dos textos e demonstro como as revistas fazem proposições para as sociedades contemporâneas, sugerindo concepções e práticas favoráveis para a manutenção das políticas neoliberais. *A sociedade de resultados, O governo da excelência e A liberdade festejada* demonstram que as políticas e as relações de poder neoliberais são práticas incorporadas nos discursos das revistas como verdades colocadas em circulação para

os seus leitores. *A sociedade de resultados* enfatiza a competição, a disputa, a concorrência estimulada pelo mercado de economia privada, como práticas e discursos propagados para as diversas instâncias sociais, inclusive para a educação.

Em *O governo da excelência* mostro que a hegemonia das políticas neoliberais passa pelo governo do senso comum no que se refere às noções e práticas produtivas para sua manutenção. A excelência e a capacitação são práticas mencionadas, incentivadas, valorizadas nas revistas, nos depoimentos dos personagens entrevistados, como valores inquestionáveis do mundo contemporâneo. A incorporação da excelência cerca a vida pessoal, acadêmica e de trabalho, permeando as relações entre os sujeitos e a cultura de modo geral.

Na seção *A liberdade festejada*, evidencio que a sociedade que se denomina “aberta”, regida pela auto-regulação da economia e da propriedade privada, também maximiza a liberdade individual. Os discursos das revistas dizem que todos são livres para fazer escolhas, consumir, adquirir. O sujeito do neoliberalismo deve empresariar a própria vida, administrar e produzir o próprio sucesso, garantindo assim o rendimento excelente das instituições.

No Capítulo III, *A pauta para a educação na sociedade da capacitação – leituras sobre a educação neoliberal* abordo: *A cultura da competência*, *O mercado produtor de talentos* e *O espetáculo da solidariedade*.

A cultura da competência diz respeito à expectativa de que a educação atenda às necessidades geradas pela sociedade neoliberal, preparando os estudantes para a produtividade máxima no mercado de trabalho. Nas revistas a competência refere-se à plasticidade nas adaptações; a agilidade nas ações; no estabelecimento de redes de contatos produtivos; domínio das inovações tecnológicas; cumprimento de metas etc. E a educação é encarregada de cumprir com a sua parte para o “desenvolvimento”, o sucesso dos sujeitos e da sociedade neoliberal.

O mercado produtor de talentos procura mostrar que o caráter mercadológico circunda o universo da educação. O tratamento da educação como mercadoria, a rentabilidade e a mercantilização do conhecimento são visíveis nas páginas das três maiores revistas informativas brasileiras. Produzir talentos em meio às adversidades do mundo globalizado é expectativa para escolas, professores e estudantes e em torno dela proliferam produtos de todos os tipos: cursos, escolas, material escolar e didático, tecnologias etc. As revistas oferecem produtos, divulgam marcas que associadas à educação potencializam seu capital,

mas, além disso, caracterizam o “talento” necessário em tempos de neoliberalismo globalizado.

O espetáculo da solidariedade demonstra que a educação é produtiva para investimentos em projetos sociais. Invocando solidariedade, responsabilidade social ou cidadania, aliadas à educação, os textos das revistas trazem empresas, políticos e personagens diversos que incrementam seu marketing produzindo divulgação e empatia para seus produtos e marcas.

Na conclusão, denominada *Revistando a leitura – interrompendo o texto*, estabeleço o fim desta etapa da minha observação das revistas, reconhecendo que elas continuarão fazendo parte das minhas tardes de domingo, dos conteúdos das minhas aulas e das pesquisas que empreenderei a seguir.

US\$ 6,00

ÉPOCA

www.epoca.com.br



R\$ 5,90 N° 267 30 junho 2003

Do maternal à faculdade



**REQUIÃO:
O ITAMAR
DE LULA**

O SUCESSO DE SEUS FILHOS

- Como escolher a escola certa
- O aprendizado dentro de casa
- Brincadeiras que educam
- Crie profissionais felizes e equilibrados
- Ajude na hora de definir a carreira
- Quanto custa tudo isso



**REPORTAGEM
ESPECIAL**

**ANTECIPAMOS
AS TENDÊNCIAS
DA FASHION WEEK
PARA O VERÃO**



EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Às vezes me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à idéia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá tanta importância. Essas correntes, como os temas da vida de uma pessoa, fluem ao longo das horas de vigília e, em seu melhor estado, não requerem nenhuma reconciliação, nenhuma harmonização.

Elas escapam e podem estar fora do lugar, mas pelo menos estão sempre em movimento, no tempo, no espaço, em toda espécie de estranhas combinações que se movem, não necessariamente para a frente, às vezes umas em choque com as outras, fazendo contrapontos, ainda que sem um tema central. Uma forma de liberdade, eu gostaria de acreditar, embora esteja longe de ter certeza disso. Esse ceticismo também é um dos temas aos quais particularmente gostaria de me agarrar. Com tantas dissonâncias em minha vida, de fato aprendi a preferir estar fora do lugar e não absolutamente certo. (SAID, 2004, p. 429)

Minha tese reúne interesses que foram constituídos por aspirações pessoais, necessidades profissionais, mas, principalmente, pelo contato com o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e com a linha de pesquisa de Estudos Culturais em Educação. Para começar a apresentar minhas intenções de trabalho, saliento que não tenho a pretensão de encontrar o motivo “exato” pelo qual, tendo cursado jornalismo, escolhi ser professora, mas posso revisar algumas passagens que foram importantes e que, talvez, tenham inspirado algumas preferências e iniciativas que tive ao longo da minha vida.

A epígrafe de Edward Said traduz a sensação que tenho quando penso nos espaços em que vivi e nas escolhas que fiz. Caminhos híbridos, experiências hoje lembradas com “[...] a pressão do tempo que se esvai” (SAID, 2004, p. 328). Minha história foi constituída em diversos lugares, na interação com pessoas, oportunidades de trabalho e de estudo. As posições que hoje assumo e as identidades que apresento foram esboçadas em preferências e caminhos nem sempre coerentes, mas dispostos nas oportunidades possíveis que me trouxeram até aqui e que foram flexíveis, provisórias e híbridas, como evidencia Hall:

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um “posicionamento”, ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades. (HALL, 2003, p. 433)

Concluí o Curso de Especialização em Sociologia na Universidade Federal de Pelotas onde paralelamente cursei o Esquema I, que habilitava graduados de áreas diversas para o exercício docente em disciplinas do currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação Profissional em Nível Médio. O contato com a Faculdade de Educação foi significativo; lá exercitei minhas primeiras experiências como professora durante o estágio do Esquema I e passei a vislumbrar a possibilidade de um dia tornar-me uma profissional da Educação. Comecei a lecionar no curso de graduação em Comunicação em 1988, na Universidade Católica de Pelotas, onde também cursei Jornalismo.

Minhas preocupações com a complexidade do mercado profissional e com a importância social da comunicação eram potencializadas pela convivência com as dificuldades e contradições das instituições de ensino superior, das quais participei como aluna e depois como professora. No acompanhamento de estudantes que chegavam cheios de expectativas, em busca de respostas, de aprendizagens apropriadas e dispostos a investir suas vidas em uma carreira, passei a tecer questionamentos sobre o papel da educação e, principalmente, sobre o significado dela na minha vida. Na época, com as primeiras turmas de alunos, tive muitas inquietações com o ensino e com a docência na graduação. Procurei instituir soluções práticas, montando uma Agência de Comunicação Experimental e criando situações de discussão teórico-prática como, por exemplo, o *I Caça Talentos*, um festival de trabalhos acadêmicos de comunicação, que existe ainda hoje. Com o intuito de mobilizar o interesse e a discussão entre os alunos sobre o papel do comunicador, empreendi muitos projetos, procurei exaustivamente respostas e soluções. Elas não vieram e achei que o Mestrado em Educação, que anos depois cursei na PUCRS, pudesse contemplar o meu prazer de lecionar e o desassossego que a vida docente produzia em mim.

Ao passear por momentos da minha trajetória para indicar como cheguei ao Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS (PPGEdu), revejo passagens que formam um caleidoscópio de pessoas, lugares e situações, em cenas que passam pela infância e a vida escolar em Rosário do Sul, pela graduação em Jornalismo na UCPel, pela especialização em Sociologia na UFPel, pelos bons tempos vividos até 1996 em Pelotas, pelas várias instituições onde trabalhei, pelo Mestrado em Educação na PUCRS, chegando até o concurso e ingresso como professora na UFRGS, tornando-se impossível selecionar e relatar aqui tantas experiências. Assim, meu currículo foi constituído em propostas de trabalho que tiveram definições, emergências e necessidades pontuais, mas que hoje me colocam onde gosto de estar. Gosto de ser professora de Comunicação e tenho

satisfação em conviver com o ambiente acadêmico, com alunos de graduação, acompanhar suas trajetórias, estudar a mídia, principalmente porque percebo que estou inserida em um campo que vem adquirindo crescente centralidade, como mostra Vattimo (1992, p. 10):

A par do fim do colonialismo e do imperialismo, um outro grande fator foi determinante para a dissolução da idéia de história e para o fim da modernidade. Referimo-nos ao advento da sociedade de comunicação. Chego assim [...] à “sociedade transparente”. Como se terá observado, a expressão “sociedade transparente” é aqui introduzida em termos interrogativos. O que pretendo afirmar é: a) que no nascimento de uma sociedade pós-moderna um papel determinante é desempenhado pelos *mass media*; b) que estes caracterizam esta sociedade não como uma sociedade “mais transparente”, mais consciente de si, mais “iluminada”, mas como uma sociedade mais complexa, até caótica; e por fim, c) que é precisamente neste relativo “caos” que residem as nossas esperanças de emancipação.

A tentativa de compreender a mídia, problematizar seu universo e sua função, acompanha minha história profissional como jornalista e como professora. Na escolha do Curso de Doutorado, procurei contemplar esses dois campos de conhecimento e, ao ler sobre os Estudos Culturais e participar como aluna sem vínculo de algumas disciplinas do PPGedu, decidi pelo Doutorado em Educação. Passei a freqüentar o prédio da Educação da UFRGS com certa assiduidade, revirei dissertações, teses, assisti a palestras e aulas. Percebi, nas pesquisas e nos textos lidos, que o referencial teórico dos Estudos Culturais articula diferentes campos, entre eles o da Comunicação e da Educação, simultaneamente. E, desde então, tem sido meu objetivo desenvolver estudos e inserir-me como pesquisadora nessas áreas de conhecimento.

A perspectiva analítica na qual desenvolvi minha pesquisa, com as contribuições dos Estudos Culturais em Educação, especialmente na vertente voltada para as análises textuais, além de possibilitar-me a confluência dos dois campos do saber em que tenho me envolvido, também favoreceram a contextualização cultural dos artefatos culturais e os produtos da mídia, que constituem a preocupação central dos cursos de graduação em Comunicação Social. O contato com leituras que me permitiram problematizar e questionar tudo o que aprendi, e também o que ensinei, em todos estes anos como professora, me levaram a suspeitar das certezas estabelecidas e a experimentar outras experiências docentes. O ambiente acadêmico, o entusiasmo e o dinamismo de meu grupo de pesquisa e os estudos desenvolvidos na Linha dos Estudos Culturais têm servido de motivação, de alento, de oportunidade e aprendizagem para superar as contingências da vida profissional e pessoal.

Enfim, a temática escolhida para esta tese aborda dois campos de saber que são significativos para a tentativa de compreender a complexidade e a diversidade das sociedades contemporâneas. Considero instigante verificar o lugar da mídia e da educação neste tempo caracterizado pela efemeridade que marca nossas instituições, nossos quadros de referência, estilos de vida, valores e convicções.

Notícias das opções teóricas - ferramentas

Por essa palavra “governamentalidade”, quero dizer três coisas. Por “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises, reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, bem complexa, de poder, que tem como alvo principal a população, como forma mais importante de saber, a economia política, como instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por “governamentalidade”, entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente não cessou de conduzir, e há muitíssimo tempo, em direção à preeminência desse tipo de saber que se pode chamar de “governo” sobre todos os outros: soberania, disciplina. Isto, por um lado, levou ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo e, por outro, ao desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, acho que se deveria entender o processo, ou melhor, o resultado do processo pelo qual o Estado de Justiça na Idade Média, tornado nos séculos XV e XVI Estado administrativo, encontrou-se, pouco a pouco, “governamentalizado”. (FOUCAULT, 2003, p. 303)

A epígrafe acima anuncia a fonte de inspiração para desenvolver meu trabalho, que tem por objetivo demonstrar que a racionalidade e as práticas neoliberais, constituintes do projeto político predominante nas sociedades contemporâneas, têm materialidade no texto das revistas, produzindo discursos conectados com essa perspectiva. Minha tese procura evidenciar que a racionalidade e as práticas neoliberais circulam nas matérias quando as revistas narram, fabricam e produzem discursos sobre a educação e, por meio deles, acionam proposições para a sociedade, para a educação e para o sujeito do neoliberalismo.

Minha pesquisa tem como objeto de estudo a mídia enquanto dispositivo produtivo para a governamentalidade neoliberal e articula as contribuições da perspectiva analítica dos Estudos Culturais em Educação com as teorizações foucaultianas na leitura das revistas semanais de notícias. Observa-se que os textos nelas publicados estão impregnados de discursos sobre a educação, que sustentam e reforçam o projeto neoliberal. Busco inspiração em análises pós-estruturalistas, especialmente nas contribuições foucaultianas, para problematizar o texto das revistas como um território “[...] em que tanto os textos escritos

quanto imagens e outros recursos gráficos e editoriais são campos de luta e de prática de uma política de representação”. (COSTA; SILVEIRA, 1998, p. 352)

Utilizo os conceitos de governamentalidade e governo, onde governo, ao longo da tese, está relacionado com a ação ou ato de governar. Veiga-Neto (2000) utiliza esta expressão para tornar mais rigoroso e fácil o entendimento atribuído por Foucault à palavra governo. Na perspectiva foucaultiana, governo não se refere apenas às estruturas políticas e à gestão do Estado, mas pode também ser compreendido como aquelas formas de agir que afetam a maneira como os indivíduos conduzem aos outros e a si mesmos. O sentido atribuído por Foucault ao termo governo tem um significado inovador e mais abrangente do que a noção convencional, que o identifica como ação executiva e legislativa do Estado. Assim, a expressão governo proposta por Veiga-Neto (2000) diferencia-se de governo, enquanto instância de controle político e como instituição à qual cabe o exercício da autoridade. Utilizo governo para caracterizar o poder que se exerce e é exercido para administrar as condutas. Ao analisar como as revistas semanais, ditas de notícias, produzem noções neoliberais inseridas nas matérias que abordam a educação, encontramos formas de governo dirigidas para a sociedade, para os indivíduos e para a educação.

Veiga-Neto (2000) esclarece que o governo é um modo de ação eventual de “[...] gerir os Estados e o funcionamento da política, gerir a conduta das pessoas [...]”. (ibidem, p. 25)

Além de resultar de uma ação (de poder) de um/ uns sobre o(s) outros(s), o governo, enquanto condução, pode resultar, também, de uma ação em que cada um se conduz a si mesmo, ou seja, de uma ação de alguém sobre si mesmo, sobre aquilo que pensa e aquilo que faz. Seja sobre os outros, seja sobre si mesmo, tais ações acontecem graças a determinadas técnicas, em geral muito específicas e refinadas. Quando se dão de uns sobre os outros, Foucault diz que tais técnicas são de *dominação* e de *poder*. Quando se dão de alguém sobre si mesmo, ele diz que se trata de técnicas de si – ou, como mais se usa na língua portuguesa, tecnologias do eu. (VEIGA-NETO, 2006, p. 23)

Ao estudar a temática da educação nas revistas, encaixo-me na perspectiva de análise cultural em que as mídias são pesquisadas e entendidas como produtoras de conhecimentos e constituidoras de identidades culturais. Entre os inúmeros trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS, as pesquisas de Fabris (1999, 2005), Rocha (2000, 2005), Bujes (2001), Costa (2002), Silveira (2002), Sommer (2003), Klaus (2004), Neuls (2004), entre outras, demonstram a produtividade das análises culturais. Tomo como exemplos algumas pesquisas que utilizaram revistas como objetos de análise. O primeiro deles, a Tese de Doutorado de Kruse (2003), *Os poderes dos corpos frios – das*

coisas que se ensinam às enfermeiras, desenvolve uma leitura dos textos publicados na *Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)*, para analisar os saberes sobre o corpo que ali se articulam. O mapa definido pela autora, a partir das revistas, remete aos manuais e técnicas de enfermagem, aos manuais de diagnóstico de enfermagem e aos livros-textos utilizados no Curso de Graduação de Enfermagem. A autora observa, nos discursos, intenções pedagógicas com capacidade e objetivo de ensinar procedimentos e condutas para as enfermeiras, o que é reforçado pelo fato da revista ser encontrada no acervo bibliográfico da maioria das Escolas de Enfermagem do País.

Por sua vez, a Tese de Doutorado de Weschenfelder (2003), *Uma história de governo e de verdades: educação rural no RS 1950/1970*, procura mostrar como a educação rural constituiu-se em dispositivo de governo da população no período estudado. Para investigar o processo de produção de subjetividades de crianças, jovens e docentes do meio rural, a autora analisa a *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* e o manual didático *Escola Primária Rural*, concluindo que os investimentos processados nesses artefatos não queriam produzir apenas os rurais escolares, mas também pretendiam atingir as comunidades rurais, administrando as famílias e a vida dessas populações.

As pesquisas de Schmidt (2006) e Rocha (2005) também foram inspiradoras e úteis para a configuração da minha investigação. Schmidt (2006) em sua tese de doutorado *Ter atitude: Escolhas da juventude líquida. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global*, utilizou a mídia impressa como foco de estudo, centrando sua análise em revistas e, simultaneamente, na discussão das mesmas por um grupo de acadêmicos de Comunicação Social. Sua pesquisa buscou compreender como a expressão ambivalente “ter atitude”, disseminada amplamente na mídia, acaba por mostrar as fraturas de um conceito historicamente construído como o de “juventude”. Tendo como referência teórica os estudos de Zygmunt Bauman, Schmidt desenvolveu análises que colocam em relevo a estreita relação entre a cultura jovem e a globalização. Tal articulação permitiu estruturar discussões sobre os conceitos que emergiram como centrais em sua tese: *juventude líquida, ambivalência e identidade*. Dois conjuntos de materiais constituíram o *corpus* de análise da pesquisa. O primeiro conjunto foi composto por materiais extraídos da Revista *MTV* (especialmente, editoriais e campanhas publicitárias). O segundo conjunto resultou de discussões desenvolvidas junto a dois grupos de acadêmicos do curso de Comunicação do Centro Universitário Feevale. A investigação evidenciou de que maneira a expressão ambivalente “ter atitude” encontra no universo igualmente ambivalente (o dos jovens) um lócus notável

para sua efetivação, e analisou de que forma e por quais caminhos ela acaba por encontrar no universo jovem um meio singular e sugestivo para seu implemento.

Rocha (2005) analisa textos publicados sobre a escola em diferentes mídias, para compreender as condições de possibilidade que permitem à instituição escolar se “modernizar” para continuar produzindo corpos e mentes dóceis, disciplinados, educados, controlados, com o mínimo de violência explícita e a máxima aplicabilidade da vigilância contínua, implícita e internalizada. A pesquisadora analisa reportagens das revistas *Veja* e *IstoÉ* de 1998 a 2002 sobre escola, violência escolar, novas tecnologias de comunicação e informação, mecanismos de controle, educação a distância etc. Estes temas, veiculados pelas revistas, constituem uma teia discursiva atualizando a importância da instituição escolar na contemporaneidade.

Esses trabalhos, a intensa produção acadêmica que utiliza análises textuais baseadas nos Estudos Culturais e a vasta bibliografia da área sinalizam “[...] a abordagem desses artefatos e práticas culturais como discursos produtivos que inventam os objetos sobre os quais falam, ajudando a compor sua identidade” (COSTA, 2003, p. 15). Como professora da área de Comunicação, considero que estes estudos podem contribuir para o ensino por tratarem da mídia e das várias maneiras como a educação é articulada atualmente através dela. A compreensão de uma época predominantemente mobilizada pelos meios de comunicação de massa, que apresenta configuração cada vez mais complexa e difícil de ser decifrada, tem sido abordada pelos Estudos Culturais compondo um enfoque bastante produtivo para os campos da Educação e da Comunicação. Kellner (2001), um dos autores que tem analisado a cultura da mídia, ao apresentar uma de suas obras, fala sobre a importância dos estudos que enfocam a comunicação produzida pelas mídias:

Durante todo o tempo, fazemos uma pedagogia crítica da mídia cujas finalidades são: possibilitar que os leitores e os cidadãos entendam a cultura e a sociedade em que vivem, dar-lhes o instrumental de crítica que os ajude a evitar a manipulação da mídia e a produzir sua própria identidade e resistência e inspirar a mídia a produzir outras formas diferentes de transformação cultural e social. A pedagogia crítica da mídia desenvolve conceitos e análises que capacitam os leitores a dissecar criticamente as produções da mídia e da cultura de consumo contemporâneas, ajudam-lhes a desvendar significados e efeitos sobre a sua própria cultura e conferem-lhes, assim, poder sobre seu ambiente cultural. (KELLNER, 2001, p. 20)

No âmbito dos Estudos Culturais, cultura tem a ver com os significados, com a linguagem e a representação das coisas – objetos, pessoas, eventos. Hall (1997) destaca a importância que a cultura tem assumido nos processos de desenvolvimento da sociedade,

envolvendo o meio ambiente global, seus recursos econômicos e materiais. A produção, os meios de circulação e as trocas culturais têm se expandido com as tecnologias e a revolução da informação, na qual a mídia ocupa um lugar de referência. “Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e *marketing* de produtos e idéias” (HALL, 1997, p. 17).

Se a mídia e seus produtos operam na constituição da cultura, também recebem suas influências locais e globais, articulando com ela discursos e representações sobre o mundo. Muitas pesquisas desenvolvidas sobre museus, sobre formas culturais populares contemporâneas, como fotos, anúncios, ilustração fílmica, na publicidade, nas revistas, nas novelas televisivas, são utilizadas para mostrar as novas posições de sujeito e os significados que entram em circulação através da cultura visual e dos aparatos da mídia.

O poder auto-referenciado pelas mídias e especificamente pelas revistas pode ser ilustrado na afirmação encontrada na “carta ao leitor” da edição comemorativa ao aniversário de 35 anos da revista *Veja*⁵³:

De Luiz Inácio Lula da Silva a Margaret Thatcher, de Werner Von Braun a Carl Sagan, de Bem-Gurion a Yasser Arafat, de Tom Jobim a Paul McCartney, de Fidel Castro a Roberto Carlos, o resultado é uma edição com um painel excepcional de sabedoria, talento, conhecimento, emoção, capacidade de análise – e, às vezes, até premonição⁵⁴.

Ao ler e reler as revistas, transitar pela multiplicidade de temáticas, de estratégias discursivas e de recursos gráficos que encontramos em suas páginas, é possível observar o complexo universo desse artefato cultural. Martins (2001) refere-se à complexidade das análises com revistas, afirmando que elas são “fonte preferencial para pesquisa de teor vário, a revista é gênero de impresso valorizado, sobretudo por ‘documentar’[...]” (p. 21). A autora indaga se elas seriam uma cilada documental, pelo registro múltiplo que envolvem “[...] do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários àqueles de seus consumidores”. (ibidem, p. 21)

Ao percorrer suas páginas, o leitor é capturado pelo seu caráter lúdico, colorido, mesclando imagens e textos em leituras amenas, ligeiras, que evocam o quadro histórico de determinada época, envolvendo configurações que podem confundir o pesquisador. Os apelos das revistas podem transportar o pesquisador às configurações quase pictóricas que tal como

⁵³ Ao longo da tese utilizo um tipo de letra diferenciado para destacar os trechos retirados das revistas.

⁵⁴ *Veja*, Ed. Especial, set., 2003, p. 10.

“um espelho disforme, refletem imagens falsas, imagens de superfície, que requerem investigação e decodificação”. (ibidem, p. 21)

Ao estudar as revistas semanais ditas informativas, entendemos que a mídia tem sua relevância na constituição das informações consideradas como as “mais atuais”, redigidas com “sabedoria”, “capacidade de análise” e até “premonição” e,

Compreender aquilo a que estamos fadados significa estarmos conscientes de que isso é diferente de nosso destino. E compreender aquilo a que estamos fadados é conhecer a rede complexa de causas que provocaram essa fatalidade e sua diferença daquele destino. Para operar o mundo (por contraste a ser “operado” por ele) é preciso entender como o mundo opera”. (BAUMAN, 2001, p. 242)

Como professora dedicada ao ensino de graduação e como pesquisadora que pretende continuar trabalhando na análise de revistas, ao implementar a pesquisa, estava interessada em desenvolver a leitura crítica e rigorosa das produções textuais veiculadas nestas mídias impressas, produzindo uma tese que operasse na minha atuação docente, em minhas aulas com os alunos de comunicação, suspeitando destes produtos, ditos atuais, informativos, analíticos etc. Refletir, problematizar sobre como as revistas podem ser dispositivos produtivos para determinadas formas de pensar a cultura e a sociedade era desafio para a leitora e necessidade para a professora interessada no poder dos discursos elaborados e propagados pela mídia.

Nesta tese as revistas são compreendidas como artefatos culturais que, além das condições de informar e noticiar que tomam para si, cumprem outras funções, como bem evidencia Scalzo (2003): “Estudando a história das revistas, o que se nota em primeiro lugar não é uma vocação noticiosa do meio, mas sim a afirmação de dois caminhos bem evidentes: o da educação e o do entretenimento”. (p. 13). Como veículos informativos, as revistas apresentam fatos, opiniões, pareceres e dados que fixam sentidos e constroem significados para as mensagens que divulgam. Para fazer a leitura das revistas como textos culturais, utilizei como pesquisas inspiradoras os estudos de Costa e Silveira (1998), Faro (1999), De Luca (1999), Martins (2001), Mira (2001), Nascimento (2002), Scalzo (2003), Farrell (2004), Ricardo Filho (2005), buscando algumas pesquisas com artefatos culturais elaboradas com abordagens ligadas aos Estudos Culturais em Educação e aos estudos foucaultianos, dentre as quais, algumas já referi explicitamente nesta seção.

Como jornalista e professora de comunicação, tinha a expectativa de fazer um trabalho que contribuísse para a minha caminhada acadêmica e marcasse minha inserção como pesquisadora, mas a trajetória de execução da pesquisa é bastante complexa e sempre inédita.

Fiz levantamentos sobre pesquisas⁵⁵ com as revistas semanais de notícias e encontrei poucas referências a trabalhos focados no campo educacional. Como tinha interesse em abordar a educação, passei a folhear e ler, infinitas vezes, matérias que tratavam do tema, até perceber, a partir dessa experiência de trabalho metódico, que as revistas colaboram para a instituição do espaço público contemporâneo, quando informam e opinam sobre o que a sociedade produz. No caso específico do recorte que foi delineado para pesquisar, observei os textos⁵⁶ publicados considerando revistas como “[...] um desses lugares onde o poder se exerce pela prática da governamentalidade – inovadora e fecunda noção foucaultiana que se refere a uma certa disposição para governar e ser governado”. (COSTA; SILVEIRA, 1998, p. 351)

Desde o seu título, *A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ*, minha tese procura enfatizar o caráter produtivo das revistas, como espaços onde a lógica neoliberal é destacada, praticada e colocada em circulação. Tive a pretensão de problematizar, revisar, discutir e compreender de que maneira as teias do projeto neoliberal estão presentes, vigorosamente, nas revistas e como são tecidas as estratégias de governo para a educação, em especial, e para população de um modo geral. As ferramentas ou conceitos foucaultianos de *governo* e *governamentalidade* foram centrais para verificar como a perspectiva neoliberal está associada a um sistema de racionalidades e práticas, que uma vez colocadas em

⁵⁵Foram acionadas as seguintes ferramentas de busca: Biblioteca da UFRGS <<http://www.sabi.ufrgs.br>>; Consulta de Teses e Dissertações brasileiras e estrangeiras http://www.ct.ibict.br:81/site/owa/si_consulta; Bib.Virtual de Estudos Culturais do Prog. Avançado de Cult. Contemporânea - PACC/UFRJ- <http://www.prossiga.br/estudosculturais/pacc/>; Banco de Teses da Capes- <<http://capes.gov.br>>; Banco de Teses da Anped - Assoc. nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação- <<http://www.anped.org.br/publicacoeshtm>>; Banco de Textos da INTERCOM- www.portcom.intercom.org.br; Cursos de Pós-Graduação em Comunicação: <http://www.unip.br>; <http://www.unimar.br>; <http://www.eca.usp.br>; <http://www.iar.unicamp.br>; <http://www.compos.org.br>; <http://www.eca.usp.br/alaic>; <http://www.humfak.auc.dk/iamcr>; <http://www.aejmc.org/>; <http://home.pi.be/eccr/>; <http://www.facaspe.com.br>; <http://www.pucsp.br/pos/cos>; <http://www.metodista.br>; <http://www.uff.br>; <http://www.eco.uff.br>; <http://www.ufmg.br>; <http://www.pucrs.br/famecos/pos>; <http://www.utp.br/proppe/mestrado>; <http://www.ilea.ufrgs.br/ppgcom>; <http://www.socialufpe.com.br/ppgcom>; <http://www.facom.ufba.br>; <http://www.unb.br/fac>; <http://www.faac.unesp.br>; <http://www2.uerj.br>; http://www.metodista.br/publicações/Livros_e_Revistas/Comunicação_e_Sociedade; <http://www.metodista.br/unesco/pcla/index.htm>; <http://www.eca.usp.br>; <http://www.eca.usp.br/departam/cca/cultext/comueduc/rcabert.htm>; <http://www.eca.usp.br>; <http://www.facaspe.com.br>; <http://www.intercom.org.br/indexrev.html>; <http://www.puccamp.br>; <http://www.anhemi.br>; <http://www.cebela.org.br>; <http://www.unisinos.br/educacao/pos-graduacao>; <http://www.unisinos.br>; <http://www.Pucrs.br/famecos/revista>; <http://www.ufrgs.br/fabico/revistbc.html>; <http://www.Soc.unicen.edu.ar/publica.html>; <http://www.uab.es/castellano/dosframes.htm>; <http://www.unav.es/cys/>; <http://www.udg.mx>; <http://www.uam.mx>.

⁵⁶ Quando examino os textos das revistas não observo apenas palavras e imagens, mas analiso o composto “de perspectivas, métodos e ‘verdades’, organizados e colocados à disposição, constituindo práticas com propriedades prescritivas, moldadoras e fixadoras”. (COSTA; SILVEIRA, 1998, p. 349)

funcionamento, operam nas condutas através de discursos que constituem os objetos, o mundo e os sujeitos dos quais falam.

Passei de apenas leitora empática com o gênero revista, para um outro lugar, de onde li cada página como registro vivo da história e da cultura. Larrosa (1998) explica a experiência que tive na leitura e pesquisa com as revistas:

A leitura torna-se assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados e ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isto é, de um texto múltiplo e infinito. Enfiar-se na leitura é enfiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever. (LARROSA, 1998, p. 183)

Na elaboração da pesquisa, interessava registrar que os textos a serem analisados são constituídos por elementos peculiares que criam e recriam, de maneira particular, específica do jornalismo, formas de expressão que estão envolvidas na constituição da cultura como produtos e como produtores das formas de conceber o mundo em que vivemos. Estar atenta às minúcias da elaboração do texto e ao uso das variadas linguagens que formam relações de sentido nos materiais analisados é uma tarefa instigante, mas que não possui um roteiro definitivo a ser seguido. O caminho investigativo reinventa-se e redimensiona-se permanentemente, embora outras pesquisas possam servir de inspiração.

Essas constatações me permitiram enfatizar o papel constituidor da linguagem e das relações de poder, inerentes à existência da mídia e ao seu papel no âmbito da comunicação. Ao contextualizar a comunicação culturalmente, na perspectiva analítica em que inscrevo meu trabalho, estou também problematizando as práticas que me constituíram como aluna, como jornalista e como professora de comunicação. Como pesquisadora tenho a pretensão que esta tese me lance em novos empreendimentos e apesar de ter sido uma trilha árdua e complexa, foi uma experiência intensamente produtiva. Levo na bagagem muitas possibilidades, valiosas referências, apesar de saber que muitas outras questões vão surgir para cada leitor deste texto. Ele deve conter tropeços, incoerências, incongruências e lacunas, jamais estaria pronto se não fosse a necessidade de ser interrompido para dar vazão a outros empreendimentos na carreira docente, a qual pretendo que seja profícua, dinâmica e sempre mobilizadora.

Para empreender a investigação e analisar a abordagem das revistas sobre a educação no amplo material selecionado, precisei recortar, ordenar, desordenar outras vezes, ler, reler, inventar estratégias novas a cada leitura. Percebi que ao manipular inúmeras vezes o material

e ordená-lo em pastas, depois em caixas, em fichas, por cores, por tema, tentava organizar também em mim a pesquisadora que precisava vir à tona. As estratégias de busca, seleção, leitura, segmentação e compreensão dos textos foram substituídas muitas vezes. O retorno às referências bibliográficas e novas leituras produzidas ou indicadas acompanhou o processo de pesquisa, mesclando euforia com novas descobertas e momentos de impotência diante do volume de material. Houve conflito entre a leitora, a professora e a pesquisadora; o medo acabou em desafio, deu lugar à coragem e ao encantamento que acomete quem começa a descobrir na pesquisa dados preciosos.

Compreender como a mídia pode ser dispositivo produtivo para a governamentalidade neoliberal, nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ* foi um exercício instigante porque exigia a desconstrução de discursos disseminados como verdades, na prática aceitos e perseguidos por mim mesma e pelos meus alunos. No início do processo de investigação foi preciso ser rigorosa, cuidando para manter a flexibilidade e a disposição para recomeçar. Incorporar o lugar de pesquisadora, tendo Foucault como interlocutor foi mais produtivo lendo Fischer (1993, 1996, 2001, 2002, 2005) e Veiga-Neto (1996, 2000, 2000a, 2002, 2003, 2006). Fichas de leitura, resumos, citações, glossário de expressões destas obras serviam de apoio e eram escritos revisitados freqüentemente.

Como oportunamente nos adverte Veiga-Neto (2003, p 30),

A desancoragem da crítica foucaultiana – como de resto, da crítica pós-estruturalista – ajuda-nos a compreender quando se diz que seu trabalho é desterritorializar, desfamiliarizar, levar ao estranhamento. Na ausência de um porto único, de um fundo firme, de um gancho no céu, todos os portos são portos de passagem. Por isso Foucault diz: “Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento?”⁵⁷. Fugidia, como uma potência do pensamento que nos faculta filosofar e problematizar infinita e indefinidamente, essa crítica tem sempre presente que nenhuma questão tem resposta definida e acabada e que até mesmo forçar respostas não é o melhor caminho.

Assim, fui experimentando, detalhando o jogo de imagens e textos das matérias. Optei por não incluir dados numéricos, percentuais ou análise comparativa das três revistas analisadas. Cheguei a esboçar tabelas com o registro das recorrências e repetições de temas e expressões associadas à temática estudada, mas desisti do empreendimento quantitativo porque interessava-me apenas a existência do entrelaçamento que as revistas fazem entre a racionalidade política neoliberal e a educação. Eu jamais poderia mensurar quantas pessoas leram cada texto ou quantos leitores foram contemplados com o ufanismo neoliberal presente

⁵⁷ Foucault (1994), cf. ref. biblio.

nas matérias, por exemplo. Importava que os discursos haviam sido veiculados, constavam nas três revistas e seriam consumidos, discutidos, assimilados ou descartados. São textos que circulam e “de algum modo pautam, orientam, interpelam o cotidiano de milhões de cidadãos brasileiros – ou seja, participam da produção de sua identidade individual e cultural e operam sobre a constituição de sua subjetividade”. (FISCHER, 2001, p. 16)

Os “operadores discursivos da mídia impressa” propostos por Rocha (2005) foram úteis na segmentação do material selecionado. Os operadores constituídos pelas regras de localização, repetições, ênfases, recursos foram pertinentes para as minhas análises, facilitaram e agilizaram o andamento de minha pesquisa. Rocha chama de *regra das localizações* os espaços estratégicos ocupados pelos textos, que servem como indicadores da importância e do destaque que recebem nas revistas. Ter chamada de capa, ocupar uma página inteira, estar na parte superior ou inferior, são características que demonstram a relevância dos textos. A *regra das repetições* diz respeito à frequência com que tema é repetido ou até mesmo apresentado com argumentos contrários ao que já foi publicado. A *regra das ênfases* considera o uso de números, dados, gráficos, tabelas, percentagens e demais argumentos aplicados na defesa dos temas tratados. A *regra dos recursos* observa os recursos gráficos (imagens, cores, fotografias, tipo e tamanho de letras etc) que compõem os textos das revistas.

Como Rocha, considerei o texto escrito como articulador das verdades propagadas nas revistas e as imagens foram consideradas “parte dos discursos enunciados pela mídia”. (ROCHA, 2005, p. 150). Concordo com a afirmação da autora de que os textos da mídia em geral, repetem e enfatizam determinados enunciados até que as verdades por eles pronunciadas passem a ser acreditadas, mas considero que algumas vezes estes discursos são sim “monumentais”, no sentido de serem pertinentes, deixarem rastros de grande dimensão como majestosas e admiráveis sínteses do que estamos pesquisando. Assim, interessa a sua constatação, a sua materialidade e a sua captura. Reproduzo aqui algumas imagens (fig.1, fig. 2, fig. 3 e fig. 4) das primeiras reportagens analisadas e que me pareceram “monumentais” para a compreensão dos discursos neoliberais que transitam na contemporaneidade:



Figura 1: O sucesso de seus filhos (Época, 30 jun. 2003, p. 92-93)



Figura 2: Educação: mobilidade ascendente I (Época, 3 jun. 2002, p. 58-59)



Figura 3: Educação: mobilidade ascendente II (*Época*, 12 jun. 2002, p. 50-51)



Figura 4: Educação: mobilidade ascendente III (*Época*, 17 jun. 2002, p. 56-57)

Imagens singulares, inusitadas, de um tempo onde a aparência de “plumagem dos negócios” (SENETT, 2004, p. 16) confere aos ternos alinhados associação com sucesso. Os aparatos tecnológicos, a inclusão étnica, a presença feminina no mundo do trabalho, sinalizam

o que se espera da educação em tempos de livre mercado: preparar desde cedo para a competição, para a vitória que, nos discursos, estaria acessível a todos. O sonho da mobilidade ascendente é visível, ela pretensamente está disponível para aqueles que operam as novas tecnologias, disputam os raros espaços de trabalho e desde cedo são “capacitados” para produzir mais, suportar disputas, conviver com incertezas e ser bem-sucedidos.

Não analisei os textos das revistas considerando a intenção de produção dos seus autores (jornalistas, publicitários, redatores etc), nem realizei qualquer exercício de recepção dos textos selecionados junto aos leitores das revistas. Estas opções foram descartadas porque demandariam um tempo que eu já não dispunha. Sem ter a pretensão de ver e problematizar a totalidade das referências que poderiam ser associadas ao problema de pesquisa, escolhi textos que considerei emblemáticos para ilustrar a trama, o enredo, o entrelaçamento produtivo entre a racionalidade neoliberal e a educação, implementado nas revistas. As manchetes e as chamadas de capas para a educação foram as primeiras selecionadas. Como as manchetes de capa geralmente são acompanhadas de reportagens, a chance de garimpar discursos profícuos era maior. As chamadas de capa servem de estímulo ao consumo do texto, chamam a atenção e antecipam o que pode ser encontrado no interior da revista, mas nem todos os textos de capa ou mencionados nelas foram aproveitados. O mesmo aconteceu com notícias, editoriais, notas, artigos assinados, reportagens e outras menções à educação. Criei uma ficha de análise (Apêndice 1 – instrumento de coleta de dados), onde fiz o registro anual das matérias selecionadas em cada uma das revistas, com o intuito de facilitar a localização dos textos e obter um panorama das matérias lidas. O instrumento registrava a coleta de dados e favorecia a visualização geral, facilitando a identificação dos textos nas pastas coloridas, caixas organizadoras e infinitos recursos utilizados na manipulação das revistas e operacionalização da pesquisa. Neste apêndice procurei selecionar o gênero das matérias selecionadas em cada revista, registrando o tema central abordado e os temas secundários.

A partir da constituição do Apêndice 1, um outro foi criado (Apêndice 2 – dispositivos neoliberais) para recortar ainda mais a amostra dos textos que continham informações, entrevistas, notícias e discursos pautando a educação. Estabeleci dois focos principais: textos que abordavam proposições para as sociedades contemporâneas e textos que pautavam a educação. O Apêndice 2 contemplava uma coluna para o sujeito do neoliberalismo e manteve sua formatação aproveitando os registros durante a redação da tese. A idéia de escrever um capítulo específico sobre o perfil do sujeito do neoliberalismo, apresentada no projeto de tese (GERZSON, 2004) foi suprimida, mas os discursos que tratavam deste enfoque foram

incluídos ao longo do texto, na abordagem da sociedade neoliberal e da educação no neoliberalismo.

Os discursos muitas vezes estavam dispersos nos cruzamentos de toda a revista, e textos já descartados por vezes voltavam a frequentar as pastas e os apêndices elaborados. O desafio de organizar o material foi exercitado nestes instrumentos e em vários roteiros. O processo de redação, as tentativas de descrever, problematizar e escrever encontrando palavras para materializar a experiência da pesquisa foi intenso, conflituoso e angustiante. A professora, jornalista, orientadora de tantas monografias ao longo dos anos de docência estava na berlinda, seria posta à prova, observada e muitas vezes vacilava, buscava conforto ou orientação entre os autores. Pude observar que as minhas inquietações não eram solitárias, como mostra Fischer (2005, p. 138):

[...] Como poderemos produzir um texto que também faça diferença, para nós e para os que nos lerão? Um texto que, sendo honestamente acadêmico e científico, honestamente produto de um tempo de estudo, leitura e investigação, deixe para trás a velha e cansativa fórmula da repetição do mesmo, do instituído descartável da moda? Como, artistas, trazer o leitor para o recinto de nossa tese, para o recinto de nossa dissertação? Como instalar cumplicidade entre nós e nosso leitor? – porque, afinal, é disso que se trata.

Até chegar no Apêndice 3, esboço geral da tese, muitos rascunhos foram desenhados, descartados, substituídos e reescritos. Tinha a preocupação em não ser prolixa, pretendia elaborar uma tese enxuta, que pudesse repassar aos leitores a síntese da investigação empreendida. Procurei mapear no Apêndice 3 o roteiro da tese e os temas que seriam abordados ao longo do texto. Procurava um mapa, uma direção, resquícios cartesianos talvez, mas alterações foram inevitáveis. Esta tese como materialização do processo de investigação certamente apresenta imperfeições; talvez a metodologia não tenha sido a mais adequada; equívocos teóricos talvez sejam assinalados; ela foi um ensaio, no sentido de ter colocado à prova minhas convicções e conhecimentos. Foi exercício, preparação para outros empreendimentos investigativos, onde

[...] talvez a lição de Foucault seja, em última análise uma lição moral, como todas as que valem a pena. Algo que tem a ver com a verdade de um constante exercício de si na escrita, no pensamento, na vida. Algo que tem a ver com a honestidade e com a generosidade. Algo que tem a ver com o ensaio. (LARROSA, 2004, p. 42)

O roteiro poderia ser outro, as escolhas e as argumentações também. O processo de imersão nos estudos e na investigação é sempre particular, único, mas é preciso socializar seus resultados, ainda que seja impossível dizer tudo.

Lendo as revistas – documentos/monumentos

Comprar revistas, manusear suas páginas, notar o atraso na entrega do exemplar são hábitos praticados pelos leitores assíduos, leitores esses esquadrinhados, mensurados e que viram estatísticas na mão do mercado editorial. Cabe salientar que as relações dos leitores com as bancas de revistas, ou com a espera das revistas por assinatura entregues pelos funcionários dos correios para quebrar a nossa rotina doméstica e de trabalho, têm seus enigmas. Em leitores assíduos e assinantes afinados com as revistas, elas exercem um certo fascínio. Talvez encantamento, descontração, hábito sejam algumas traduções possíveis para o sentimento que acomete quem começa a folhear uma revista e encontra nela imagens coloridas, textos redigidos com talento, palavras distribuídas com sutileza, matérias sobre muitos assuntos, capazes de seduzir e abstrair o pensamento do leitor. O virar das páginas, sem precisar seguir a ordem estabelecida pela sua numeração e sem perder a compreensão do texto, oferece um passeio aos olhos e ao raciocínio.

A procura dos veículos de comunicação impressos para preencher o tempo ocioso, nos momentos de espera, nas viagens ou nos feriados, evidencia a sua função de entretenimento. Nas prateleiras dos supermercados, nas salas de espera dos consultórios médicos, na varanda das residências ou nas bibliotecas públicas, encontramos revistas e elas contam histórias nas opiniões, interpretações e informações publicadas. Elas registram os fatos considerados importantes nas transformações da sociedade e pautam, em manchetes, o que para elas é relevante em política, cultura, economia, moda, esporte, saúde, educação, tecnologia etc. O que acontece no mundo pode ser lido e relido, estudado, pesquisado e “revistado”, quase em tempo real. Hoje, diante das múltiplas possibilidades oferecidas pelas tecnologias, a capacidade informativa das revistas pode ser questionada, mas seu poder enquanto instrumento de comunicação é referendado pela diversidade de exemplares oferecidos nas bancas.

As revistas são sinais, pontuações que me acompanham ao longo do tempo. Justificar a escolha das revistas em um universo cada vez mais rico em produtos da indústria da mídia, leva-me a considerar episódios já meio esmaecidos, mas que talvez possam esclarecer o meu gosto e incentivo para pesquisar esse gênero do jornalismo impresso. Lembro que colecionar revistas parecia uma tendência forte entre as crianças e adolescentes da minha época. Elas eram adquiridas na única banca da cidade, depois de muita economia, ou trocadas entre os membros de grupos de amigos. As bancas de revistas simuladas na frente das casas, feitas

com pedaços de madeira sobre tijolos, vendiam, trocavam e negociavam exemplares de revistas velhas, álbuns e figurinhas. Revistas em quadrinhos, fotonovelas ou livros ilustrados eram espécies de “janelas” para outros mundos, naquele tempo em que a mídia não era tão acessível como hoje.

A sintonia das revistas com seu tempo, com a história e a cultura faz com que elas retratem hábitos e assuntos que caracterizam cada sociedade, propagando visões de mundo e modos de vida. A revista, como os demais produtos da indústria cultural e a mídia em geral, “passa a ocupar a posição destacada no âmbito das relações produtivas e sociais, visto que é no domínio da comunicação que se fixa a síntese político-ideológica da ordem hegemônica”. (MORAES, 2003, p. 188). O autor chama a atenção para o papel da mídia em uma conjuntura de domínio da produção de artefatos culturais, na qual “a chamada grande mídia fabrica o consenso sobre a superioridade das economias abertas, insistindo que não há saída fora dos pressupostos neoliberais. O eixo ideológico consiste em enquadrar o consumo como valor universal, capaz de converter necessidades, desejos e fantasias em bens integrados à ordem da produção”. (ibidem, p. 188)

A mídia global está nas mãos de duas dezenas de conglomerados, com receitas entre US\$ 5 bilhões e US\$ 35 bilhões. Eles veiculam dois terços das informações e dos conteúdos culturais disponíveis no planeta. Entrelaçam a propriedade de estúdios, produtoras, distribuidoras e exibidoras de filmes, gravadoras de discos, editoras, parques de diversões, TVs abertas e pagas, emissoras de rádio, revistas, jornais, serviços *on line*, portais e provedores de Internet, vídeos, videogames, jogos, softwares, CD-ROMs, DVDs, equipes esportivas, *megastores*, agências de publicidade e marketing, telefonia celular, telecomunicações, transmissão de dados, agências de notícias e casas de espetáculos. (MORAES, 2003, p. 198)

O autor mostra que a concentração da mídia é possibilitada pela liberação do mercado, como resultado da articulação existente entre o modo de produção capitalista e as tecnologias de comunicação e informação, garantindo a sinergia que alimenta a acumulação de capital financeiro. Os grupos de mídia buscam lucratividade e enfrentam a competitividade da indústria cultural, na qual a linha de atuação parece não apresentar diferenciações. “Não vejo distinções relevantes entre filosofias, estruturas operativas e objetivos mercadológicos. Durante a década de 1990, a indústria de comunicação adequou-se às linhas mestras da corporação rede. Segue-se o figurino multissetorial, [...] capazes de racionalizar custos, abater dívidas, conjugar *know how* e economizar na escala”. (MORAES, 2003, p. 190)

O mercado editorial de revistas não foge à regra e adota diversas estratégias de competitividade e manutenção de vendas. Scalzo, ao questionar como se mantém uma revista viva, ou por que uma revista é extinta, diz que “uma revista é um veículo de comunicação, um

produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (SCALZO, 2003, p. 11). A autora ressalta que nenhuma dessas afirmações está errada, mas que nenhuma abrange o universo que envolve a relação da revista e seus leitores e leitoras, pois as revistas cumprem funções culturais que vão além da transmissão de notícias. A experiência da leitura, o entretenimento, a reflexão e o encontro periódico estabelecem identificações entre consumidores e editores. A segmentação por assunto e tipo de público faz com que a revista foque o leitor, conheça o seu perfil, fale a sua linguagem e ofereça produtos e serviços de seu interesse. “Para as revistas, fica o meio termo: não falar com todo mundo (como fazem a televisão ou os jornais) e não individualizar o seu leitor (como a Internet)”. (SCALZO, 2003, p. 49)

Para começar atire a primeira pedra quem não tem dó de jogar revistas fora, quem nunca guardou uma publicação, quem nunca pensou em colecionar um título. É isso: em primeiro lugar, revistas são objetos queridos, fáceis de carregar e de colecionar. São também boas de recortar, copiar: vestidos, decorações, arrumações de mesa, receitas de bolo, cortes de cabelo, aulas, pesquisas de escola, opiniões, explicações [...] (SCALZO, 2003, p. 12)

Tendo anunciantes de um lado e leitoras e leitores de outro, as revistas precisam manter o equilíbrio de interesses, “em suma, as organizações de mídia projetam-se, a um só tempo, como agentes discursivos, com uma proposta de coesão ideológica em torno da globalização, e como agentes econômicos proeminentes nos mercados mundiais, vendendo os próprios produtos e intensificando a visibilidade de seus anunciantes”. (MORAES, 2003, p. 191).

Mira (2001) utiliza um trecho da música de Caetano Veloso para introduzir o seu livro *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*, enfatizando uma curiosidade que acomete muitos de nós: “O sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça. Quem lê tanta notícia?” As bancas de revista são parte da urbanização, estão nas ruas principais, nos *shoppings*, nos centros comerciais estampando imagens e chamadas para as capas das últimas edições. “Quem lê tanta notícia?” Calcula-se que “cada exemplar passa pelas mãos, em média, de três a quatro pessoas”. (MIRA, 2001, p. 9)

As revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* estão nas bancas há muitos anos, acompanham a história brasileira contando aos leitores suas versões sobre os fatos. Considero interessante situar suas posições no mercado editorial para ressaltar o poder que possuem quando falam sobre a educação. *Veja* é a mais antiga, foi lançada em 8 de setembro de 1968, através de uma campanha publicitária de repercussão nacional. Todas as emissoras de televisão do país, em rede nacional, transmitiram, durante doze minutos, imagens da produção da revista e do

trabalho de seus repórteres. Entre os personagens entrevistados para lançar a revista, estavam o presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, artistas e autoridades reconhecidas. Em momento de grande efervescência mundial, a nova revista inaugurava um outro gênero editorial planejado pela Editora Abril.

Time ou Veja ocupam no mundo das revistas o mesmo lugar que o fast food em relação aos hábitos alimentares: correspondem a um novo hábito de leitura que se introduz num momento de modernização econômica das sociedades atuais. [...] O ritmo de vida havia se acelerado depois da Primeira Guerra Mundial e a pessoa que queria obter as notícias com pressa não tinha onde encontrá-las. (MIRA, 2001, p. 86).

Trazendo o resumo de fatos ocorridos durante a semana, a *Veja*, desde o seu lançamento⁵⁸, transforma-se numa revista de amplitude e expressão nacional. Ganha prestígio, torna-se uma mídia impressa reconhecida e ocupa espaço significativo no cenário editorial brasileiro. Sua realização, prevista desde 1958, só ocorre nos anos 60, quando a Editora Abril consolida-se e lança uma revista de informação semanal. Inicialmente, *Veja* apresenta-se como uma revista marcada pelo texto, sem preocupações com o aspecto visual. Seu formato não agrada o público e, aos poucos, seu projeto gráfico e o uso de cores e imagens são alterados.

A Editora Abril caracteriza a revista *Veja* como a maior revista em circulação no Brasil. Ela tem sua fórmula editorial baseada no jornalismo investigativo, de informação exclusiva e responsável pela melhor cobertura dos acontecimentos do país. O slogan da revista *Veja* é “Indispensável”. Sua propaganda editorial assim a descreve:

A mais completa e atual revista de informação. Séria, confiável, investigativa, gostosa de ler. Toda a semana traz todos os assuntos importantes: globalização economia, saúde, entretenimento, esporte, trabalho e vida em família. Quem lê tem informações exclusivas e a análise mais completa de tudo o que está acontecendo no mundo. Tem assunto no trabalho e com os amigos e se destaca porque é mais bem informado. (DINAP, 2004, p.1)

O público alvo predominante pertence às classes A e B; 39% têm entre 30 a 49 anos e 15% têm entre 15 a 19 anos. É considerada uma revista de informação e atualidades dirigida para “homens e mulheres com alto poder aquisitivo, curiosos, ávidos por informação, que

⁵⁸ O filho mais velho de Victor Civita implementa a revista, seguindo o modelo da *Time*. Roberto Civita estudou na Universidade da Pensilvânia, formou-se em Economia e Jornalismo. Foi estagiário no grupo *Time-Life* e elaborou seu trabalho de conclusão de curso sobre uma editora da Filadélfia, a *Curtis*. Essas experiências no exterior permitiram que ele trouxesse para o Brasil, através da Editora Abril, modelos de publicações que influenciariam a edição de revistas de informação semanal, de esportes, negócios, arquitetura, construção etc.

gostam de entender o que acontece no Brasil e no mundo para se destacar na vida social e profissional”. (ibidem, p. 1)

Veja tem 900.547 assinantes, atinge 10 milhões de leitores e 1.093.813 exemplares semanais. A revista publica 10.528 páginas de anúncios por ano, o equivalente a 2,8% do volume total de publicidade no Brasil. Sua publicação exige um aparato complexo, como o Departamento de Documentação (Dedoc), criado em 1968, que dá apoio à redação da revista e, hoje, é o maior banco de dados da América Latina. Atualmente publica, todas as semanas, dois suplementos regionais: *Veja São Paulo* e *Veja Rio*, além de periodicamente produzir edições especiais sobre crianças, jovens, mulheres, homens, tecnologia, ecologia, saúde e edições regionais, como *Veja Nordeste*, *Veja BH*, *Veja Fortaleza* e *Veja Porto Alegre*. A revista também tem implementado o projeto *Veja na sala de aula*, com o objetivo de engajar-se na melhoria da educação no país⁵⁹.

A revista *IstoÉ* pertence ao grupo de comunicação Três S.A., que nasceu em 1972, no estado de São Paulo e, atualmente, explora diversos nichos editoriais. O lançamento da revista *IstoÉ* ocorre em 1976. A caracterização exposta no *site* da revista diz que ela é “considerada hoje a mais combativa, arrojada e independente revista de informação semanal do País”.

No ano em que completa 30 anos de trajetória de jornalismo, firma parceria com o Grupo Time Inc., importante conglomerado de revistas. Pelo acordo estabelecido em janeiro de 2006, o conteúdo de *People*, *Fortune* e *Time*, passou a ser incluído nas revistas *IstoÉGente*, *IstoOÉDinheiro* e *IstoÉ*. A revista *Veja* está há 36 anos no mercado, a *IstoÉ* há 28 anos, ambas participaram da constituição de momentos relevantes da história do país, juntamente com a revista *Época*, surgida anos depois.

A revista *Época* é um dos produtos das Organizações Globo. A história das Organizações Globo começa com Irineu Marinho. Até o início da década de 1930, quando Roberto Marinho assume as funções de Diretor Redator-Chefe do jornal O Globo, depois da sua fundação e da morte de seu fundador, Irineu Marinho, as Organizações Globo ainda não existem. Apenas em 1944 é dado o primeiro passo fora do âmbito da comunicação impressa, quando é fundada a Rádio Globo do Rio de Janeiro, num momento em que o rádio ganha importância graças aos noticiários sobre a Segunda Guerra Mundial. Roberto Marinho começa a pensar em televisão em 1960 e, em 1965, resolve colocar no ar a TV Globo do Rio de Janeiro, convencido de estar colaborando para que a televisão passe a ser uma atividade

⁵⁹ <http://busca.abril.com.br/veja>. Acesso: 28 jul. 2004, p. 1.

profissional no Brasil. Em 1986, a então Rio Gráfica Editora, fundada em 1957, incorpora a Editora Globo, de Porto Alegre. A partir daí, além das revistas, passa a editar livros e fascículos e assume o nome de Editora Globo. Com a reorganização pela qual passou em 1989, a Editora Globo evolui para se tornar a segunda maior do país. Atualmente, o jornal O Globo é um dos maiores do país; a Rádio Globo transforma-se no Sistema Globo de Rádio, enquanto a TV Globo do Rio de Janeiro é o primeiro passo para a Rede Globo de Televisão, hoje cobrindo todo o território brasileiro.

A revista *Época* é uma revista semanal de informação, nascida em 25 de maio de 1998. Atualmente são cerca de 500 mil exemplares por semana. Seu surgimento pretendeu estabelecer um novo conceito de revista, com um projeto gráfico inovador, inspirado na revista alemã “Focus”⁶⁰, com a qual mantém um contrato de direitos autorais. A revista pretende ser “informativa e isenta, apresentando os fatos sem arrogância para permitir que o leitor julgue, interprete e decida. Pontos de vistas são enfocados em entrevistas, colunistas e artigos assinados”⁶¹. *Época* mantém o projeto *Época na Educação*, concebido para disseminar, nas salas de aula, a leitura das *Revistas Época e Galileu*. O objetivo do projeto é transformar essas revistas em

[...] instrumentos úteis a atividades complementares à grade curricular, ajudando na formação de leitores bem informados, críticos e criativos. O Projeto leva em conta a necessidade – cada vez maior nesta sociedade da informação e do conhecimento – de estimular entre os jovens a capacidade de pesquisa por conta própria, de análise de dados, de tomada de decisões⁶².

Nas revistas o texto associado aos recursos gráficos e de linguagem pode provocar diferentes entendimentos. Pode reforçar sentidos, inferir outros, produzir e conduzir a leitura, mas o leitor tem a possibilidade de decifrar a composição do texto, ir além do que está publicado e inverter o que é dito, pois a leitura permite sempre a imaginação reflexiva. A composição do texto favorece que os significados sejam constituídos através dos recursos gráficos e de linguagem, como o que acontece, por exemplo, nas legendas, que atraem a visão do leitor para as imagens, na disposição de ilustrações, no tamanho e corpo de letra escolhido para salientar determinadas passagens. A trama acionada pela linguagem jornalística tem sido bastante abordada, utilizando perspectivas teóricas variadas. A construção do texto com

⁶⁰ Há um acordo de colaboração com a revista *Focus*, editada por Focus Magazin – Verlag GmbH, para a utilização de material fotográfico e editorial com exclusividade no Brasil.

⁶¹ <http://www.epoca.globo.com>. Acesso: 28 jul. 2004.

⁶² <http://www.epoca.globo.com>. Acesso: 24 fev. 2004.

chamadas, legendas, imagens e outros tantos elementos textuais, usados para captar os sentidos dos leitores e leitoras, formam uma trama técnica e estética. Por meio dela, os discursos vão compondo verdades para o mundo.

Outros pesquisadores têm utilizado revistas como objeto analítico e independentemente da perspectiva teórica adotada, apontam para as revistas como artefatos que operam na conformação cultural onde estão em circulação. Na análise das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, também se evidencia a produtividade que se estabelece nos discursos das revistas, pois quando os textos jornalísticos abordam temas pertinentes à educação, favorecem a visibilidade de ações, opiniões, dados estatísticos, que debatem a educação no Brasil e sugerem competências escolares adequadas para a população brasileira neste início de século. As revistas dão espaço para capas, manchetes, legendas, crônicas, reportagens, notas, entrevistas, anúncios, discutindo e recorrentemente sugerindo iniciativas salvacionistas para a educação, responsabilizando o ensino pela melhoria da qualidade de vida da população, pela diminuição da violência urbana ou pela preparação de profissionais adequados ao mercado de trabalho. Para isso, apresentam proposições e práticas de controle que são simultaneamente econômicas para as sociedades contemporâneas, para a educação e para o sujeito, segundo a lógica neoliberal. Essas mídias costumam narrar de forma controvertida a situação da educação. Em algumas situações, ela é concebida como responsável pelo processo civilizatório e pelo desenvolvimento da sociedade brasileira e, em outras, a educação e as instituições escolares são mencionadas em processo de degradação e falência. As matérias recorrentemente reprovam a educação, responsabilizando os professores pela baixa qualidade do ensino. A conjuntura educacional é criticada nas revistas por sua incapacidade de responder por problemas sociais e econômicos constituídos historicamente.

A relevância das revistas é demonstrada por autores e pelas diversas pesquisas que têm se ocupado em marcar sua produtividade. Uma iniciativa, promovida pela Associação Nacional de Editores de Revistas Brasileiras (ANER), foi emblemática para argumentar em favor da presente pesquisa. A campanha *Banca de revistas: o maior Centro Cultural do Brasil* (fig.5) iniciou em janeiro de 2004, quando a cidade de São Paulo completou 450 anos. Na ocasião, foram distribuídos materiais em 1500 pontos de venda e hoje, já com abrangência nacional, a campanha atingiu mais de 10 mil pontos em todo o Brasil. A ANER contabilizou mais de 30 mil postos de venda de revistas no Brasil onde foram expostos os *banners*, faixas, *displays* e o farto material promocional da campanha que traz como tema a chamada "Centro

Cultural. Entre. Aqui tem Cultura, Informação e Simpatia”. Todas as peças eram assinadas com o conceito “Banca de Revista. Tudo para encantar você”.

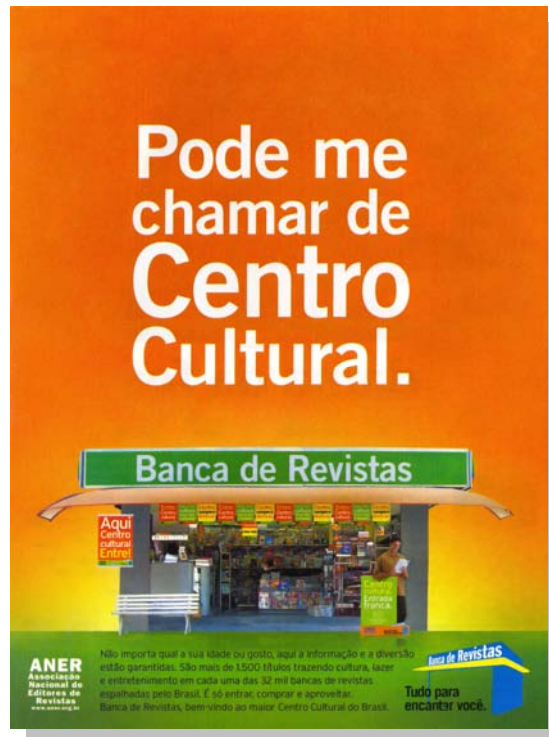


Figura 5: Banca de Revistas: Centro Cultural (*Época*, 28 jun. 2004, p.109)



Figura 6: Jogue sua revista na escola (*IstoÉ*, 09 jul. 2004, p.105)

A campanha procura mostrar aos leitores que, ao comprar revistas, eles estão levando mais do que informação, estão adquirindo também cultura e “encantamento”. A valorização das revistas também parece estar contida no projeto cultural, presidido pela mesma instituição, que pretende estimular a formação de “revistotecas” nas escolas (fig.6). O anúncio do projeto é enquadrado em uma página de caderno espiral e apresenta, no plano de fundo, um quadro negro. De um lado do quadro, escrito com giz e letra cursiva aparecia, “Presenteie + Cultura”; abaixo, o texto enfatiza “Doe + Diversão”. No outro lado do quadro aparece o chamamento “Ofereça + Conhecimento” e, logo abaixo, está escrito “Estimule + Leitura”. Na frente do quadro, uma estudante segura uma revista, que cobre seu rosto, simulando a posição de leitora. A menina pisa sobre a pilha de revistas, elevando-se à altura do quadro negro. A chamada “Jogue sua revista na escola” localizada ao pé da página, do lado direito, é seguida pela identificação (assinatura com o logotipo) da ANER. Abaixo, em letra cursiva, um texto conclama a população para integrar-se ao projeto:

Existem atitudes que têm o poder de mudar totalmente uma história. Doar as revistas que você já leu para uma escola é uma delas. Das infantis às de assuntos gerais, todas trazem informações valiosas. E o melhor: seus textos e imagens tornam a sua leitura agradável, incentivando o aluno a gostar de ler e a descobrir coisas novas. Converse com os colégios do seu bairro e doe suas revistas. 72% das escolas de ensino fundamental do Brasil não têm bibliotecas, mas se você ajudar terão revistotecas. O futuro do Brasil agradece⁶³.

Nessas campanhas, as revistas são consideradas fontes de conhecimento e mesmo quando descartadas podem solucionar o problema da falta de bibliotecas nas escolas, ocupando o espaço dos livros didáticos, da literatura e de outros recursos utilizados pela educação. Ao dizer que “O futuro do Brasil agradece”, o anúncio parece reconhecer na educação a garantia do futuro do País. E quando chama os leitores para participar, a ANER se integra à gestão da educação escolar como parceira engajada, doando suas revistas e contribuindo para a resolução do problema de carência de bibliotecas escolares ou de seus acervos.

A importância que a mídia assumiu na vida social e cotidiana tornou-se uma preocupação contemporânea e objeto de análise em diferentes áreas do conhecimento. Na pesquisa desenvolvida, a produtividade atribuída à mídia está relacionada à sua capacidade de colocar em circulação a lógica da governamentalidade neoliberal. Os princípios do projeto

⁶³ Revista *Época*, n. 321, 12 jul. 2004, p. 120.

neoliberal de sociedade circulam não como autoria direta e linear da própria mídia ou das instituições governamentais do Estado. Eles estão nas afirmações dos especialistas, nas menções da própria população, nas estratégias de gestão social e empresarial, nos discursos gerais que falam sobre a educação. A mídia abre espaço para outros campos, concede a participação para muitas opiniões e pronunciamentos, mas ao mesmo tempo destaca o seu lugar específico de produção da ordem social. Diversas instituições e outros campos de conhecimento – como a medicina, a política, a religião, a educação – são utilizados como portadores de saberes que consolidam e legitimam os discursos veiculados pela mídia.

Nas revistas semanais de informação pesquisadas, observei que o universo da educação é bastante presente. Governos, políticos, empresas, celebridades, leitores, entrevistados atribuem à educação um lugar destacado e seus discursos são produtivos quando elogiam ou quando criticam, pois criam, produzem, operam na circulação de racionalidades e subjetividades ao prescreverem formas de pensar, de agir, de ensinar, de viver. Formas essas imbricadas na produção de uma determinada versão de mundo, na qual a educação tem um papel a desempenhar, como ressalta Veiga-Neto:

Uma pergunta logo se coloca: em termos gerais, quais (seriam) os objetivos da escolarização *na* e *para* a lógica neoliberal? De certa forma, isso já foi respondido: criar/moldar o sujeito-cliente. Mas essa novidade não implica, necessariamente, a demissão daquele grande objetivo que norteou a escolarização na Modernidade: conforme já referi, a escola foi pensada – e ainda vem funcionando – como uma imensa maquinaria de confinamento disciplinar, a maior encarregada pela ampla normalização das sociedades modernas. (VEIGA-NETO, 2000, p. 206)

A perspectiva das políticas neoliberais é distribuída ao longo dos textos das revistas, nos exemplos valorizados, nas falas de especialistas, professores, estudantes, nas críticas e elogios que permeiam análises, artigos, editoriais, crônicas, resenhas, notícias, reportagens e todos os demais gêneros jornalísticos possíveis de serem encontrados, como mostram alguns dos textos retirados das análises:

“Educação é tudo”, afirma o anúncio do Canal Futura, publicado na revista *Época*⁶⁴. Coordenado pela Fundação Roberto Marinho e mantido por outras 14 instituições, o Canal Futura é assistido por mais de 10 milhões de espectadores. “O Canal Futura traz uma forma inovadora de interagir com gente que também acredita no poder da educação para mudar sua vida para melhor. **Fundação Roberto Marinho. 25 anos acreditando no melhor para o Brasil**”. O grifo na instituição que acredita que a “Educação é tudo”, exemplifica as diversas associações institucionais com a educação. A Fundação Roberto

⁶⁴ *Época*, 12maio, 2003.

Marinho criada em 1977 é uma instituição sem fins lucrativos que afirma ter na educação seu principal foco de atuação. Seus projetos têm alcance nacional e são voltados para a educação formal e informal, unindo educação e comunicação, vinculados ao capital privado das organizações Globo.

A escritora Lya Luft, na revista *Veja*⁶⁵ menciona as necessidades de moradia, saúde e educação como “essenciais” e faz delas mote para sua coluna assinada; “Lição Mineira”⁶⁶ divulga a iniciativa do então governador de Minas Gerais, Aécio Neves quando lançou o programa *Livro na Escola – mais Fácil de Ensinar, Mais Fácil Aprender*, distribuído para alunos do ensino médio e fundamental. A matéria cita mais “algumas práticas de vanguarda” promovidas pelo governador, fotografado e mencionado como autor de “projeto inédito de distribuição de livros”; “Um país soberano é um país 100%” diz a chamada do anúncio (fig.7) do Governo Federal publicado na revista *IstoÉ*⁶⁷ divulgando o “*Programa Escola de Todos, cujo objetivo é matricular na escola 100% das crianças do Brasil e combater a evasão escolar*”. Tendo como base o retângulo verde e o losango amarelo, seis crianças de diferentes etnias simulam jogar uma bola, semelhante ao círculo azul, cortado por uma faixa branca inclinada contendo o dístico “ordem e progresso”, que compõe a bandeira brasileira. O anúncio promovendo o Governo Federal e o Ministério da Educação conclama “A participação do seu município, da sua associação, do seu sindicato, da sua congregação religiosa vai melhorar a eficiência dos programas e ações de combate às causas da exclusão. Conquistando, ponto por ponto, cada canto do território nacional, vamos fazer um país 100% educação”.

⁶⁵ *Veja*, 06 out. 2004, p. 24.

⁶⁶ *IstoÉ*, 03 nov. 2004, p. 74-75.

⁶⁷ *IstoÉ*, 24 dez. 2003.



Figura 7: Um país soberano é um país 100% educação (*IstoÉ*, 12 maio, 2004, p. 36-37).

Em muitos textos analisados a educação aparece como potência, com poder supremo capaz de garantir a “soberania” nacional e daqueles privilegiados que têm acesso à educação escolar. Em outros textos ela é censurada, “condenada”, obtendo “notas vermelhas” e “reprovação”.

A coluna *Ponto de vista* da revista *Veja* conta com colunistas que costumam comentar a educação fornecendo pistas das críticas e expectativas atribuídas ao seu universo e mostrando que as revistas, através de seus interlocutores, estabelecem proposições para a educação contemporânea:

Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram — gente como Rousseau, Platão ou Keynes.[...] Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás — o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem resposta coerentes para explicar a realidade. [...] Se eu fosse ministro da Educação, criaria um curso obrigatório de técnicas de observação, quanto mais cedo na escala educacional, melhor. Incentivaria os alunos a estudar menos e a observar mais, e de forma correta. Um curso que apresentasse várias técnicas e treinasse os alunos a observar o mundo de diversas formas⁶⁸.

⁶⁸ STEPHEN KANITZ, *Veja*, 04 ago. 2004, p. 18. Stephen Kanitz é formado em contabilidade e administração, “administrador por Harvard” sublinha a revista ao final da página.

As revistas apresentam prognósticos, estabelecem prescrições para adequar o universo da educação às necessidades sociais, econômicas, políticas e culturais da contemporaneidade, como ilustra o exemplo acima. Coletâneas de artigos publicados, fotografias, crônicas, reportagens que compuseram edições anteriores das revistas acabam virando livros, exposições ou outros produtos. Um exemplo é o livro *Crônicas de uma educação vacilante*, que reúne os textos de Cláudio de Moura Castro (2005), economista que assina artigos na revista *Veja*. Certamente pautar a educação garante resultados editoriais positivos tanto do ponto de vista econômico, quanto de imagem, talvez por isso a educação seja tão abordada nas revistas. A inclusão da educação entre as alternativas vislumbradas para proporcionar crescimento e desenvolvimento social parece ser consenso entre jornalistas, políticos, administradores, economistas, cientistas políticos e especialistas chamados para opinar e dar credibilidade aos textos, como mostra a coluna *Em foco*, assinada por Sérgio Abranches, cientista político, publicada na revista *Veja*:

Na educação, universalizamos o ensino básico. Mas não demos o passo seguinte: o da qualidade. Nada fizemos de notável no ensino médio. A crise universitária é profunda, e até hoje não se vê proposta que chegue à raiz do problema. Sem ruptura com o padrão atual, sem uma revolução institucional, moral, intelectual e pedagógica, em todos os campos da educação, não daremos o salto que poderíamos dar⁶⁹.

Ao responsabilizar a qualidade da educação pelas contradições e mazelas sociais da contemporaneidade, todos são chamados a colaborar, a apostar e a creditar esperanças em seu poder transformador. Esperança e ilusão fazem parte do imaginário e dos discursos editados nas revistas quando a educação está em pauta. Além disso, a co-responsabilidade de cada um com o resultado dos *rankings* de desempenho é discurso recorrente. A idéia principal parece ser "Cada sociedade tem a educação que quer. A nossa é péssima, antes de tudo, porque não fazemos a nossa parte"⁷⁰.

A situação de crise que permeia o universo da educação aparece como consenso nos textos das revistas. Como parte de uma crise geral, onde já não interessa ao Estado dar conta de suas antigas atribuições, a educação é nomeada como vilã, responsável pela miséria, pela violência e pelos mais diversos desajustes das sociedades contemporâneas. O referido enfraquecimento da soberania do Estado-nação é colocado por Veiga-Neto (2006) no registro da crise da Modernidade.

⁶⁹ *Veja*, 11 ago. 2004, p. 75.

⁷⁰ *Veja*, 10 nov. 2004, p. 20.

Ao se enfraquecer no âmbito do Estado-nação, a soberania desloca-se agora para uma outra instância; na verdade, ela se propaga capilarmente para um não-lugar, de modo a estabelecer uma nova configuração para o espaço. Está-se diante de uma nova espacialização em que os espaços – materiais ou simbólicos, tanto faz – não são mais lisos, bem fronteirizados e estáveis; eles são cada vez mais sulcados, isto é atravessados por linhas de força, móveis, flexíveis e, por isso mesmo, altamente adaptativas. Essas linhas de força rompem as tradicionais fronteiras modernas, sejam elas fronteiras culturais, religiosas, étnicas etc. No plano macropolítico, as linhas de força rompem as fronteiras entre os Estado-nação [...]. *Globalização* vem a ser, justamente, o nome dado a essas novas configurações. (VEIGA-NETO, 2006, p. 18)

É no cenário da chamada crise da educação, que as revistas invocam seu papel de salvaguardar as ambigüidades e ambivalências⁷¹ das políticas neoliberais. Veiga-Neto (2006) considera que a assim chamada crise atual da educação escolar “[...] pode ser compreendida como parte da agudização de uma crise bem mais geral, a saber, uma crise da especialização moderna, que, como referi, é também uma crise da soberania do Estado-Nação”. (p. 34). A submissão da contemporaneidade aos processos informacionais e midiáticos faz a educação e a cultura serem atravessadas pela sociedade da mídia, “a educação depende da comunicação, ou seja, ela é atravessada, formatada, movimentada e interpelada, constante e intensamente, pela comunicação. Pode-se dizer que a comunicação é imanente à ação de educar”. (ibidem, p. 34)

Os efeitos do atravessamento das políticas neoliberais relacionadas à educação estão presentes nas revistas e por meio delas circulam entre leitores, pesquisadores, alunos, professores etc. O neoliberalismo é incluído nos discursos que reivindicam maximização da liberdade individual, exacerbação do individualismo, defesa de que todos são livres para fazer suas escolhas e, “[...] nesse sentido, a lógica neoliberal funciona como uma condição de possibilidade para que se dê a passagem do ‘governo da sociedade’ – no liberalismo – para o ‘governo dos sujeitos’ – no neoliberalismo”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 199). O autor salienta que o sujeito contemporâneo não é aquele sujeito iluminista moderno, antes centrado, estável, amparado pelo Estado. Diz-se dele, agora, que é livre para escolher, adquirir, consumir e seguir entre as diversas possibilidades que lhe são disponibilizadas. A exacerbação do individualismo e a capacidade de escolha colocam o sujeito do neoliberalismo em uma posição de ‘sujeito-cliente’, dotado de uma suposta capacidade de escolher e definir naturalmente, que deve ser preenchida “[...] com um conteúdo (não natural) que, no caso, vem

⁷¹ Neste texto os conceitos de ambigüidade e ambivalência são utilizados de acordo com Bauman (1998, 1999a).

a ser justamente um objeto produzido pela atividade econômica – seja esse objeto um produto, uma mercadoria, um serviço, etc”.(VEIGA-NETO, 2000, p. 199)

A antiga soberania política do Estado era tida como garantia de estabilidade , mas

[...] a soberania já não é o que costumava ser; a base de auto-suficiência econômica, militar e cultural e de quase autarquia em que se apoiava foi paulatina e completamente destruída; a soberania anda de muletas – coxa e vacilante, cambaleando de um teste de aptidão frustrado para outro. As autoridades do Estado nem mesmo fingem que são capazes de ou desejam garantir a segurança dos que estão sob sua responsabilidade; políticos de todas as colorações deixam claro que, dada a severa exigência de competitividade, eficiência e flexibilidade, já “não podemos nos permitir” redes de segurança coletiva. (BAUMAN, 2000, p.47)

A ilusão de que existe a capacidade pessoal da escolha racional é própria da ambivalência neoliberal que pressupõe a existência da liberdade, desde que ela seja praticada por sujeitos capacitados, guiados e preparados para o seu exercício. Assim, sujeição e subjetivação interagem nos discursos e nas práticas que combinam liberdade com normas e indicadores que vão monitorar os desempenhos. Os “controles de qualidade” são emblemáticos para ilustrar como o neoliberalismo penetra nas diferentes instituições, monitorando e criando indicadores de comportamento. É a lógica econômica da produção rápida e lucrativa, aplicada nos hospitais, nas escolas e nas empresas, disseminando o empresariamento *de todos e para todos*. É a reinvenção permanente das instituições, o discurso da flexibilidade, a incitação à competitividade, que contradizem o discurso da liberdade prometida pelo projeto neoliberal, incidindo no governo do sujeito do neoliberalismo.

A inserção da perspectiva gerencial na educação, com a gestão empresarial nas escolas, a terceirização de serviços no ambiente escolar e o enxugamento do quadro de empregados são algumas características que aparecem nas revistas, marcando o processo neoliberal que vai sendo incorporado às práticas escolares. Outro sinal que podemos identificar nas matérias e anúncios publicados é o desenvolvimento de uma indústria de produtos e serviços à disposição das instituições de ensino, para que elas acompanhem as demandas de consumo dos alunos. Neste sentido, aparecem instituições estrangeiras e brasileiras que comportam em seus espaços academias de ginástica, piscinas, quiosques de alimentos e bebidas, aparatos tecnológicos de última geração, servindo de referência e modelo para o incentivo do consumo.

É possível observar que a conjugação da governamentalidade neoliberal com a educação se dá através dos discursos publicados nas revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, e um exemplo de como as revistas operam neste sentido é, quando ao noticiar as políticas públicas para a educação, as matérias descrevem as iniciativas propostas pelo Governo Federal e mostram como elas podem ser aplicadas, trazendo modelos e ensinamentos que convocam para a sua concretização. Neste caso, as revistas movimentam forças no sentido de ensinar ao sistema de ensino como operar no sistema do neoliberalismo globalizado.

A transição do capitalismo denominado fordista-keynesiano⁷² para o capitalismo de acumulação flexível, caracterizado por Harvey (1999), é marcada pelo confronto com a rigidez do fordismo. A flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, faz com que surjam novos setores de produção, novos serviços financeiros, novos mercados e taxas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1999). As inúmeras mudanças na produção e reprodução do capitalismo são acompanhadas de exigências que vão afetar a sociedade de um modo geral. A volatilidade e a efemeridade da moda, dos produtos, das técnicas de produção, dos processos de trabalho, das idéias e das práticas estabelecidas instalam a instantaneidade e a descartabilidade dos produtos, dos valores e até dos relacionamentos.

Bauman (2000) caracteriza o fordismo como um “estágio pesado”. O capital estava fixado ao solo, assim como seus trabalhadores. No estágio pós-fordista, ou denominado por Bauman como estágio do “capitalismo leve”, “o capital viaja leve – apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil. Pode saltar em quase qualquer ponto do caminho, e não precisa demorar-se em nenhum lugar, além do tempo que durar sua satisfação” (ibidem, p. 70). As mudanças processadas nos diferentes estágios do capitalismo acionam alterações para a sociedade, para os sujeitos e para as instituições que sustentam a lógica vigente. O modelo econômico institui formas de regulação que possibilitam a sua produção e reprodução. Quando se procura mapear a governamentalidade neoliberal acionada no texto das revistas, encontramos valores, racionalidades e práticas

⁷² O período fordista-keynesiano é compreendido como o período de expansão pós-guerra, estendido de 1945 a 1973, baseado em um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico. A data simbólica do fordismo é 1914, quando Henry Ford introduz a jornada de trabalho de oito horas e cinco dólares na linha de montagem de sua fábrica de automóveis em Dearborn, Michigan. Os *Princípios da Administração Científica*, de F.W. Taylor, publicados em 1911 e o fordismo estabelecem inovações tecnológicas e organizacionais para a produção em massa, com sistema de reprodução da força de trabalho e política de controle e gerência. O que vai distinguir o fordismo do taylorismo é a visão de Ford de que a produção em massa significa consumo de massa, exigindo um novo tipo de “sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista”. (HARVEY, 1999, p. 122)

convergentes com essa lógica. Sennet (2004) chama a atenção para algumas das características facilmente encontradas nas sociedades contemporâneas, regidas pelo mercado:

O sistema de poder que se esconde nas modernas formas de flexibilidade consiste em três elementos: reinvenção descontínua de instituições; especialização flexível de produção; e concentração de poder sem centralização. Os fatos que se encaixam em cada uma dessas categorias são conhecidos da maioria de nós, nenhum mistério; já avaliar a consequência deles, é mais difícil. (SENNET, 2004, p. 54)

Na perspectiva foucaultiana, o neoliberalismo representa a reinscrição dos saberes, competências, expertises. Colocados em funcionamento, deslocam as técnicas de governo para que o Estado passe a ser gerenciado segundo a lógica empresarial, “pois transformar o Estado numa grande empresa é muito mais econômico – rápido, fácil, produtivo, lucrativo. Isso sem falar que as próprias empresas – principalmente as grandes corporações – têm muito a ganhar com o empresariamento do estado”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 198).

O neoliberalismo vai produzir discursos e práticas que procuram diminuir o papel de provedor do Estado, promovendo maior autonomia dos indivíduos. A invenção de novas táticas e novos dispositivos⁷³ coloca o Estado em uma outra situação, na qual o social é subordinado ao econômico. As atividades estatais são privatizadas ou submetidas à lógica empresarial e o Estado deve se ocupar apenas de regular e prover atividades consideradas essenciais como, por exemplo, a educação e a saúde. Surgem assim, instituições e movimentos que desobrigam o Estado do controle e financiamento das necessidades sociais. E novas frentes vão surgindo como, por exemplo, as organizações não governamentais, as cooperativas, as associações comunitárias, as parcerias entre empresas privadas e instituições sociais ou os chamados programas de “responsabilidade social”. Para dar conta de problemas específicos, grupos se organizam por diferentes causas, desviando do Estado a tutela econômica e política.

Um exemplo de parceria social é encontrado na revista *Veja*, que implementa o projeto *Veja na sala de aula*, com o objetivo de engajar-se na melhoria da educação no país. A revista, ao anunciar o seu programa *Veja na Sala de Aula*⁷⁴, apela para que lojistas, microempresários, empresários, industriais, dirigente de ONGs ou de fundações sejam Parceiros da Escola, adquirindo e doando assinaturas de seus exemplares. A chamada “Se o

⁷³ O conceito de dispositivo atribuído por Foucault (2005) é tratado no decorrer deste capítulo.

⁷⁴ Programa *Veja na sala de aula*, segundo o site www.vejanasaladeaula.com.br (Acesso 12 março 2006), existe desde 1998. A Editora Abril e a revista *VEJA*, em parceria com a Fundação Victor Civita, produzem o programa direcionado ao desenvolvimento dos alunos do Ensino Médio, “fornecendo-lhes subsídios para que se tornem atuantes, preparados e bem informados”. O Programa tem a pretensão de proporcionar aos professores, orientadores e coordenadores pedagógicos conteúdos de modo “atraente, dinâmico e inovador”.

estudo é a luz da sabedoria, o seu investimento é o interruptor” é complementada pela ênfase no poder da educação:

Só se faz um grande país quando se prioriza a Educação. É por meio dela que se formam cidadãos conscientes e críticos. E, conseqüentemente, uma sociedade mais justa e uma economia mais competitiva, com melhor distribuição de renda, profissionais capacitados e políticos mais honestos. Investir em Educação não é responsabilidade apenas do Estado, mas de cada um de nós [...] ⁷⁵.

O programa *Veja na Sala de Aula* é composto pela revista *Veja*, mais um guia prático, o site www.vejanasaladeaula.com.br, uma fita de vídeo e o Guia do Professor, onde as matérias de *Veja* são transformadas em conteúdos didáticos. O Programa “[...] oferece propostas modernas e ousadas, conforme preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio, valorizando a interdisciplinaridade e estimulando a autonomia e a capacidade de análise do estudante” ⁷⁶.

A revista também anuncia o curso de educação continuada *Ofício de Professor*, indicado para professores dos anos iniciais da Educação Básica, oferecido pela Fundação Victor Civita. Novamente a Editora conclama “[...] prefeitos, mantenedores de escolas, faculdades de educação e empresários” (p. 101), a adquirirem os oito volumes, o caderno de atividades e o estojo prático que compõem a “coleção leve, completa e fácil de ler”. Se por um lado a Editora Abril valoriza a educação e atribui a ela a capacidade de solucionar os problemas do país, parece também habilitar-se a “ensinar” professores, alunos e interessados a operacionalizar essa educação. A revista considera a aquisição de seus produtos e suas edições capacitadas a melhorar a educação brasileira. Além de eleger os “melhores educadores” do Brasil, a editora define o que deve ser “inovado” e “simplifica” o conteúdo para que os professores consigam “entender”. O curso é agradável, fácil, prazeroso e pode ser estudado em “qualquer lugar”, garante o anúncio. Com uma imagem do mapa do Brasil, o anúncio tem como chamada “Brasil 54 milhões de alunos e 2 milhões de professores que precisam saber mais para ensinar melhor”, o programa *Ofício de Professor* é “um curso inovador para quem precisa aprender sempre: aquele que ensina”. Como estratégia de venda para seus produtos a editora insinua boa vontade em oferecer conhecimento e sugere que tem competência para qualificar nossos professores com lições “fáceis”, que podem ser aprendidas em “qualquer lugar”. A suposta perda do estatuto do conhecimento pelos

⁷⁵ *Veja*, 03 set. 2003, p. 56-57.

⁷⁶ <http://www.vejanasaladeaula.com.br>. Acesso: 12 mar. 2006.

professores incentiva a proliferação de produtos que prometem aprendizagem ligeira, prática, que pode ser obtida sem esforço e estudada em “qualquer lugar”.

Em outro anúncio (fig.8) a chamada “Faça parceria com futuros médicos, dentistas, advogados, economistas e cidadãos brasileiros. Seja Parceiro da Escola. Invista no cidadão brasileiro. Invista no futuro do Brasil”, a revista chama “parceiros” para adquirirem o *Programa Veja na Sala de Aula*. A imagem que ilustra o anúncio (fig.6) possui seis jovens sorridentes, de diferentes etnias, uma delas segura dois livros, outros dois seguram livros, invocando a presença da educação. Com o projeto mencionando a Fundação, a Editora e a revista pretendem “transformar os alunos em cidadãos preparados. E o Brasil em um país muito melhor”. O Programa inclui 10 guias do professor onde as matérias de *Veja* são transformadas em aula; 14 exemplares da revista *Veja* por semana; Guia extra e fita vídeo com depoimentos; 2 edições especiais de *Veja* por ano, pôsteres temáticos e site exclusivo para o professor. O anúncio salienta que o curso tem “preço de custo, sem fins lucrativos”, com apoio de todos os jornalistas do Brasil. A assinatura ressalta que essa é uma iniciativa da Fundação Victor Civita, mantida pela Editora Abril, que atribui à educação a capacidade de transformar o Brasil em um país melhor e incumbe-se de “inovar, tornar fácil e prazeroso” o ofício dos professores. “Alguns dos melhores educadores” eleitos pela Abril, são chamados para elaborar os oito volumes, o caderno de atividades e o estojo prático. O texto orienta que o professor adquira melhor qualificação com a leitura do curso oferecido, onde pode “organizar seus horários de estudo e aprender sozinho em casa, na sala de professores, em qualquer lugar”⁷⁷.

⁷⁷ <http://www.vejanaladeaula.com.br>. Acesso: 17 fev. 2005.

Faça parceria com futuros médicos, dentistas, advogados, economistas e cidadãos brasileiros.

Seja Parceiro da Escola.
Invista no cidadão brasileiro. Invista no futuro do Brasil.

Ser PARCEIRO DA ESCOLA é apresentar uma ou mais escolas públicas com o Programa VEJA NA SALA DE AULA. VEJA e a Fundação Victor Civita levam VEJA NA SALA DE AULA a mais de 3.000 escolas do Ensino Médio. Com a sua participação, os benefícios da informação atualizada vão se estender a outros milhares de pessoas, transformando alunos em cidadãos preparados. E o Brasil em um país muito melhor.

O que a escola pública ganha com um ano de VEJA NA SALA DE AULA.

- 10 Guias do Professor onde as matérias da revista VEJA são transformadas em aulas.
- 14 exemplares da revista VEJA por semana.
- Guia extra e Fitá de Vídeo com depoimentos.
- 2 Edições Especiais de VEJA por ano e pôsteres temáticos.
- Site exclusivo para o professor: www.veja.nasala.deaula.com.br

Conheça os benefícios para sua empresa em ser Parceiro da Escola: 0800-7042112 ou 5087-2112 para Grande São Paulo. <http://abril.assinadori.com/crsasala>

ELEKTRO Wilson cpi MANSEVY MERCEFERRO
 IMOBILIÁRIA VERDEÃO

Figura 8: Seja parceiro da Escola (*Veja*, 30 jun. 2004, p.88).

Os textos analisados sugerem que o professor precisa driblar o tempo, aprender sozinho, empreender na própria carreira, responsabilizar-se pela educação. A lógica liberal coloca todos como responsáveis pela sociedade e por si mesmo. Cada um é ao mesmo tempo objeto e difusor das práticas de governmentamento que sustentam a primazia do mercado. O vazio do Estado na manutenção dos problemas emergentes é logo preenchido por produtos, iniciativas e promessas salvacionistas, e as revistas promovem ou participam de iniciativas sociais que são festejadas como iniciativas capazes de solucionar os problemas contemporâneos. A minimização do Estado pode ser entendida como uma nova tecnologia de governo, por sua capacidade de fazer com que os sujeitos assumam responsabilidades sociais, e os discursos das revistas são habilidosos na responsabilização de todos e de cada um, no que se refere à educação.

Uma infinidade de expressões surgem, e indicam estratégias salvacionistas prometidas pelo neoliberalismo. “Modernização, privatização, terceirização, globalização, qualidade total, racionalização de recursos, são palavras que passaram a fazer parte do cotidiano de ricos e

pobres, velhos e jovens, homens e mulheres, brancos e mestiços. Podem até não saber o sentido que fazem, mas todos as empregam” (GARCIA, 2000, p. 149). São criadas categorias de legitimação para a ordem vigente e esses significados dominantes têm mais possibilidades de circular. São significados que, mesmo podendo ter resistência, indicam o processo ativo de esforço para mantê-los hegemônicos.

“Gerir a população quer dizer geri-la igualmente em profundidade, em fineza e no detalhe”, alertava Foucault (2003, p. 302), quando mencionava o aparecimento da população como um campo de intervenção e como finalidade das técnicas de governo. Complementava dizendo que “[...] são estes três movimentos, eu acho: governo, população, economia política, dos quais se deve observar que constituem, a partir do século XVIII, uma série sólida que, ainda hoje, não está dissociada”. (ibidem, p. 303)

Na pesquisa empreendida observei que as revistas são artefatos compatíveis para a circulação de valores, comportamentos e modelos com a perspectiva vigente. Gentili (1995) observa que o discurso neoliberal faz uma reformulação dos princípios que guiam as promessas economicistas do “capital humano”, que relacionava a educação ao desenvolvimento econômico. Nesta perspectiva, os conhecimentos que aumentam a capacidade de trabalho constituem um capital que garante o crescimento econômico de modo geral e, de forma particular, incrementa o ingresso de quem os possui. As promessas de que o mercado conseguiria dar conta das demandas individuais e do desenvolvimento econômico, gerando empregos e proporcionando aumento geral de riqueza, destacam a educação como investimento individual e social, carente de planejamento centralizado. A noção de investimento na educação defendida pela perspectiva do capital humano pressupõe o aumento de recursos para a área educacional, na qual “[...] o protagonismo estatal era importante, acima de tudo, porque a própria expansão do mercado de trabalho e as crescentes necessidades de ‘mão-de-obra’ assim o impunham” (GENTILI, 1995, p. 196). As políticas educacionais do neoliberalismo descartam o planejamento centralizado que é defendido pelos desenvolvimentistas. A centralização dos currículos nacionais e o controle dos programas de formação permanecem, mas há a “[...] transferência da responsabilidade pela gestão dos programas sociais e a privatização do gasto que permite subsidiá-lo”. (GENTILI, 1995, p. 196)

O caráter hegemônico do neoliberalismo e a reprodução de elementos já existentes e profícuos para a sua recriação fazem com que a lógica neoliberal seja, ao mesmo tempo, original e repetitiva. O neoliberalismo cria novas formas de dominação e, simultaneamente,

reproduz formas anteriores. Ao tentar compreender como o projeto neoliberal tangencia o campo da Educação através dos discursos publicados nas revistas semanais, foi possível reconhecer que a trama, o enredo, a articulação do discurso do neoliberalismo nos textos dessas mídias produzem argumentos para a sua manutenção e reinvenção.

As mudanças das concepções sobre trabalho e emprego também podem ser observadas nas revistas, embora a educação ainda seja considerada um atributo qualificador para a atuação na esfera econômica. O que diferencia os teóricos do capital humano dos neoliberais é que, “de fato, embora em ambos os casos a esfera do mercado determine as opções de investimento e os critérios de planejamento, para alguns tal esfera encontra-se em expansão e para outros ela está definitivamente circunscrita a certos mecanismos de concorrência cada vez mais rigorosos na sua seletividade”. (GENTILI, p. 196)

Com o mercado em expansão, os defensores do capital humano preocupam-se em precisar quais são as necessidades de mão-de-obra e quais os critérios eficientes para o planejamento dos recursos humanos. Na perspectiva neoliberal já não importa formar indivíduos para o desempenho no mercado de trabalho em contínua expansão. O desafio consiste em formar competências para um mercado de trabalho cada vez mais restrito. A competitividade, o sucesso dos “melhores”, a educação para o mercado competitivo, fazem com que a flexibilização das ofertas seja uma nova prática. “Isto é, se os mercados de trabalho flexibilizam-se, devem também flexibilizar-se os mercados educacionais que produzem insumos para estas esferas altamente competitivas”. (GENTILI, 1995, p. 197)

A ênfase do enfoque no capital humano está na justificativa de que sem expansão do sistema educacional é impossível garantir o crescimento econômico. Há a preocupação com o planejamento da oferta de recursos humanos, que deve dar conta das demandas e do crescimento de matrículas nas instituições escolares. O questionamento da pertinência dos critérios de “eficiência” nos mercados educacionais marca as políticas neoliberais. O neoliberalismo vai formular promessas de qualidade que seguem a lógica mercantil, na qual o sistema educativo deve funcionar como um mercado. Os discursos correntes para a lógica empresarial são assimilados enfatizando que é preciso esforço, responsabilidade, empreendedorismo, competitividade etc. A qualidade desejada para a educação segue o rumo da lógica neoliberal, defendendo os esforços pela flexibilização e acompanhando os caminhos do capitalismo:

A expressão “capitalismo flexível” descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas

rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças em curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. (SENNETT, 2004, p. 9)

Outra característica singular evidenciada nos textos analisados é a competição, marca impressa pelas atividades empresariais em todos os âmbitos da sociedade. O sujeito do neoliberalismo deve ser capaz de empresariar a própria vida, combinando as ofertas que são oferecidas por um mercado cada vez mais diversificado e especializado no detalhamento dos produtos e serviços que oferece. “Assim, o sujeito ideal do neoliberalismo é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor fazendo suas próprias escolhas e aquisições [...]”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 199-200)

Nas revistas, a valorização das competências necessárias ao mercado, o estímulo à competitividade, a visibilidade de ações exemplares e bem sucedidas são apresentadas recorrentemente. Um exemplo ilustrativo (fig. 9) é a iniciativa da Fundação Victor Civita que implementou o “Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10”, divulgado na revista *Veja* e criado para homenagear os professores que mais se destacam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, admitindo que os professores raramente recebem o devido reconhecimento, embora busquem “soluções criativas para estimular em seus alunos a curiosidade, a imaginação e o prazer de aprender”. Ao ser indicado, o professor deveria inscrever um trabalho no concurso e, uma vez selecionado, poderia ganhar um prêmio em dinheiro e ter seu trabalho divulgado em uma “grande festa, transmitida em rede nacional pela TV Cultura, em outubro, no Dia do Professor”. “Você conhece um professor nota 10?” (fig.7) Com essa chamada, o anúncio conclama a sociedade para indicar profissionais da educação “nota dez”, exibidos em rede nacional, servindo de exemplo e mostrando iniciativas individuais que dão soluções para problemas enfrentados pela educação. O reconhecimento da atividade docente é acompanhado da responsabilização da educação e dos professores pelos resultados nacionais, como mostra o final do anúncio, composto pelo logotipo das instituições patrocinadoras do prêmio e da afirmação: “Bom professor, Brasil melhor”⁷⁸.

⁷⁸ *Veja*, 09 abr. 2003.

VOCÊ CONHECE UM PROFESSOR NOTA DEZ?

O Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10 foi criado para homenagear os professores que mais se destacam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Esses profissionais, que raramente recebem o devido reconhecimento, vivem buscando soluções criativas para estimular em seus alunos a curiosidade, a imaginação e o prazer de aprender. Você conhece alguém que se encaixa nesse perfil? Mande o nome e o endereço dele para a Fundação Victor Civita e nós o convidaremos a inscrever um trabalho no Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10. Se for selecionado, ele poderá ganhar até R\$ 17.500,00 e ter seu trabalho divulgado numa grande festa, transmitida em rede nacional pela TV Cultura em outubro, no Dia do Professor.



ROBERTA AZEVEDO, da E.M. Veríssima D'Arc dos Santos, em Quixaba, PE: ganhadora do prêmio em 2002.

INDIQUE-O PARA O PRÊMIO VICTOR CIVITA


Envie **até 31 de maio de 2003** uma carta ou e-mail, com o nome e o endereço completos da professora ou do professor que você quer indicar, para: Fundação Victor Civita, Av. das Nações Unidas, 7.221, 6º andar, São Paulo, SP, CEP 05425-902. E-mail: premio@fvc.org.br




Figura 9: Você conhece um professor nota dez? (*Veja*, 09 abr. 2003, p.05)

Em maio de 2004, a revista *Veja* (fig.10) volta a solicitar a indicação de professores que mais se destacam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, o professor vitorioso poderia ganhar até R\$ 17.500,00 e ter seu trabalho divulgado (fig.8) na “grande festa” transmitida no dia do professor pela TV Cultura. A foto que ilustra o anúncio mostra a professora selecionada no ano de 2001, segurando um troféu em meio aos alunos da escola municipal baiana, onde leciona.

SE VOCÊ CONHECE UM BOM PROFESSOR... LEVANTE A MÃO!




Estudante R. Quaresma, Prêmio do Anos 2003, com seus alunos da Escola Municipal Darci Ramos, Salvador, BA

O Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10 foi criado para homenagear os professores que mais se destacam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Esses profissionais, que raramente recebem o devido reconhecimento, vivem buscando soluções criativas para estimular em seus alunos a curiosidade, a imaginação e o prazer de aprender. Você conhece alguém que se encaixa nesse perfil? Mande o nome e o endereço desse educador para a Fundação Victor Civita e nós o convidaremos a inscrever-se no Prêmio Victor Civita – Professor Nota 10. Se for selecionado, ele poderá ganhar até R\$ 17 500,00 e ter seu trabalho divulgado numa grande festa, transmitida em rede nacional pela TV Cultura em outubro, no Dia do Professor.

INDIQUE UM PROFESSOR!

Envie até 21 de maio de 2004 uma carta ou e-mail com o nome e o endereço completos do professor que você quer indicar.
Av. das Nações Unidas, 7221, 6º andar, São Paulo, SP, CEP 05425-902.
E-mail: premio@fvc.org.br



**PRÊMIO VICTOR CIVITA 2004
Professor Nota 10**




Figura 10: Se você conhece um bom professor...levante a mão (*Veja*, 03 mar. 2004, p.95).

A ênfase presente nos programas e produtos oferecidos pela *Veja* coloca a revista, sua editora e a Fundação Victor Civita, como agentes preocupados com a educação, capacitados a preparar, reconhecer, avaliar, premiar professores e estudantes. O poder referenciado pelas editoras “é menos da ordem do afrontamento e da violência e mais da ordem do governo, o qual, numa perspectiva foucaultiana, tem um caráter bem mais sutil do que aquele que lhe é atribuído quando se refere às estruturas políticas e à gestão dos Estados” (COSTA; SILVEIRA, 1998, p. 350). O governo, nesse sentido, diz respeito às condutas dos sujeitos e a revista é um dos artefatos culturais onde o poder opera nessa direção.

A revista *Época* também mantém um projeto voltado para a educação, concebido para disseminar, nas salas de aula, a leitura das *Revistas Época* e *Galileu*. O objetivo do projeto era transformar essas revistas em

[...] instrumentos úteis a atividades complementares à grade curricular, ajudando na formação de leitores bem informados, críticos e criativos. O Projeto leva em conta a necessidade – cada vez maior nesta sociedade da informação e do conhecimento – de estimular entre os jovens a

capacidade de pesquisa e por conta própria, de análise de dados, de tomada de decisões⁷⁹.

O projeto previa que, durante todo o ano letivo, as escolas participantes recebessem sem custo algum, dez assinaturas da *Revista Época* e dez assinaturas de *Galileu*, acompanhadas de encartes semanais com sugestões de atividades e projetos interdisciplinares. O material dos encartes foi gerado a partir de uma base de dados formada com as matérias publicadas nas revistas, selecionadas e organizadas por eixos temáticos. As atividades sugeridas têm a pretensão de que “alunos e professores aprendam juntos a perceber a informação como um bem vital em nosso mundo; transformar a informação em conhecimento; entender como as revistas são construídas; fazer uma revista ou um jornal impresso ou digital”.

Com o *Projeto Época na Educação* as escolas recebem, gratuitamente, as revistas *Época* e *Galileu*, além de encartes semanais, para serem usados como material paradidático voltado aos estudantes do ensino fundamental e médio. Em seu quinto ano de existência, o projeto “levou informação e conhecimento para mais de 700 escolas e 300 mil alunos”⁸⁰, divulga o *site* de *Época*. A capacidade de complementar conteúdos, direcionar as atividades dos professores e dinamizar o ensino em sala de aula aparece recorrentemente nos projetos que envolvem a educação promovidos pelas revistas, e estes projetos ilustram como a educação figura entre muitas das iniciativas sociais promovidas pelas revistas.

Algumas capas de *Veja* (fig.11 a fig. 15) incluem a educação nas suas reportagens semanais. Entre elas a presença de jovens e o tom prescritivo são utilizados recorrentemente. As capas prometem ensinar aos pais, educadores e estudantes a otimizar a educação, driblar o desemprego e a competitividade do mercado de trabalho. Os textos enumeram as condutas, os perfis solicitados pelo mercado; anunciam as áreas profissionais ditas promissoras; entrevistam especialistas e profissionais bem sucedidos como exemplo de sucesso; instruem os leitores a fazer a “escolha certa” e a conviver com a “pressão por desempenho e pouco tempo para pensar”. Educadores e psicólogos ensinam a conviver com os filhos adolescentes impondo limites e auxiliando nas dificuldades escolares; testes indicam a capacidade dos leitores para decidir e fazer as escolhas; as empresas mencionam o que esperam dos privilegiados que conquistam as escassas vagas disponíveis etc. As revistas parecem incorporar o tom de manuais de auto-ajuda e nelas as receitas, dicas, sugestões são

⁷⁹ Texto disponível em: <<http://www.epoca.globo.com/epocanaeducaao>. Acesso: 24 fev. 2004.

⁸⁰ Texto disponível em: <<http://www.epoca.com.br/educaao>. Acesso: 03 fev. 2006.

“assinadas” pelos especialistas e pelos exemplos mencionados que atribuem legitimidade às racionalidades e práticas consideradas adequadas.



Figura 11: Sucesso na profissão (*Veja*, 4 jun. 2003, capa).



Figura 12: O desafio de arranjar emprego (*Veja*, 17 dez. 2003, capa).



Figura 13: Decida antes que decidam por você (*Veja*, 14 jan 2004, capa)



Figura 14: A economia decola e os empregos estão de volta (*Veja*, 08 dez. 2004, capa)



Figura 15: Filhos tiranos, pais perdidos (*Veja*, 18 fev. 2004, capa)

A revista *IstoÉ* (figs.16 a 20) também apresenta prescrições em suas chamadas de capa, sinalizando a sua capacidade orientadora em relação à educação, aos jovens e aos problemas sociais. A edição de 13 de outubro de 2004 tem como manchete “O que fazer para seu filho não levar bomba na escola”, a reportagem publicada no mês de outubro, diz que “Ainda há tempo, escolas, pais e estudantes recorrem a aulas de reforço, psicólogos e outras estratégias para que a criança não perca o ano”. Em outra edição⁸¹ a revista apresenta a matéria “Surpresa! A juventude brasileira é careta” com dados de uma pesquisa que retrata o mapa da juventude brasileira: “apegada à família, conservadora e preocupada com a violência e o desemprego, ainda luta por independência e valoriza a solidariedade” e a edição 05 de outubro de 2005 diz: “Não há vagas. São quase quatro milhões de jovens desempregados no Brasil com poucas perspectivas de uma oportunidade nas duras etapas de seleção”. As três capas sinalizam para a preocupação com a situação da educação brasileira, especialmente com os jovens, como mostram suas imagens. A juventude é sinalizada como público promissor, que precisa ser “preparado” para as demandas contínuas e fugazes do mercado produtivo.

⁸¹ *IstoÉ*, 05 maio, 2004.



Figura 16: O que fazer para seu filho não levar bomba na escola (*IstoÉ*, 13 out. 2004, capa)



Figura 17: Acredite no seu sonho (*IstoÉ*, 23 jul. 2003, capa)



Figura 18: Escolas da era digital (*Época*, 8 nov. 2004, capa)



Figura 19: Escolha a carreira certa (*Época*, 01 set. 2003, capa)



Figura 20: Onde está o novo emprego? (*Época*, 12 jul. 2004, capa)

Afirmações como: “O que fazer; ingredientes para realizar seu projeto de vida; saiba escolher os melhores colégios; conselhos de quem conquistou o sucesso” ilustram os discursos reguladores que podem ser lidos nas revistas. Neles os preceitos e tendências predominantes circulam e operam, produzem, constituem formas de pensar a educação.

Na sociedade fluida, as formas e as instâncias de governo utilizam outras estratégias sutis ou declaradas, todas eficientes e poderosas. Na era da globalização e do “capitalismo flexível” há uma nova velocidade, outras expropriações (agora do Estado) e novas tendências que operam como categorias inclusivas, ou de exclusão.

A globalização está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encarnação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos. (BAUMAN, 1999, p. 7)

O tema da globalização, transformado em modismo, está presente nas recorrentes matérias publicadas nas revistas sobre intercâmbios. As distâncias diminuíram, os espaços

estão mais próximos e acessíveis e para aprimorar idiomas, cada vez mais os jovens procuram trabalhos temporários no exterior. Os programas de trabalho conjugados com o ensino de línguas são mencionados nas revistas. Existem programas de trabalho remunerado para ambos os sexos em lugares como *resorts*, parques temáticos, estações de esqui e navios.

A revista *Época*⁸² conta a experiência de uma jovem que participou do Programa *Au Pair*, criado pelo governo americano, através da *United States Information Agency* (Usia). O programa solicita como requisitos de seleção ensino médio completo, bom conhecimento da língua inglesa, idade entre 18 e 26 anos, habilitação e experiência para dirigir e gostar de crianças. É necessário ainda pagar uma taxa de inscrição de US\$ 300, uma taxa e colocação de US\$ 75 e um depósito reembolsável de US\$ 400⁸³.

Universitários brasileiros aderem ao “sonho acessível” dos intercâmbios, que oferecem o “aprendizado no batente” (fig. 21), nas vagas temporárias, onde é contratada para serviços de restaurante, bar, limpeza, cozinha, recepção e estágios como babá. As agências recrutam jovens que queiram conhecer outros países e estejam dispostos a enfrentar o trabalho pesado e as maravilhas ou adversidades da globalização. A valorização da vivência externa não questiona o tipo de atividade desenvolvida em outros países. Aqui, a experiência será um diferencial provavelmente inquestionável, como mostra o exemplo publicado em *Época*, onde um recém-formado em hotelaria afirma que a fluência adquirida no idioma e a experiência no exterior já são valorizadas no mercado profissional, independente das atividades desempenhadas lá fora. “Antes da viagem, mandei meu currículo para vários hotéis. Nenhum deu resposta. Depois da Disney, todos passaram a me responder”⁸⁴.

⁸² *Época*, 23 fev. 2004.

⁸³ *Época*, 23 fev. 2004.

⁸⁴ *Época*, 23 fev. 2004, p. 51.



Figura 21: Aprendizado no batente (*Época*, 23 fev. 2004, p. 50-51)

Os eventos internacionais que reúnem estudantes de diferentes partes do mundo também são notícia nas revistas. São iniciativas festejadas e mencionadas como exemplos de incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento intelectual. Expressões que falam de “talento”, profissional “engajado”, “empreendedor”, “competitividade”, “educação de qualidade”, circulam nas falas e análises de especialistas, nas quais as críticas à educação brasileira são constantes:

Levar à escola brasileira os princípios do empreendedorismo ainda parece um sonho distante. “A produção prática do conhecimento muitas vezes é vista por aqui como uma contaminação capitalista do ensino – e enfrenta a resistência de pais e pedagogos”. “A diferença é que nosso aluno sai da escola querendo um bom emprego, enquanto o americano sai querendo abrir um bom negócio”, aponta Robert Wong, headhunter da Korn/Ferry, multinacional de recrutamento de executivos⁸⁵.

“Currículo turbinado – fazer faculdade, pós-graduação e MBA no exterior ajuda a progredir na carreira”⁸⁶ é a manchete de uma matéria (fig. 22) que menciona os cursos em destaque (meio ambiente, *design* gráfico, cinema, animação, engenharias, moda, artes, turismo e hotelaria); fornece endereços de instituições que oferecem bolsas de estudo integrais ou parciais no exterior; relaciona prós e contras que precisam ser avaliados antes de decidir por estudar fora. E para aqueles que desejarem obter aqui o que é oferecido pelas empresas

⁸⁵ *Época*, 31 maio, 2004, p.

⁸⁶ *Época*, 12 jul. 2004.

multinacionais de ensino, é possível matricular-se em instituições como o *Istituto Europeo di Design*. O mais inovador curso de design, moda e comunicação da Europa agora também em São Paulo, avisa o anúncio que oferece diversos cursos na área do *design*⁸⁷.

A fig. 23 mostra que os intercâmbios viraram um negócio rentável. A “anfitriã americana” veio ao Brasil negociar com autoridades da embaixada americana no Rio de Janeiro, a concessão de vistos facilitados para estudantes que vão aos EUA. O turismo e o crescente número de brasileiros interessados em estudar ou participar de intercâmbios movimentam empresas especializadas em organizar viagens, cursos, congressos etc, mas nem todos estão habilitados ao consumo das experiências internacionais, como ressalta Bauman:

Os vistos de entrada vão ficando progressivamente ultrapassados em todo o globo. Mas não o controle de passaportes, ainda necessários – talvez mais do que nunca – para eliminar a confusão criada pela abolição dos vistos [...]. A atual combinação da anulação dos vistos de entrada com o aumento dos controles de imigração tem uma profunda significação simbólica. Poderia ser considerada uma metáfora para a nova estratificação emergente. Ela deixa a nu o fato de que agora o “acesso à mobilidade global” é que foi elevado à mais alta categoria dentre os fatores de estratificação. (BAUMAN, 1999, p. 95-96)

Nas revistas parece haver consenso sobre o poder de “turbinar os currículos” (fig 22), proporcionado pelas experiências estrangeiras quando os estudantes retornam ao Brasil. O *GUIA Veja*⁸⁸ apresenta “dicas para conquistar uma bolsa de estudos” e reforça o peso das experiências internacionais para os currículos profissionais. A fotografia (fig 24) de uma jovem segurando uma esfera terrestre evidencia quase uma “exigência” de consumo que vem sendo atribuída aos estudantes da contemporaneidade: estudar em boas escolas, ter diploma de ensino superior ou especializações já não satisfaz, é preciso ter experiências internacionais, vivenciar outras culturas, dominar outros idiomas.

⁸⁷ *Época*, 06 dez. 2004, p.102.

⁸⁸ *Veja*, 6 set. 2006, p.122-123.



Figura 22: Currículo turbinado (*Época*, 12 jul. 2004, p.54-59)



Figura 23: A anfitriã americana (*Época*, 09 fev. 2004, p.49)

A figura 25 integra o único texto que problematiza a qualidade dos cursos oferecidos no exterior. Neste caso a crítica é direcionada aos diplomas adquiridos na Bolívia, Argentina, Cuba e Caribe, mais acessíveis economicamente para os estudantes brasileiros que podem tentar fugir do vestibular nas universidades públicas daqui ou das mensalidades das universidades particulares.

As revistas assinalam que a educação exige poder de compra e altos investimentos econômicos e pessoais, mas parecem insinuar que mesmo assim ela é acessível quando existe “vontade”. Bauman (1999) lembra que “como todas as outras sociedades, a sociedade pós-moderna de consumo é uma sociedade estratificada”. (p.94)

[...] os que vivem no “alto” estão satisfeitos de viajar pela vida segundo os desejos do seu coração, podendo escolher os seus destinos de acordo com as alegrias que lhe oferecem. Os de “baixo” volta e meia são expulsos do lugar em que gostariam de ficar. (BAUMAN, 1999, p.95)

A idéia de “liberdade” celebrada como intrínseca ao projeto neoliberal é banalizada pelas revistas. As matérias sugerem que os leitores podem consumir produtos, serviços, viagens: “basta querer”. Para ir daqui a qualquer outro lugar do planeta, é só desejar, ter a iniciativa, “empreender” objetivos e metas que proporcionem os deslocamentos. O entusiasmo e a euforia interplanetária parecem obscurecer a percepção da crescente privatização dos meios que asseguram a “liberdade” de ir e vir (inviabilizada para quem só pode deslocar-se via *on line* ou mesmo desconhecida para quem não tem sequer acesso às tecnologias digitais).

Outro caso que ilustra como os textos jornalísticos conseguem envolver simultaneamente o governo da educação e da população em uma única reportagem, aparece quando, ao destacar os alunos classificados em primeiro lugar em vestibulares de algumas universidades muito concorridas, a revista discute a questão da universidade pública, do vestibular e dá visibilidade ao comportamento desses estudantes. Ao pormenorizar suas rotinas de estudo, seus hábitos pessoais e suas histórias escolares, elas estão compondo textos culturais que atuam como manuais pedagógicos, moldando ações para o cotidiano escolar e para os estudantes. O comportamento dos “melhores” alunos, aqueles que passaram com as maiores médias, é minuciosamente descrito, mostrando a todos os demais leitores como é o perfil do estudante bem sucedido, apresentado como o futuro profissional de sucesso, aquele que terá seu espaço no mercado de trabalho competitivo da sociedade globalizada.

As revistas sugerem que quando o Estado já não mantém um padrão razoável de educação e quando as famílias já não podem custear os custos do ensino, resta à população criar formas alternativas de gerenciamento. As alterações econômicas, políticas, culturais da modernidade que prometiam certezas e segurança, vão dando lugar a ambivalências que tocam as opções, as identidades e os projetos individuais. As ambigüidades efervescentes trazem outras tendências e exigências, que podem ser lidas nas revistas. O mundo globalizado precisa de uma nova agenda de governamentos, diferentes daqueles válidos para a sociedade moderna. Outras necessidades e outras referências vão compondo também os textos jornalísticos. Ao entender a mídia como dispositivo de governo, enfatiza-se sua potência para gerir discursos, disseminar verdades, valores e propor práticas.

O termo dispositivo foi utilizado por Michel Foucault para tratar do “dispositivo de sexualidade”. O esclarecimento sobre o sentido atribuído ao termo é encontrado em *Microfísica do Poder* (2005):

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2005, p. 244)

Foucault (2005) ressalta que esses elementos heterogêneos são relacionados e um discurso pode fazer parte do programa de uma instituição; pode justificar ou mascarar práticas que permanecem sem visibilidade aparente; pode constituir-se na reinterpretação dessa prática, compondo novas racionalidades, “em suma, entre esses elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes”. (ibidem, p. 244)

[...] entendo dispositivo como um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. Este foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe aí um imperativo estratégico como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominância da loucura, da doença mental, da neurose. (FOUCAULT, 2005, p. 244)

Para Foucault (2005), o dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder e ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem e que igualmente o condicionam. “É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”. (ibidem, p. 246)

Larrosa (1994) utiliza a expressão “dispositivo pedagógico”, a partir das formulações foucaultianas, para argumentar sobre a construção e a mediação pedagógica da experiência de si, nas quais “o ser humano se observa, se decifra, se interpreta, se julga, se narra ou se domina. E, basicamente, aqueles nos quais aprende (ou transforma) determinadas maneiras de observar-se, julgar-se, narrar-se ou dominar-se”. (p. 57). O dispositivo pedagógico será qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência, onde se aprendem ou se modificam as relações estabelecidas pelo sujeito consigo mesmo. Trata-se de localizar, de analisar a experiência de si como produzida no interior de dispositivos constituídos por práticas pedagógicas que apresentam determinadas regras e formas específicas de realização.

Por exemplo, uma prática pedagógica de educação moral, uma assembléia em um colégio, uma sessão de um grupo de terapia, o que ocorre em um confessionário, em um grupo político ou em uma comunidade religiosa, sempre que esteja orientado à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas. (LARROSA, 1994, p. 57)

Fischer (1997) também usa o termo dispositivo nas análises sobre os modos como a linguagem de determinados programas de televisão é construída. Neste caso, o “dispositivo pedagógico da mídia” (p. 66), constituído por textos, sons e imagens, que faz “pedagógicos” e produtor de sentidos. Nas análises das revistas podemos observar formas de visibilidade, de materialidade do dispositivo pedagógico, manifesto em uma rede de relações de força, de relações de saber e de processos de subjetivação. A partir do exame das estratégias de linguagem dos produtos televisivos, o que é dito na televisão tem um papel significativo na constituição dos sujeitos sociais. Tanto o conteúdo, apreendido a partir do texto verbal, quanto os demais elementos de linguagem que caracterizam a produção e a emissão televisiva, como formato e gênero dos programas, locutores e apresentadores, temas, imagens, sonorização, recursos de edição, etc, constituem sua materialidade discursiva. (ibidem, p. 67)

Mergulhar em toda essa materialidade discursiva da mídia significa buscar, por dentro do produto midiático, as estratégias concretas que esse espaço fundamental da cultura constrói para atingir diferentes grupos sociais e cada indivíduo particularmente, através de objetos que os significam, criando-lhes identidades, mesmo que transitórias, produzindo, enfim, uma comunidade imaginária que os consola e representa. (FISCHER, 1997, p. 67)

A compreensão de discurso fica ampliada no referencial foucaultiano e ajuda a entender a constituição da cultura e a produção dos sujeitos sociais que acontece na complexa trama composta pelos dispositivos. Neste sentido, a mídia constitui-se como dispositivo ativo e operante, capaz de ensinar, de fazer circular informações. E as revistas semanais, que se autodenominam informativas, noticiosas, são exemplares para afirmar a importância social,

política e cultural de atentarmos para a mídia na constituição da contemporaneidade. Nesta tese, procurei evidenciar a mídia como dispositivo produtivo da governamentalidade neoliberal. Observei que os textos das revistas garantem a inserção e a continuidade da lógica neoliberal e, assim, as revistas funcionam economicamente quando fazem circular discursos sobre a educação e neles produzem o governo da educação, mas também da organização da sociedade e da população brasileira, reproduzindo as relações de poder das políticas neoliberais, onde a arte de estar entre as coisas e seguir os preceitos hegemônicos parece ser o único caminho na liberdade da cultura atual. Assim, “O problema que enfrentamos é como organizar as histórias de nossas vidas agora, num capitalismo que nos deixa à deriva”. (SENETT, 2004, p. 140)

Na pesquisa realizada, foi possível observar que, nos textos que abordam a educação, sugestões de procedimentos, análises, reflexões, cálculos e táticas são apresentados como verdades afinadas com a racionalidade neoliberal, garantindo o seu exercício, no campo da educação e através dela, para a sociedade.

Mas o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a “cultura” – na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? O que é isto senão regulação – governo da moral feito pela cultura? [...]. Toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais. Uma vez que a cultura regula as práticas e condutas sociais, neste sentido, então, é profundamente importante *quem regula a cultura*. A regulação *da* cultura e a regulação *através* da cultura são desta forma, íntima e profundamente interligadas. (HALL, 1997, p. 41)

As afirmações processadas ao longo da leitura das revistas parecem sugerir que o sujeito do neoliberalismo deve manter-se aberto à mudança, correr riscos, enfrentar caminhos independentes no mercado de trabalho, no qual não tem papel fixo e “onde as qualidades do bom trabalho nem sempre são as mesmas do bom caráter”. (SENETT, 2004, p. 21). Sennet (2004) ressalta que os líderes empresariais e os jornalistas falam do mercado global e do uso das novas tecnologias como características distintivas do capitalismo contemporâneo, mas não observam que as novas maneiras de organizar o tempo, sobretudo o tempo do trabalho, redimensionam as condutas humanas. Ele lembra que vivemos em uma época na qual o “longo-prazo” não existe mais e que compartilhamos um “curto-prazo”, reestruturando as formas de vida, impondo outras maneiras de convívio. Os valores familiares e o senso de comunidade são mediados por relações estabelecidas através dos meios de comunicação eletrônicos, *online*, breves e apressadas. O aspecto fugidio da amizade e das relações por

telefone, por e-mail, estabelece a superficialidade das relações humanas neoliberais. As alternativas apresentadas pelas revistas como ações de sucesso para os problemas que assolam a sociedade, a educação e o sujeito na sociedade neoliberal devem ser vistas com crítica, pois “os contrastes em preto-e-branco sempre são suspeitos, especialmente quando parecem indicar progresso”, alerta Sennett (2006, p. 24).

As revistas são registros, registros vivos e pulsantes de discursos capazes de disseminar verdades e propor práticas. Estas mídias, quando abordam a educação, são consideradas mecanismos produtivos e econômicos para o projeto político neoliberal porque acionam racionalidades e práticas vinculadas a tal perspectiva. Seus textos operam na constituição da cultura e também recebem suas influências locais e globais, articulando com ela discursos nesta tese focados como capturas neoliberais para as sociedades, a educação e os sujeitos.



A Faculdade Trevisan e o Citibank não possuem nenhuma relação de convênio ou acesso.

ENTRAR AQUI É PRATICAMENTE ENTRAR NO MERCADO.

VESTIBULAR 2005
12/12

- ADMINISTRAÇÃO • CIÊNCIAS CONTÁBEIS
- MARKETING • RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Faculdade  Trevisan

Formando profissionais para uma nova realidade de mercado.

Acesse www.faculdadetrevisan.br e inscreva-se já!
Rua Bela Cintra, 934 - São Paulo - SP - (11) 3138-5200.



A Sociedade Neoliberal em Revista - capturas neoliberais

[...] aqui o que interessa é considerarmos que vivemos num mundo que vem se transformando profunda e rapidamente nas últimas décadas. Entre as principais transformações, costuma-se citar a crescente globalização da economia, o aumento da concentração de renda com o simétrico distanciamento econômico entre o pequeno número de países ricos e o grande número de países pobres, o aparecimento e fortalecimento das mais variadas minorias-étnicas, sexuais, religiosas, culturais, etc. – e o surgimento e expansão do neoliberalismo. (VEIGANETO, 2000b, p. 193)

O processo de globalização rompeu com as alterações econômicas, políticas, culturais da modernidade que prometiam certezas e segurança, dando lugar a ambivalências sociais que tocam também as opções, as identidades e os projetos individuais. As ambigüidades efervescentes trazem outras tendências e exigências, que podem ser lidas nas revistas. Os efeitos do império planetário, a primazia do mercado e a incitação ao consumo favorecem o cenário onde as políticas das instituições internacionais de livre comércio evitam o estabelecimento de uma esfera pública, onde “as escolhas individuais possam solidificar-se em escolhas públicas, a cidadania e os governos democráticos possam fincar raízes, e os princípios e instituições de proteção coletiva contra os riscos sofridos individualmente possam ser negociados para se transformarem em práticas políticas”. (BAUMAN, 2006, p. 107)

As sociedades contemporâneas convivem com as ambigüidades e nelas, a manutenção da ordem, das práticas e das concepções consideradas válidas vão se estabelecendo sem maiores resistências. O controle social anteriormente relegado ao Estado, à Igreja, à família e à escola, antigos redutos dos valores considerados adequados, ganha novos espaços por onde o governo circula. As revistas me pareceram interessantes para ilustrar a circulação das prescrições que coincidem com a lógica predominante no neoliberalismo de hoje. Nelas é possível observar que o processo de globalização e o livre trânsito de capitais, bens, serviços, pessoas e idéias, impulsionam noções e práticas coincidentes com essas lógicas. O livre mercado como estrutura reguladora provoca uma série de efeitos e exigências que estruturam, dirigem e regulam a vida nas sociedades contemporâneas. A produtividade e a competitividade desencadeiam a busca de resultados rápidos, econômicos, produtivos não só para o mercado, mas para as instituições e os sujeitos.

A sociedade de resultados

As relações de poder na lógica neoliberal acionam mecanismos para sua legitimação e através deles, gerenciam formas de ser e de estar no mundo contemporâneo. Competir, disputar, concorrer, demarcar poder são estribilhos repetitivos destes tempos de globalização e de economia neoliberal.

Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. Objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima, diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra-poder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a utilidade econômica e diminuir os inconvenientes, os perigos políticos; aumentar a força econômica e diminuir a força política. (MACHADO, 2005, p. XVI)

As revistas são circuitos por onde o poder e as relações de poder do projeto neoliberal circulam e a perspectiva de mercado se constitui como viável, necessária e até imprescindível. Em entrevista publicada nas páginas amarelas da revista *Veja*⁸⁹, o ex-secretário do Tesouro americano e Reitor de Harvard, Lawrence Summers, ilustra esta necessidade de legitimidade, que invariavelmente, vem acompanhada de relações de poder:

Em sua relação com o resto do mundo, os Estados Unidos precisam buscar legitimidade, e não apenas controle. É mais fácil induzir os outros a querer o que você quer do que coagi-los a fazer o que você deseja. Essa é uma lição que ainda temos de aprender⁹⁰.

“Educar dá Lucro”, diz o entrevistado quando fala sobre o papel do ensino no mundo globalizado. Ele veio ao Brasil para encontros com políticos e intelectuais e para proferir palestra sobre globalização e livre-comércio. “Para os indivíduos e para os países, educação e sucesso econômico estão intimamente relacionados”, afirma o economista, Reitor de Harvard. Quando solicitado a dar conselhos ao sistema educacional brasileiro, o entrevistado reiterou duas características significativas da sociedade neoliberal, a competitividade e a preocupação em atender às demandas profissionais do mercado.

⁸⁹ *Veja*, 31 mar. 2004.

⁹⁰ *Veja*, 31 mar. 2004, p. 15.

[...] É importante aceitar e até favorecer a competição entre as diversas universidades de um país, seja por bons professores, seja por bons alunos, pois isso promove a qualidade de ensino de maneira geral. É importante mirar ao mesmo tempo dois objetivos: a educação humanística e a educação profissionalizante⁹¹.

A exigência de resultados incentiva o mercado dos cursos de pós-graduação, incrementa a demanda de eventos e publicações, cria *sites* e espaços *on line* para dar visibilidade às produções acadêmicas e currículos, acelera prazos para a realização de pesquisa, e instaura no meio educacional disputas e ações muito semelhantes àquelas vistas no mercado neoliberal, onde a maximização de resultados e a minimização de recursos lançam desafios constantes.

A gestão empresarial das escolas e o deslocamento da educação da esfera pública para a esfera privada é uma característica pontual do neoliberalismo. Entretanto, a escolarização das massas é importante para a perspectiva neoliberal, assim como é imprescindível “[...] esclarecer de que ‘tipo de escola’ está se falando – *para quem* ela se destina, *quais* objetivos ela quer atender, *como* ela está sendo pensada, *onde* ela está funcionando, etc”. (VEIGANETO, 2000, p. 205-206)

O autor salienta que, a escola pública está destinada a atender a população mais pobre, enquanto a escola privada gerencia a educação como mercadoria, ajustada para a “livre” escolha e o consumo dos sujeitos-clientes. Isso pressupõe que o mercado segmenta a educação entre aqueles que podem consumir e fazer escolhas das ofertas possíveis e aqueles que não estão ao alcance das ofertas de consumo.

A ilegalidade virtuosa, texto da seção Ponto de Vista, assinada por Cláudio de Moura Castro, da revista *Veja*⁹², enumera exemplos de professores de universidades federais, contratados para dedicação exclusiva, que aceitam trabalhos fora da universidade. Ao denunciar o impedimento legal dos professores para desempenharem atividades fora do ambiente acadêmico, o autor faz ponderações sobre as vantagens e desvantagens da contratação de tempo integral nas instituições públicas:

⁹¹ *Veja*, 31 mar. 2004, p. 15.

⁹² *Veja*, 25 fev. 2004.

Imaginem se os futuros projetistas de estrutura aprenderem seu ofício com quem sempre cumpriu o tempo integral e, portanto, nunca construiu uma só casa. Ou os futuros arquitetos, alunos de quem não projeta mais do que a casinha do seu cachorro. Ou os engenheiros metalúrgicos, discípulos de quem jamais viu um alto-forno. Ou o aluno do professor de educação física que só conhece práticas desportivas de ler nos livros. Ou o administrador, aluno de quem jamais trabalhou em empresas “de verdade”. Ou o informático, cujo professor escreve papers, mas não sabe do mundo real. Ou o advogado que aprendeu práticas jurídicas com quem não freqüentava os tribunais. Nossa universidade pública é vítima dos bem-intencionados e dos arrogantes, cuja produção legiferante foi concebida para as áreas científicas [...] ⁹³.

O texto não menciona o tempo integral como significativo para o envolvimento com o ensino, a pesquisa e a extensão; não traça paralelos com o regime de trabalho nas universidades privadas; não menciona a remuneração dos professores das universidades públicas que procuram complementar suas rendas com atividades extras. O ponto de vista do autor parece questionar o regime de dedicação exclusiva, mas também aguça críticas às universidades públicas, aos professores “arrogantes” etc. Em uma das suas afirmações, chega a dizer que a “idéia de colocar quase todos os professores em tempo integral e dedicação exclusiva é ótima para a física, a biologia, a filosofia e muitas outras ciências clássicas, em que o produto mais nobre e o local de trabalho é um laboratório ou uma biblioteca”. A *ilegalidade virtuosa* evidencia que, ao burlar o regime de dedicação exclusiva, os professores sabem mais, aprendem com a prática, com atividades “profissionais”, pois “esqueceram-se de que nas áreas profissionais e aplicadas a competência e a criatividade que mais contam não se geram dentro dos muros da universidade, mas sim no mundo real”, ensina o economista.

Resultados rápidos e competentes, monitorados por objetivos e metas – traçadas geralmente acima da capacidade prática – assombram a vida contemporânea. Obter os melhores resultados, no menor tempo possível e com a maior economia de recursos são exigências estendidas, para as instituições, para os sujeitos e para as sociedades que convivem sob a lógica neoliberal.

A informação incrementa a velocidade impressa para o mundo contemporâneo. A volatilidade do conhecimento, desencadeada pelas tecnologias da informação impõe aos sujeitos o fim das fronteiras entre a vida pessoal e o trabalho, por exemplo. O tempo disponível é aberto às informações que chegam via telefone celular, e-mail, *web*, televisão, jornais, revistas etc. Multiplicam-se os títulos nas bancas de revistas, nas livrarias e nos novos

⁹³ *Veja*, 25 fev. 2004, p. 16.

produtos da indústria cultural. E para competir, disputar, concorrer é preciso consumir a quantidade crescente de informações circulantes. Os melhores resultados estão relacionados com o conhecimento e as revistas em suas páginas reiteram a importância dos investimentos em informação. Na sociedade neoliberal globalizada os espaços são disputados e os bons resultados são almejados em todas as instâncias sociais e por todos os sujeitos.

O texto *Estamos Emburrecendo*, publicado na seção *Ponto de Vista* da revista *Veja*, assinada por Stephen Kanitz, administrador formado em Harvard, reconhece o desafio para se manter o conhecimento diante da proliferação de informações e publicações que povoam as sociedades contemporâneas:

Se você ler três livros por mês, dos 20 aos 50 anos, serão 1000 livros lidos numa vida, que nem chegam perto dos 40 000 publicados todo ano só no Brasil. Comparado com os 40 milhões de livros catalogados pelo mundo afora, mais 4 bilhões de home pages na Internet, teses de doutorado, artigos e documentos espalhados por aí, provavelmente seu conhecimento não passa de 0,0000000000025% do total existente⁹⁴.

O autor do texto reconhece a complexidade da manutenção do conhecimento em um mundo mediado por tecnologias que produzem informações em ritmo veloz, crescente renovadas constantemente, mesmo assim responsabiliza as universidades como instituições que não acompanham o ritmo acelerado da contemporaneidade:

Quantos alunos se formam especialistas em coisa alguma? Infelizmente, as universidades hoje em dia produzem commodities. Preferem formar generalistas, porque é bem mais barato do que formar especialistas. Só que generalista que não tenha uma especialidade não arruma o primeiro emprego. Faculdades oferecem basicamente o mesmo curso todo ano, obedecendo a um mesmo currículo, chamado de mínimo. Não é a toa que há tanto desemprego⁹⁵.

Concluindo, sugere que para conseguir alguma especialização é preciso “ignorar uma série de leituras, publicações e jornais que você lia anteriormente, com exceção de VEJA, para não parecer um ET”. Na mesma revista há o anúncio do site da Abril, onde a editora disponibiliza diversos dos seus produtos. Entre os diversos temas que podem ser encontrados no *site*, consta a educação, onde a editora promete ensinar “como se preparar para o futuro e ajudar os filhos a ir bem na escola”.

Ainda na mesma edição há a divulgação do *site VEJA Educação* com a seção Pergunte ao Professor, um serviço para estudantes resolverem dúvidas sobre variados assuntos. O *site* traz um guia com 200 endereços na Internet para auxiliar nas tarefas escolares

⁹⁴ *Veja*, 06 ago. 2003, p. 20.

⁹⁵ *Veja*, 06 ago. 2003, p. 20.

e as reportagens sobre educação publicadas na revista. Isto sublinha a importância atribuída à educação como instância capaz de interferir na conjuntura social, mas também aponta sua produtividade para as revistas, como geradoras de produtos. *Sites*, revistas especializadas, matérias jornalísticas e espaços promissores que “ensinam” professores, estudantes e pais. As revistas se consideram capazes de instruir a população, prometem soluções para a educação em meio às mudanças voláteis nos diferentes campos do conhecimento; mediante a crise implementada pelas tecnologias da informação e, no caso brasileiro, ignorando o sucateamento do ensino público ou a incapacidade da população e dos trabalhadores da educação em dar conta de necessidades constituídas historicamente.

Outro tema recorrente nas revistas e que traz à tona a inquietação pela maximização de resultados é a comparação entre o ensino no Brasil e em outros países. Dados de pesquisas são apresentados para comprovar que “Assim vai mal – um *ranking* de educação junta-se a outros para mostrar que o Brasil precisa tomar jeito”. O Brasil consta entre os piores países em um exame que avaliou estudantes de 40 países, feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em habilidades com leitura, matemática e ciências. Uma prova respondida por 250 000 estudantes sorteados em escolas públicas e particulares, com idade na faixa de 15 anos, da qual participaram 4 400 alunos, onde “os números ajudam a dimensionar o tamanho de um velho problema brasileiro: apesar da notável massificação do ensino na última década, a qualidade continua sofrível”⁹⁶.

“O governo chegou a comemorar o resultado do Brasil porque as notas tiveram uma discreta melhora em relação ao mesmo exame aplicado em 2000. Mas o que importa, em qualquer área avaliada, é avançar na comparação internacional”, estar entre as “notas vermelhas”, entre os “piores”, só resta como saída a missão de “livrar-se da lanterna”. “E o país só conseguirá superar sua condição de atraso se aprender com a cartilha das nações que estão no topo do ranking [...]”⁹⁷.

Com a globalização, este início de milênio trouxe o desafio das disputas, dos resultados, onde as organizações são confrontadas com a competitividade em constante reinvenção. Chiavenato (2003) afirma que durante os anos 90 o neoliberalismo conseguiu minimizar a ação do Estado e abrir grandes mercados para organizações privadas nos setores de energia, telecomunicações, siderurgia, mineração e serviços públicos. O desenvolvimento tecnológico; os inventos da indústria eletrônica e farmacêutica; a concentração de capitais em

⁹⁶ *Veja*, 15 dez. 2004, p. 122.

⁹⁷ *Veja*, 15 dez. 2004, p. 122.

bancos e grandes conglomerados econômicos; a capacidade competitiva dos países desenvolvidos, que detêm tecnologias mais avançadas, maior poder econômico e alianças comerciais regionalizadas em blocos econômicos organizados, sugerem um processo irreversível onde o entendimento de que o livre comércio é capaz de enriquecer as nações é predominante. A globalização garante o livre trânsito de bens e serviços, pessoas, tecnologias, idéias, exemplos bem sucedidos e grandes oportunidades de investimentos gerados com as novas necessidades sociais. Se na Modernidade as formas de controle e vigilância eram de um tipo, a contemporaneidade, marcada pelo processo globalizador, também tem suas peculiaridades e emergências.

Veiga-Neto (2000) mostra que é na Modernidade que Foucault localiza a emergência do governo e da governamentalidade. A Modernidade seria o resultado da combinação de duas superfícies de emergência: o deslocamento das práticas pastorais e o advento da Razão de Estado, na qual se estabelece a combinação entre o *jogo da cidade* (totalizador, jogado na população) e o *jogo do pastor* (individualizador, jogado no indivíduo). Esses jogos criam condições para a emergência do Estado Moderno, onde a disciplinaridade é deslocada do âmbito religioso para o âmbito civil, ou seja, a disciplina que era exercida sobre o indivíduo passa a ser direcionada para a população. O *jogo do pastor*, referido por Foucault, diz respeito à relação entre o senhor e seus servos, entre os religiosos e seus fiéis, entre o pai e a sua família, entre o mestre e seus discípulos, na qual cada um dos governantes estabelece práticas de cuidados individuais, zelando por cada um dos seus súditos individualmente, sem descuidar dos demais. O *jogo da cidade* está associado ao crescimento das cidades iniciado no final da Idade Média, na Europa Ocidental, que demandou a invenção de novas formas de convivência diante da concentração populacional.

Para conduzir a vida dos indivíduos e gerenciar os problemas que emergiam na nova configuração dos conglomerados urbanos, surge o Estado Moderno que se preocupou em organizar a vida coletiva. Para regular as relações estabelecidas, novas formas de governo são articuladas. Foucault (2004) esclarece que o conceito de governamentalidade está relacionado com a questão do poder, no qual as “relações de poder/ governamentalidade/ governo de si e dos outros/ relação de si consigo compõem uma cadeia, uma trama e que é em torno destas noções que se pode, a meu ver, articular a questão da política e a questão da ética”. (p. 307).

[...] entendida a governamentalidade como um campo estratégico de relações de poder, no sentido mais amplo do termo, e não meramente político, entendida pois como um campo estratégico de relações de poder no que elas têm de móvel, transformável, reversível –, então, a reflexão sobre a noção de governamentalidade,

penso eu, não pode deixar de passar teórica e praticamente, pelo âmbito de um sujeito que seria definido pela relação de si para consigo. (FOUCAULT, 2004, p. 306)

Marshall (1999) ressalta que, para Foucault, na construção das identidades, a governamentalidade, a racionalidade governamental e a arte do governo estão relacionadas entre si, produzindo os sujeitos. A governamentalidade age para “moldar, guiar, ou afetar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo”. (p. 28-29). Ela opera nas relações privadas dos sujeitos, nas relações interpessoais, profissionais, na relação com a comunidade e com suas instituições. “A arte do governo consistiria em fornecer uma forma de governo para cada um e para todos, mas uma forma que deve *individualizar* e *normalizar*”. (ibidem, p. 29).

As normalizações e governamentos na sociedade do século XXI seguem os antigos movimentos da biopolítica sinalizados por Foucault, hoje mediados pela tecnologia e pelos princípios dos mercados transnacionais. A biopolítica foi a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, para dar conta dos problemas populacionais como saúde, higiene, natalidade, etc, que surgiam e ganhavam visibilidade durante o liberalismo. Foucault (1997) explica a biopolítica como a maneira pela qual o liberalismo vai romper com a razão de Estado, existente desde o século XVI, caracterizando-se por buscar no Estado o exercício crescente de regular o desenvolvimento social. Foucault faz a ressalva de que tentou analisar o liberalismo “não como uma teoria, nem como uma ideologia e, ainda menos, é claro, como um modo da ‘sociedade se representar’, mas como uma prática, como uma ‘maneira de fazer’ orientada para objetivos e se regulando através de uma reflexão contínua”. (ibidem, p. 90). O liberalismo para a perspectiva foucaultiana é o princípio e o método de racionalização do exercício de governo baseado no princípio da economia máxima.

Foucault (2002) identifica como um dos problemas fundamentais do século XIX a tomada de poder sobre o homem, enquanto ser vivo. Se nos séculos anteriores apareceram técnicas de poder centradas no corpo individual, que asseguravam sua vigilância e seu treinamento, através de uma “tecnologia disciplinar do trabalho” (p. 288), no século XIX, aparece uma outra tomada de poder não individualizadora, mas massificante, em direção à população. Diferentemente da disciplina, dirigida ao corpo e à vida dos homens que precisavam ser treinados, vigiados e eventualmente punidos, essa nova técnica de “poder não disciplinar” aplica-se à multiplicidade dos homens, como massa global: “depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do

mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas eu chamaria de uma ‘biopolítica’ da espécie humana”. (FOUCAULT, 2002, p. 289)

Os problemas da cidade constituem a biopolítica. Suas primeiras áreas de intervenção são a natalidade, a morbidade, as capacidades biológicas, os efeitos do meio, de onde irá desenvolver seu saber e definir o campo de intervenção de seu poder. Sua estabilização no controle da população desenvolve-se a partir da centralização das informações, do surgimento de organismos responsáveis pelos tratamentos médicos, da normatização do saber e das campanhas de higiene e medicalização da população. A biopolítica vai intervir nos fenômenos da velhice, nos problemas dos indivíduos que perdem a capacidade ativa, nos acidentes, nas enfermidades e anomalias. Ela introduz não apenas instituições de assistência, anteriormente vinculadas à Igreja, mas mecanismos como seguros, poupança individual e coletiva, seguridade, etc. “É a noção de ‘população’. A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder [...]”. (FOUCAULT, 2002, p. 293). Seu desenvolvimento presente está ligado às primeiras demografias, que fazem o mapeamento dos fenômenos não só vinculados às grandes epidemias do século XVIII. Sua preocupação é direcionada para doenças que prejudicam o tempo de trabalho, a produção e representam custos econômicos com seus tratamentos.

Para Foucault (2002), a biopolítica é uma tecnologia de poder que implanta mecanismos com funções diferentes dos mecanismos disciplinares, pois não se trata de considerar o indivíduo no nível do detalhe, mas mediante mecanismos globais, garantindo a segurança do conjunto da população em relação aos seus perigos internos. Ela visa a objetivos de equilíbrio, almeja a regularidade nos processos humanos, “em resumo, de levar em conta a vida os processos biológicos do homem espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação”. (ibidem, p. 294).

E depois vocês têm toda uma série de mecanismos que são, ao contrário, mecanismos reguladores, que incidem sobre a população enquanto tal e que permitem, que induzem comportamentos de poupança, por exemplo, que são vinculados ao habitat, à locação do habitat e, eventualmente, à sua compra. Sistemas de seguro-saúde ou de seguro-velhice; regras de higiene que garantem a longevidade ótima da população; pressões que a própria organização da cidade exerce sobre a sexualidade, portanto sobre a procriação; as pressões que se exercem sobre a higiene das famílias; os cuidados dispensados às crianças; a escolaridade, etc. Logo, vocês têm mecanismos disciplinares e mecanismos reguladores. (FOUCAULT, 2002, p. 299-300)

Hardt e Negri (2003) afirmam que, ao reconhecer o potencial da produção biopolítica e suas características definidoras, teremos condições de identificar a nova figura do corpo biopolítico coletivo, que pode ser contraditório e paradoxal. Os autores ressaltam a perspectiva monetária, em que os valores e a máquina de distribuição são regidos pelo mecanismo da economia, que é, ao mesmo tempo, um meio de circulação, um poder e uma linguagem. Não existe nada proposto fora do campo permeado pelo dinheiro. Hardt e Negri ressaltam que as potências industriais e financeiras produzem não apenas mercadorias, mas também subjetividades. “Produzem subjetividades agenciais dentro do contexto biopolítico: produzem necessidades, relações sociais, corpos e mentes – ou seja, produzem produtores. Na esfera biopolítica, a vida é levada a trabalhar para a produção e a produção é levada a trabalhar para a vida”. (HARDT; NEGRI, 2003, p. 51)

A publicidade, o *marketing*, a comunicação em rede servem à nova ordem mundial, onde a produção biopolítica pode ser localizada “nos nexos imateriais da produção de linguagem, da comunicação e do simbólico, desenvolvidos pelas indústrias de comunicação”. (HARDT; NEGRI, 2003, p. 51). As redes e suas interconexões e a comunicação, de uma maneira geral, expressam e organizam o movimento de globalização, em que o imaginário é guiado e canalizado dentro da máquina de comunicação.

O que as teorias de poder da modernidade foram forçadas a considerar transcendente, quer dizer, exterior às relações produtivas e sociais, é aqui formado no interior, imanente às relações produtivas e sociais. A mediação é absorvida dentro da máquina produtiva. A síntese política de espaço social é fixada no espaço da comunicação. É por isso que as indústrias de comunicação assumiram posição central. Elas não apenas organizam a produção numa nova escala e impõem uma nova estrutura adequada ao espaço global, mas também tornam imanente sua justificação. O poder, enquanto produz, organiza; enquanto organiza, fala e se expressa como autoridade. A linguagem, à medida que comunica, produz mercadorias, mas, além disso, cria subjetividades, põe umas em relação às outras, e ordena-as. As indústrias de comunicações integram o imaginário e o simbólico dentro do tecido biopolítico, não simplesmente colocando-os a serviço do poder mas integrando-os, de fato, em seu próprio funcionamento. (HARDT; NEGRI, 2003, p. 51-52)

A legitimação da nova ordem mundial nasce, em parte, das indústrias da comunicação e do poder por elas exercido na conformação do mundo contemporâneo. Nessa pesquisa, observei que a ordem neoliberal é incorporada ao texto das revistas. Ao sugerirem práticas e racionalidades vinculadas a essa perspectiva, as revistas sugerem tanto condutas individuais, como para toda a população. Nesse sentido, a perspectiva foucaultiana ajuda a compreender como a governamentalidade institui-se e, assim, podemos pensar de que modo ela, atualmente, é acionada por meio da mídia.

O governo da excelência

Nas revistas, muitas matérias mesclam prescrições de práticas e racionalidades constituídas em meio às supostas necessidades do mundo contemporâneo. Para que a sociedade mantenha algum ordenamento e possa ser administrada com economia de esforços, novas formas de governo são articuladas pelas instituições envolvidas.

As tentativas de dar unidade aos comportamentos são dirigidas simultaneamente para a sociedade, a educação e os sujeitos. Por exemplo, quando abordam os conflitos contemporâneos como o desemprego, a escolha profissional e os desejos pessoais, as revistas instruem:

Se você não gosta de seu trabalho, tente fazê-lo bem feito. Seja o melhor em sua área, destaque-se pela precisão. Você será aplaudido, valorizado, procurado, e outras portas se abrirão. Começará a ser até criativo, inventando coisa nova, e isso é um raro prazer. Faça seu trabalho mal feito e você odiará o que faz, odiando a sua empresa, seu patrão, seus colegas, seu país e a si mesmo⁹⁸.

O administrador Stephen Kanitz, na seção Ponto de Vista da revista *Veja*, escreve sobre *Fazer o que se gosta*, dizendo que “a escolha de uma profissão é o primeiro calvário de todo o adolescente”. Recomendar que os estudantes façam aquilo de que gostam é um conselho confuso e equivocado, diz o autor. O importante é fazer com competência, fazer bem feito.

A sustentação da hegemonia neoliberal passa pela manutenção do senso comum no que se refere às noções e práticas produtivas para a sua existência. Para que os princípios da sociedade da capacitação não sejam incompatíveis com os desejos dos sujeitos, os conselhos e advertências aparecem nos discursos publicados, ensinando que é preciso se destacar, se distinguir, se colocar “à frente dos demais” e “curta o prazer da excelência, o prazer estético da qualidade e da perfeição”, como sugere o administrador Kanitz.

Para argumentar sobre a necessidade do trabalho perfeccionista, realizado com esmero, mesmo quando a atividade desempenhada não é tão apreciada, o autor lança contrapontos entre algumas profissões e instituições: “O ócio criativo, o sonho brasileiro de

⁹⁸ *Veja*, 24 dez. 2004, p. 22.

receber um salário para 'fazer o que se gosta', somente é alcançado por alguns professores felizardos de filosofia que podem ler o que gostam em tempo integral"; "Pediatras e obstetras atendem às 2 da manhã. Médicos e enfermeiras atendem aos sábados e domingos não porque gostam, mas porque isso tem que ser feito"; "Empresas, hospitais, entidades beneficentes estão aí para fazer o que é preciso ser feito, aos sábados, domingos e feriados [...]". e diz ainda: "Se algo vale a pena ser feito na vida, vale a pena ser bem feito. Viva com esse objetivo. Você poderá não ficar rico, mas será feliz. Provavelmente, nada lhe faltará, porque se paga melhor àqueles que fazem o trabalho bem feito do que àqueles que fazem o mínimo necessário"⁹⁹.

Os melhores, os destaques, aqueles que se sobressaem são mais úteis para as organizações que precisam também produzir e competir em ritmo acelerado, em sintonia com metas audaciosas de superação, inovação, qualificação e rentabilidade. A normalização das sociedades contemporâneas vai sendo forjada em meio às necessidades emergentes do mercado, onde "os países em desenvolvimento e o mundo globalizado estão entrando numa nova cultura do espetáculo que constitui uma nova configuração de economia, sociedade, política e vida cotidiana. Envolvendo novas formas culturais, relações sociais e tipos de experiência". (KELLNER, 2006, p. 145)

Moraes (2006) sublinha que atualmente acentuam-se os contornos de um novo tipo de tirania: "a velocidade fortuita" (p. 34), onde o fugaz governa incentivado pela cultura tecnológica. A fluidez informativa acessível às grandes empresas e instituições que detêm a capacidade de utilizá-la, solidifica "[...] poderio financeiro, influência política, capacidade industrial e esquemas de distribuição pelos continentes – tudo facilitado pelas desregulamentações neoliberais dos últimos 25 anos". (ibidem, p. 45)

A informação credencia-se como insumo de poder e recurso básico de gestão, assumindo distintas concepções: memória (acervos e arquivos digitais); cultura (filmes, vídeos, DVDs, CDs, jornais, programas televisivos, livros, etc.), *know how* (invenções, protótipos, etc.), propriedade intelectual (*softwares*, patentes) e genética (DNA). Cada vez mais, a produtividade e a competitividade dependem da capacidade dos agentes econômicos de aplicar com eficiência os dados e conhecimentos obtidos. (MORAES, 2006, p. 35)

As megacorporações dominam o mercado da mídia global combinando negócios de informação, entretenimento e uma diversidade de produtos cada vez maior. A união de corporações mostra que há interesses comuns entre as indústrias de informação e

⁹⁹Veja, 24 dez. 2004, p. 22.

entretenimento, assim como há motivação para unir velhas e novas mídias “na forma de uma economia de rede e cibercultura”. (KELLNER, 2006, p. 124-125)

Esses amálgamas reúnem corporações envolvidas com TV, filmes, revistas, jornais, livros, base de dados, computadores, e outros veículos, sugerindo uma junção de mídia, computador, entretenimento e informação em uma nova sociedade de *infoentretenimento*, multimídia e rede. Ocorreram fusões maciças na indústria de telecomunicações, assim como entre indústrias de cabo e satélites com grandes conglomerados de entretenimento. Até 2002, dez corporações multinacionais gigantes, incluindo AOL, Time Warner, Disney-ABC, General Electric-NBC, Viacom-CBS, News Corporation, Vivendi, Sony, Bertelsmann, AT&T e Liberty Media, controlavam a maior parte da produção de informação e entretenimento em todo o mundo. O resultado é menos competição e diversidade, mais controle corporativo dos jornais e do jornalismo, da televisão, rádio, filmes e outras mídias. (KELLNER, 2006, p. 125)

A hegemonia do neoliberalismo encontra nos conglomerados de mídia condições de possibilidade para legitimar-se como condição inevitável e única. A sustentação por meio da mídia do caráter ordenador e desenvolvimentista da perspectiva neoliberal é naturalizada e garante a manutenção da ordem social regulada pelos princípios do livre mercado.

Se o papel da disciplina foi fundamental para o jogo do pastor, quando ela operava como técnica de interiorizar em cada sujeito o olhar do soberano, na Modernidade sua função vai ser substituída. A Modernidade desloca a disciplina do âmbito religioso para o civil e do âmbito do indivíduo para a população. Surgem as especialidades que se ocupam da observação e controle populacional, “[...] inicialmente, a Estatística, a Economia e a Demografia; depois a Saúde Pública; logo adiante, toda a ‘área psi’ (a Psiquiatria, a Psicologia, a Psicanálise). Esses novos saberes foram cruciais para o bom governo do Estado”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 186). E é no jogo da cidade que o liberalismo surge, fazendo crítica ao Estado.

É justamente no jogo da cidade que se configura o liberalismo enquanto etos da crítica permanente e insatisfeita à Razão de Estado; uma crítica que descobre que governar demais é irracional, pois é antieconômico e frustrante; uma crítica que se manifesta como um horror ao Estado. Assim, na perspectiva de Foucault o liberalismo é menos uma fase histórica, uma filosofia política ou um sistema econômico, e mais um refinamento da arte de governar, em que o governo, para ser mais econômico, torna-se mais delicado e sutil, de modo que “para governar mais, é preciso governar menos”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 186)

Veiga-Neto (2000) esclarece que o liberalismo surge para otimizar a vida da população através do equilíbrio entre o governo econômico e os direitos jurídicos e políticos. Ao ocupar-se do governo da sociedade, formada por sujeitos com direitos e deveres, o liberalismo desenvolve duas tendências principais. Na Alemanha (o ordoliberalismo) no final

da década de quarenta, separa as relações sociais das relações econômicas, defendendo uma economia organizada por quadros institucionais ou jurídicos, garantindo a liberdade da economia, sem incorrer em distorções sociais. Já o liberalismo norte-americano, proveniente da Escola de Economia de Chicago, acredita no poder do mercado e na sua capacidade de gerenciar a vida social, por isso defende o afastamento do Estado no controle da economia. Ambas as tendências desenvolvem a crítica ao Estado de Bem Estar e à estatização exagerada, mas é a versão americana que passa a sustentar as políticas econômicas do Ocidente, imprimindo a supremacia do Estado mínimo.

O desenvolvimento do liberalismo tem como especificidade a economia máxima aplicada ao controle interno, ressalta Veiga-Neto (2000a). Seu desenvolvimento no chamado liberalismo avançado, no liberalismo tardio ou neoliberalismo, é caracterizado enquanto uma prática, que deve ser analisada como princípio e método de racionalização do exercício de governo. O autor diz que as modificações do capitalismo podem fornecer pistas para compreender como chegamos ao estágio atual do neoliberalismo e, utilizando a perspectiva foucaultiana, podemos pensar as modificações que ocorrem no capitalismo e entender como isso se engendrou.

[...] de uma forma bastante simplificada e esquemática podemos partir da mudança que ocorreu na percepção de que três principais experiências de governo efetivadas na primeira metade do século XX – a saber, o nazismo, o socialismo de Estado e o Estado de Bem Estar – representavam uma inflação dos aparelhos governamentais destinados à planificação, condução e controle da Economia. (VEIGA-NETO, 2000, p. 194)

Após a Segunda Guerra Mundial, há um incremento nos mercados consumidores e o centro do processo do capitalismo, antes produção, passa a ser o produto, que para circular dependerá do mercado. Com isso, há uma reificação do mercado, uma diversificação das ofertas e, uma conseqüente intensificação da produção. O mercado passa a ser mobilizado por demandas cada vez maiores, tornando-se central a preocupação com os consumidores e desencadeando novas tecnologias de *marketing*.

Harvey (1999) considera que no Ocidente vivemos em uma sociedade cuja produção permanece como princípio organizador da vida econômica. E, nas modificações ocorridas ao longo do século XX, “são abundantes os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado etc.” (p. 117). A produção e a reprodução do capitalismo, até então, só é possível porque o comportamento dos indivíduos permite o funcionamento do regime de

acumulação. A materialização do regime de acumulação que se dá através de leis, hábitos, normas, redes de regulamentação, garantem a unidade do processo de reprodução.

Harvey (1999) diz que a disciplina do trabalho no interior do processo de produção do capital é complexa, “ela envolve, em primeiro lugar, alguma mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação, elementos que têm de ser organizados não somente no local de trabalho como na sociedade como um todo”. (ibidem, p. 119). O controle social dá-se pela socialização que envolve as capacidades físicas e mentais dos trabalhadores:

A educação, o treinamento, a persuasão, a mobilização de certos sentimentos sociais (a ética do trabalho, a lealdade aos companheiros, o orgulho local ou nacional) e propensões psicológicas (a busca da identidade através do trabalho, a iniciativa individual ou a solidariedade social) desempenham um papel e estão claramente presentes na formação de ideologias dominantes cultivadas pelos meios de comunicação de massa, pelas instituições religiosas e educacionais, pelos vários setores do aparelho do Estado, e afirmadas pela simples articulação de sua experiência por parte dos que fazem o trabalho. (HARVEY, 1999, p. 119)

As demandas do mundo do trabalho aparecem nas revistas como competências valorizadas, necessárias e que devem ser adquiridas por estudantes que pretendem conquistar emprego e reconhecimento. Na sociedade controlada pela excelência é preciso destacar-se, exaltar-se, ultrapassar limitações e estar entre os primeiros nos *rankings*. Algumas passagens das revistas ilustram os discursos mobilizadores das noções e práticas coerentes com as necessidades do mercado:

A matéria especial *O segundo vestibular*¹⁰⁰ trata dos desafios de entrar no mercado de trabalho quando a concorrência para o primeiro emprego é bem maior do que aquela enfrentada para ingressar na faculdade. Uma foto de cinco jovens tem como legenda “Os escolhidos”, onde cita o nome de alguns selecionados para o programa de *trainees* do Citibank em uma disputa onde mais de 30 000 candidatos buscam uma vaga. Uma coluna elege treze cursos universitários entre os mais disputados no país e treze programas de *trainees* e estágios entre os mais concorridos no Brasil.

Alguns cursos são mencionados, juntamente com o número de alunos que se formam por ano, o salário médio após dez anos da formatura, os locais onde a maioria trabalha, a fase em que se encontra a profissão, as áreas promissoras de cada carreira e perspectivas profissionais a curto prazo para cada curso. A reportagem apresenta quadros que listam indicadores das transformações pelas quais o mercado de trabalho está passando, “onde as exigências são cada vez maiores e a oferta de vagas é cada vez menor” (p. 174). Nas

¹⁰⁰ *Veja*, 17 dez. 2003, p. 168-180.

críticas do mercado constam reclamações dos empregadores sobre a preparação dos alunos nas universidades, entre elas algumas sinalizam o perfil de profissional desejado pelo mercado:

A pregação ideológica de uma parte expressiva do corpo docente ainda preocupa. Por esse motivo, muitas vezes discussões relevantes para a compreensão do mundo dos negócios entram em sala de aula de forma contaminada; Uma parcela expressiva dos professores não conhece a realidade do mercado e não se atualiza em cursos e palestras. Metade dos professores das escolas privadas está fora do mercado de trabalho. Nas universidades públicas são 80%; Os jovens saem da faculdade sem competências essenciais para o trabalho, como o empreendedorismo e a capacidade de liderar. Algumas empresas investem até três anos na educação do recém-formado para treinar essas habilidades; Parte das universidades leva em média cinco anos para adotar a literatura de referência que é produzida no exterior. Muitas vezes, quando são discutidos em sala de aula, os livros já estão desatualizados¹⁰¹.

As capas de algumas revistas analisadas abaixo assinalam o quanto a empregabilidade é abordada. Os conselhos, dicas e a assessoria de especialistas são estratégias recorrentes nas matérias editadas. A ênfase no sucesso, na competitividade, nas competências e habilidades que “agregam valor” ao currículo compõe discursos aliados ao mercado e às demandas das poucas vagas existentes.

A revista *Veja*¹⁰² divulga alguns livros que prometem ajudar a administrar a vida profissional. Os títulos são sugestivos diante das demandas do mercado de trabalho na sociedade neoliberal: Atitudes vencedoras; Estratégias para gerenciar sua carreira; Faça o que tem de ser feito – e não apenas o que lhe pedem; A pílula da liderança; Demitido? Sorte sua!

Competir, vencer, gerenciar, ter iniciativa, idéias criativas e motivação, são práticas consideradas imprescindíveis e uma vez enredadas nos textos, parecem ter a intenção de ensinar à população técnicas de sobrevivência diante do desemprego, da redução de mão-de-obra e da instabilidade crescente. As exigências da contemporaneidade precisam ser incorporadas às condutas e aí reside o seu componente biopolítico. O contexto biopolítico, para Hardt e Negri (2003), produz subjetividades, necessidades, relações sociais, corpos e mentes – ou seja, produz produtores. No contexto biopolítico há a tentativa de sensibilizar para a resolução dos problemas que podem prejudicar ou não facilitar o andamento da máquina social.

¹⁰¹ *Veja*, 17 dez. 2003, p. 176-177.

¹⁰² *Veja*, 10 dez. 2003, p. 149.

A liberdade festejada

Na “sociedade aberta” predomina a ênfase na auto-regulação, na individualidade, no mercado auto-regulável, no direito à propriedade privada e à liberdade. No governo do neoliberalismo, a maximização da liberdade individual ou a exacerbação do individualismo, promovidas pelo discurso da lógica neoliberal, consideram que todos são livres para fazer suas escolhas e, “nesse sentido, a lógica neoliberal funciona como uma condição de possibilidade para que se dê a passagem do ‘governo da sociedade’ – no liberalismo – para o ‘governo dos sujeitos’- no neoliberalismo” (VEIGA-NETO, 2000b, p. 199). O autor salienta que o sujeito contemporâneo não é aquele sujeito iluminista moderno, antes centrado, estável, amparado pelo Estado. Ele agora é livre para escolher, adquirir, consumir e seguir entre as diversas possibilidades que lhe são disponibilizadas. A exacerbação do individualismo e a capacidade de escolha colocam o sujeito do neoliberalismo em uma posição de ‘sujeito-cliente’, dotado de uma capacidade de escolher e definir naturalmente, que deve ser preenchida “com um conteúdo (não natural) que, no caso, vem a ser justamente um objeto produzido pela atividade econômica – seja esse objeto um produto, uma mercadoria, um serviço, etc”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 199)

O mercado, nessa visão, é dinâmico demais para permitir que se façam as coisas do mesmo jeito ano após ano, ou que se faça a mesma coisa. O economista Bennett Harrison acredita que a origem dessa fome de mudança é o “capital impaciente”, o desejo de rápido retorno; por exemplo, o período médio de tempo que os investidores seguram suas ações nas bolsas britânicas e americanas caiu 60 por cento nos últimos quinze anos. O mercado acredita que o rápido retorno é bem mais gerado pela rápida mudança institucional. (SENNETT, 2004, p. 22)

As mudanças socioculturais implementadas pela lógica do livre mercado e economia globalizada criam a racionalização do mundo, que pode estender-se para outras áreas, como educação, saúde, lazer, férias, esportes etc. Visto como consumidor potencial, o sujeito neoliberal vai ser esquadrihado pelas pesquisas de mercado, invadido pelas contínuas e exacerbadas estratégias de propaganda, impelido a entrar no jogo do consumo. “Em suma, cada um torna-se um alvo de múltiplas e cambiantes interpelações que o fragmentam e o modificam incessantemente; e isso se dá em um cenário que é também cambiante [...]”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 200)

A liberdade festejada pelo mercado oferece produtos e serviços diversificados, gostos segmentados, interesses múltiplos incidindo na fragmentação do sujeito do neoliberalismo, que passa por variadas identificações nos diferentes grupos com os quais interage.

Essas são, por sua vez, as condições de possibilidade para o surgimento e disseminação dos mais variados grupos (muitas vezes chamados de “minorias” e tribos) que se identificam e se aglutinam em torno de temas, preferências, valores e princípios os mais variados possíveis. E, dado que as interpelações a que cada um se submete e os cenários em que está são sempre cambiantes, cada um pode participar, simultaneamente, de diferentes – e, não raras vezes, contraditórios – grupos. É justamente por isso que cada um não tem uma única e estável identidade. (VEIGA-NETO, 2000, p. 200)

A ilusão de que existe a capacidade pessoal da escolha racional é própria da ambivalência neoliberal que pressupõe a existência da liberdade, desde que ela seja praticada por sujeitos capacitados, guiados e preparados para o seu exercício. Assim, sujeição e subjetivação interagem nos discursos e nas práticas que combinam liberdade com normas e indicadores que vão monitorar os desempenhos. Os “controles de qualidade” são emblemáticos para ilustrar como o neoliberalismo penetra nas diferentes instituições, monitorando e criando indicadores de comportamento. É a lógica econômica da produção rápida e lucrativa, aplicada nos hospitais, nas escolas e nas empresas, disseminando o empresariamento *de todos e para todos*. É a reinvenção permanente das instituições, o discurso da flexibilidade, a incitação à competitividade, contradizendo o discurso da liberdade prometida pelo projeto neoliberal e incidindo no governmentação da sociedade, da educação e do sujeito do neoliberalismo.

Nossas vidas íntimas, nossos sentimentos, desejos e aspirações, parecem quintessencialmente pessoais. Vivendo num tempo em que somos rodeados por mensagens sobre problemas públicos que parecem avassaladores (guerra, fome, injustiça, pobreza, doença, terrorismo), nossos estados mentais, nossas experiências subjetivas e nossas relações íntimas aparecem como, talvez, o único lugar onde podemos localizar nossos verdadeiros eus privados. Essa crença parece, sem dúvida, muito confortável. Mas ela é profundamente enganadora. (ROSE, 1998, p. 30)

A liberdade é prometida em todos os espaços das sociedades contemporâneas, onde a reestruturação do mercado de trabalho é inevitável. A volatilidade do mercado, a competição e o estreitamento das margens de lucro enfraquecem o movimento sindical. Os patrões passam a impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis para a grande quantidade de mão-de-obra excedente. “A acumulação flexível se mostra, no mínimo, como uma nova configuração, requerendo, nessa qualidade, que submetamos a escrutínio as suas manifestações [...]”. (HARVEY, 1999, p. 176)

As inúmeras mudanças na produção e reprodução do capitalismo são acompanhadas de exigências que vão afetar a sociedade de um modo geral. A obsolescência e a temporariedade de valores, abre espaço para a quebra do consenso e para a diversificação, em

sociedades configuradas pela fragmentação contínua. Com isso, torna-se difícil qualquer planejamento de longo prazo, além de exigir a intervenção do mercado na produção da volatilidade. Neste sentido, a mídia passa a desempenhar um papel integrador nas práticas culturais e “a efemeridade e a comunicabilidade instantânea no espaço tornam-se virtudes a ser exploradas e apropriadas pelos capitalistas para os seus próprios fins”. (HARVEY, 1999, p. 260)

A supremacia do mercado e a ênfase em condutas que garantam a sua produção e reprodução fazem com que a mídia constitua-se em um dispositivo que opera produtivamente para que as configurações sociais desejadas estabeleçam-se. Os recursos tecnológicos, a concentração de poder em conglomerados, a necessidade de atingir e cooptar os públicos, alimentam a indústria cultural e a proliferação de seus produtos.

Bauman (2001) diz que a fábrica fordista caracterizava-se pela “separação entre projeto e execução, iniciativa e atendimento a comandos, liberdade e obediência, invenção e determinação”(p. 68).

O fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase “pesada”, “volumosa”, ou “imóvel” e “enraizada”, “sólida”. Nesse estágio de sua história conjunta, capital, administração e trabalho estavam, para o bem e para o mal, condenados a ficar juntos por muito tempo, talvez para sempre – amarrados pela combinação de máquinas enormes, maquinaria pesada e força de trabalho maciça. Para sobreviver, e principalmente para agir de modo eficiente, tinham de “cavar”, desenhar fronteiras e marcá-las com trincheiras e arame farpado, ao mesmo tempo em que faziam a fortaleza suficientemente grande para abrigar todo o necessário para resistir a um cerco prolongado, talvez sem perspectivas. (BAUMAN, 2001, p. 69)

Ao observar a trama, o enredo, o envolvimento que a mídia estabelece entre a educação e a perspectiva neoliberal, analisei que freqüentemente a conjuntura encontrada nas revistas coincide com a lógica neoliberal dominante, pois “vivemos hoje no Brasil, quer dentro da escola, quer no espaço mais amplo da sociedade, o entusiasmo (de alguns) pela onda de neoliberalismo que varreu o mundo, que aqui foi chegando e que agora parece ter se instalado para ficar – a não ser que os que não aderiram se organizem e se manifestem com vigor”. (GARCIA, 2000, p. 148)

Na governamentalidade neoliberal, a regulação pela automação da sociedade é uma característica significativa. No liberalismo norte-americano, o Estado é afastado da ingerência na economia, e a vida social passa a se subordinar à racionalidade do mercado, independentemente da versão adotada, pois “o liberalismo foi – e o neoliberalismo continua

sendo – uma prática, uma ‘maneira de fazer’ política” (VEIGA-NETO, 2000, p. 188), que tem objetivos e princípios de governo próprios, regidos pela regra de economia máxima.

Entender a cultura em meio a tantas lutas sociais e mobilizações não é uma tarefa fácil. Quando procuramos ver como as situações atuais são articuladas entre si por meio dos textos da mídia, estamos reconhecendo nela um espaço de confronto, de lutas na qual interesses articulam-se, entram em contradição e acionam discursos sobre os mais variados temas. “Em todo caso, seja qual for sua natureza – moderna ou pós-moderna – a identidade na sociedade contemporânea é cada vez mais mediada pela mídia que, com suas imagens, fornece moldes ideais para a modelagem da identidade pessoal”. (KELLNER, 2001, p. 317)

A afirmativa acima fortaleceu a minha escolha de pesquisar os discursos das revistas sobre a educação, pois foi possível vê-las como produções culturais nascidas em determinado contexto e produzindo efeitos sobre ele. Sua relevância pode ser observada na afirmação de Kellner:

Não exatamente o noticiário e a informação, mas sim o entretenimento e a ficção articulam conflitos, temores, esperanças e sonhos de indivíduos e grupos que enfrentam um mundo turbulento e incerto. As lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural, cujos textos devem repercutir as preocupações do povo, se quiserem ser populares e lucrativos. A cultura nunca foi mais importante, e nunca antes tivemos tanta necessidade de um exame sério e minucioso da cultura contemporânea. (KELLNER, 2001, p. 32)

Na perspectiva foucaultiana, o neoliberalismo representa uma reinscrição dos saberes, competências, expertises. Colocados em funcionamento, deslocam as técnicas de governo para que o Estado passe a ser gerenciado segundo a lógica empresarial, “pois transformar o Estado numa grande empresa é muito mais econômico – rápido, fácil, produtivo, lucrativo. Isso sem falar que as próprias empresas – principalmente as grandes corporações – têm muito a ganhar com o empresariamento do estado”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 198). O neoliberalismo vai produzir discursos e práticas que diminuem o papel de provedor do Estado ao promover maior autonomia dos indivíduos. A invenção de novas táticas e novos dispositivos coloca o Estado em uma outra situação, na qual o social é subordinado ao econômico. As atividades estatais são privatizadas ou submetidas à lógica empresarial e o Estado deve se ocupar apenas de regular e prover atividades consideradas essenciais como, por exemplo, a educação e a saúde. Surgem assim, instituições e movimentos que desobrigam o Estado do controle e financiamento das necessidades sociais. E novas frentes vão aparecendo como, por exemplo, as organizações não governamentais, as cooperativas, as

associações comunitárias, as parcerias entre empresas privadas e instituições sociais ou os chamados programas de “responsabilidade social”.

Para dar conta de problemas específicos, grupos se organizam por diferentes causas, desviando do Estado a tutela econômica e política.

Não me parece correto atribuir à direita a invenção desse interesse que ela tem em desviar as energias econômicas e políticas (do Estado) da regulação para o estímulo à autonomia individual e à associatividade em instâncias não-Estatais. Mais uma vez, o que parece estar acontecendo, nas últimas duas ou três décadas, é o aproveitamento, pela direita, de certas condições muito particulares que tornam possíveis novas práticas de governo. Entre tais condições, considero ser da maior importância a celebração da fragmentação das identidades e a conseqüente proliferação da tribalização pós-moderna. (VEIGA-NETO, 2000, p. 201-202)

Na fragmentação das identidades, proporcionada pelo processo de pertencimento a grupos diferenciados e “[...] frente a esse novo sujeito fragmentado e em contínua mutação, o próprio conceito tradicional de *todo social* fica prejudicado na medida em que – sendo tão variáveis os referenciais aos quais cada um se liga a cada nova interpelação – se estabelecem continuamente novas e novas identificações, alianças e cumplicidades [...]”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 200)

Ao privilegiar as revistas como artefatos produtores da cultura e do mundo contemporâneo, verifiquei que elas compõem a história das sociedades em que vivemos. Os textos da mídia, em geral, são produtores da história e, “a história documenta a importância de se perguntar a quais grupos correspondem as compreensões que são postas em circulação? Por que eu nada sabia sobre isso? Qual é a minha própria localização em um sistema internacional de relações econômicas que produz essas condições?”. (APPLE, 2000, p. 35)

Essa pesquisa examinou como o governo do neoliberalismo vai sendo articulado nas revistas. Os discursos que anunciam, noticiam e dão visibilidade para a educação estão inscritos na lógica vigente e eles lançam sugestões para a administração do eu contemporâneo. Assim, procurei sublinhar a positividade da mídia como dispositivo e instrumento de governo. Entretanto, cabe salientar que o engajamento da mídia no agenciamento da educação brasileira, nesta pesquisa, não foi percebido como negativo ou como produção e reprodução de formas de dominação. O poder de instituir discursos e de dar visibilidade para as racionalidades e práticas neoliberais não foi compreendido de forma binária, como uma relação entre dominadores e dominados, oprimidos e opressores, mas como relações de poder que funcionam produtivamente, quando sugerem, fabricam práticas e racionalidades de governo.

Veiga-Neto (2006) adverte que Foucault entendia que “o poder só se exerce sobre sujeitos livres¹⁰³” e complementa dizendo que “[...] poder e liberdade não se excluem, mas se conectam num jogo em que a segunda é condição de possibilidade – nas palavras de Foucault, como pré-condição e suporte permanente – para o primeiro”. (p. 25)

Os sinais contraditórios que acompanham os discursos sobre a liberdade são apontados por Bauman quando o autor lembra que a liberdade individual coincide com a impotência coletiva:

[...] se a liberdade foi conquistada como explicar que entre os louros da vitória não esteja a capacidade humana de imaginar um mundo melhor e de fazer algo para concretizá-lo? E que liberdade é essa que desestimula a imaginação e tolera a impotência das pessoas livres em questões que dizem respeito a todos? (BAUMAN, 2000, p.09)

Bauman adverte para “[...] O aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva na medida em que as pontes entre a vida pública e privada são destruídas [...]. (BAUMAN, 2000, p. 10)

Com isso, as angústias, as incertezas e ansiedades são crescentes diante da “liberdade” de usar os escassos recursos de que dispõe. “A liberdade humana traduziu-se em liberdade de cada um dos seus indivíduos”. (BAUMAN, 2000, p.74)

Nos textos analisados as capturas neoliberais estão presentes na proposição de racionalidades e condutas voltadas à produtividade máxima e para a competência desejada pelo livre mercado das sociedades regidas pelo consumo. Nelas a expressão liberdade pressupõe a faculdade de escolha e a ausência de sujeição e subordinação explícita. Entretanto, a liberdade individual permanece aprisionada às prescrições das formas de pensar, agir e viver dos projetos políticos neoliberais.

A liberdade individual é mantida detida, subjulgada, controlada, vigiada pelas exigências públicas regidas pela lógica da produção e do consumo globalizado, no qual os resultados, excelência, a competência, o talento e a solidariedade são estribilhos repetidos, reafirmados e visibilizados. As revistas semanais, nos seus textos, dão cobertura a esses estribilhos detalhados com fineza, minúcia e requinte.

¹⁰³ Foucault (1995), cf. ref. biblio.



ELEIÇÕES
Gastos milionários
e caixa dois

Editora ABRIL - edição 1860
ano 37 - nº 26 - R\$ 6,50
30 de junho de 2004

veja

PARTICIPE!
Prêmio
A Abril
banca mais
sonhos.
15 MIL PRÊMIOS E 3 CAS



0-1860
770100-712004

Até os gênios
precisam
identificar as
suas aptidões
para se destacar
e vencer

TALENTO

**Pesquisa com 3000 profissionais mostra as
qualidades mais valorizadas no mercado de trabalho**

A Pauta para a Educação na Sociedade da Capacitação leituras sobre a educação neoliberal

As perguntas tornam-se inevitáveis: Que imagens nos impedem de dormir? E quais são aquelas que nos embalam o sono? O que é que nos atrai, nos agrada, nos irrita ou nos aflige quando vemos o que vemos? Jogo de olhares? Jogo de memórias? Gostaríamos de ver outros retratos no espelho da nossa história? Gostaríamos que ele nos devolvesse a outra visão da escola que fomos (in) capazes de construir? Ainda conseguiremos, neste tempo em que o excesso de visões asfixia o olhar, deixar-nos instruir pelas imagens? (NÓVOA, 2005, p. 50)

Nestas revistas observei que a busca de alternativas para as ambivalências promovidas pelo neoliberalismo globalizado recorrentemente aponta a educação como estratégia contra a violência, as drogas, o individualismo, o desemprego, etc. A educação pode preencher o vácuo de tantas ambivalências? Poderia ser ela a alternativa? A esperança chamada “educação” pode ser contemplada no cenário da globalização planetária?

Longe de pretender responder questões tão definitivas, a análise das revistas pesquisadas ilustra a responsabilidade atribuída ao ensino, aos professores e alunos na sociedade do livre mercado, do consumo e da capacitação. E, como diz Bauman, “Acontece que eu acredito que as perguntas dificilmente estão erradas; as respostas é que devem estar. Também acredito, no entanto, que evitar fazer perguntas, questionar, é a pior resposta de todas”. (BAUMAN, 2000, p. 16)

Como professora de comunicação, certamente continuarei trabalhando a redação jornalística com os estudantes de graduação. O texto para revistas será abordado no conteúdo das minhas aulas, mas agora em outra perspectiva, estabelecendo a crítica e a reflexão permanente dos vínculos entre a mídia e a cultura.

É isso que torna a Cultura tão central no mundo contemporâneo; é nisso – e a partir disso – que estão falando aqueles que tratam os espaços e as práticas como espaços e práticas que são também pedagógicas. Ao falarem em pedagogias culturais, eles estão salientando como e o quanto, fora dos espaços estritamente institucionalizados, se ensinam, se aprendem e se naturalizam determinadas verdades, visões de mundo e práticas sociais. (VEIGA-NETO, 2006, p. 18)

A mídia ocupa hoje papel significativo na constituição das idéias que circulam no mundo, onde as forças “[...] que o atravessam são cada vez mais móveis e instáveis” (ibidem, p. 18), sendo difícil apontar os focos de soberania e de dominação, como afirma Veiga-Neto:

Além de a distribuição das forças ser muito mais horizontalizada do que verticalizada – sem que tal horizontalização signifique, é claro, qualquer igualdade ou homogeneidade na economia daquela distribuição –, tais forças atuam em feixes que se combinam e se reforçam mutuamente. Hardt e Negri identificam três conjuntos principais de feixes: o do *dinheiro*, o da *bomba* e o do *éter*. É fácil entender que o primeiro desses conjuntos é de natureza *econômica*; o outro *militar*, o terceiro é de natureza *comunicacional*. De todos eles, o que funciona como mais desterritorializado, ou seja, mais independente da tradicional espacialização moderna, é o conjunto dos feixes do éter. (VEIGA-NETO, 2006, p. 19)

A globalização vem a ser a identificação atribuída a esse conjunto de forças que imprime novo ritmo às relações mundiais, nacionais, pessoais. Bauman (2006) debate o entendimento das ambigüidades promovidas pelo processo de globalização e suas conseqüências, lembrando que a nova ordem mundial, presidida pela eficiência, flexibilidade e pelo marketing, promove também a insegurança e a perda dos meios de subsistência. O mundo sintoniza-se com uma democracia aprisionada, onde a dignidade humana rende-se às regras dos mercados e à produção de pessoas deslocadas. O que está em jogo é a própria sobrevivência da espécie humana. Se durante os 30 anos do pós-guerra o “bem-estar social” predominou nos partidos social democratas e era visto como solução para todos, com o tempo os Estados sociais se defrontaram com a impossibilidade de oferecer soluções para os problemas produzidos globalmente e que estão além do controle local. A globalização do capital e do comércio removeu restrições e obrigações do capital no plano local e a extraterritorialidade das forças econômicas diluiu as responsabilidades com os direitos dos cidadãos.

Progressivamente as promessas do Estado de bem-estar social enfraqueceram e o medo que se abateu sobre americanos e europeus durante a “Grande Depressão” voltou a “assombrar as noites e enveredar os dias” (BAUMAN, 2006, p. 83), lembra o autor. O medo e o significado da idéia de segurança se alteraram e novas ferramentas são necessárias para dar conta dos riscos invisíveis. Todos estão sempre vulneráveis e inseguros na sociedade regida pelo mercado, na qual a vida humana é exposta aos caprichos e perigos da competição constante. “O estado lava as mãos quanto à vulnerabilidade e à incerteza produzidas pela lógica (ou falta de lógica) do livre mercado, agora rerepresentadas como um problema privado, que os indivíduos devem tratar e enfrentar por conta própria e com recursos particulares”. (BAUMAN, 2006, p. 88)

O Estado, tendo abandonado a promessa de proteger os indivíduos, encolhe suas decisões soberanas e a sociedade civil é levada a buscar saídas. Algumas delas podem ser vistas nas revistas e ilustram a produtividade e a apropriação da educação nestes tempos de incerteza, insegurança e falta de garantias. As pistas de esperança estão nos resultados positivos apresentados nas matérias das revistas. A convicção de que a educação é capaz de transformar vidas está representada nas fotografias, nos anúncios, com imagens de crianças e adultos sorridentes, festejando projetos, promessas de iniciativas políticas e maiores investimentos em educação.

Quando a educação é pauta nas revistas informativas semanais, muitos temas são endereçados para a leitura pública, entre eles destaquei três focos principais: *a cultura da competência*; *o mercado produtor de talentos* e *o espetáculo da solidariedade*.

A cultura da competência diz respeito à ênfase na expectativa de que a educação atenda às necessidades geradas pela sociedade neoliberal, preparando os estudantes para a atuação no mercado ascendente de economia privada. As mudanças institucionais advindas da alta tecnologia, das negociações globais e as mudanças no mundo do trabalho solicitam entendimentos partilhados e comportamentos produtivos para se manter. O trabalho, o talento e o consumo são pilares importantes da lógica neoliberal que promete mais liberdade, maiores possibilidades de escolhas para aqueles que tiverem competência.

À medida que se dissemina a automação, recua o campo das capacidades humanas predeterminadas. Há cinquenta anos, conversar com uma máquina sobre nossa conta bancária pareceria coisa de ficção científica; hoje, é algo perfeitamente natural. Também aqui temos a nova individualidade idealizada: um indivíduo constantemente adquirindo novas capacitações, alterando sua “base de conhecimento”. Na realidade, este ideal é impulsionado pela necessidade de manter-se à frente da máquina. (SENETT, 2006, p. 47)

A expectativa de que a educação acompanhe “a máquina” ou esteja à frente dela é encontrada nos textos das revistas juntamente com a visibilidade de estudantes considerados exemplares. Os textos que oferecem momentos de celebridade para estudantes e professores considerados modelos abordam os hábitos de estudo dos alunos que obtiveram sucesso e as sugestões para garantir a competência, o talento e estar capacitado para as melhores oportunidades. *O mercado produtor de talentos* aponta o caráter mercadológico constituído em função da competitividade implementada também no campo da educação. As revistas promovem escolas, vendem material escolar, disseminam tendências, alimentam o consumo de produtos que circundam o universo educacional.

Denominei de *o espetáculo da solidariedade* os anúncios e os textos publicados mencionando práticas solidárias com escolas, professores e alunos. As ações sociais e parcerias promotoras de iniciativas voltadas para o universo da educação são também temas recorrentes nos textos das revistas. A aprovação dos investimentos em projetos sociais que incluem a educação tem amplo apoio das editoras das revistas. Utilizo a expressão *espetáculo* para destacar a intenção de empresas, instituições, políticos, celebridades artísticas, atletas, em chamar a atenção e ostentar suas iniciativas em projetos direcionados à educação em revistas de grande circulação.

Muitos outros temas poderiam ser escolhidos para ilustrar a produtividade das revistas para o incremento neoliberal através da educação. Optei por ressaltar o que denominei *a cultura da competência; o mercado produtor de talentos e o espetáculo da solidariedade*, porque eram abordados repetidamente, ao longo do período de recorte, nas três revistas.

A cultura da competência

O que ele me disse como explicação, foi que o conhecimento científico que adquirira na escola não era mais de ponta; compreendia o que estava acontecendo no florescente campo da tecnologia de informação, mas não podia mais manter-se um passo à frente. Jovens engenheiros de vinte e poucos anos tratavam-no, a ele, já beirando os quarenta, como de algum modo desbotado. (SENETT, 2004, p. 112)

A competência apregoada pela contemporaneidade pressupõe plasticidade e alta capacidade de adaptação às mudanças. Nos discursos das revistas é possível inferir que ser maleável, mover-se com agilidade na vasta rede de relacionamento; garantir maior produtividade e a maximização dos resultados estabelecidos nas metas; desenvolver com rapidez e precisão o maior número de tarefas possível; adquirir e dar conta das inovações tecnológicas; estar informado sobre as últimas terminologias inventadas; acompanhar as alterações que invadem os conhecimentos, os saberes, as práticas e as competências sempre mutantes, são demandas próprias da contemporaneidade. Aos sujeitos resta a ansiedade de não ficar para trás, de ser competente, capacitado, talentoso em todos os espaços.

Para a educação sobra o desafio de dar conta de conteúdos, comportamentos e capacitações que acompanhem a cultura da competência. As revistas oferecem exemplos,

mostram casos de sucesso, escrutinam os perfis dos vencedores, como mostram algumas afirmações nos textos pesquisados:

Perfil para o sucesso: competências, habilidades e atitudes fundamentais para o profissional do século XXI. Capacidade de trabalhar em equipe; domínio de idiomas; domínio de informática; autodidatismo; atualização permanente; cidadania e responsabilidade social; habilidade de tomar decisões; capacidade de associação de idéias; liderança; visão de conjunto¹⁰⁴.

Uma pesquisa feita com base nos dados do Ministério da Educação mostra que os jovens com melhor resultado na sala de aula lêem pelo menos seis livros sem conteúdo técnico num ano e obtêm informações por meio de jornais e revistas no lugar da televisão, como faz a maioria. Definitivamente, não são os estudantes classificados como bitolados que chegam ao topo do ranking no vestibular, mas sim, aqueles que acumularam conhecimento no curso da vida acadêmica¹⁰⁵.

Ter talento, nesse caso, é fazer um auto-exame. Conscientizar-se das próprias competências é uma atitude cuja importância só agora começa a ser entendida e praticada. O esforço de autoconhecimento vale a pena. Os diversos talentos tornaram-se uma das maiores armas de sucesso de um profissional. Conhecê-los e cultivá-los, seu maior patrimônio¹⁰⁶.

Características de um mito: sonho, coragem, carisma, determinação, técnica, ousadia, beleza, criatividade, versatilidade [...] ¹⁰⁷.

As chaves do sucesso. Conselhos de doze cientistas [...] para quem quer se destacar em carreiras competitivas. 1. Leia muito e de tudo – Não apenas livros técnicos. Leia romances, contos e poesia. Eles ajudam a desenvolver uma visão plural da vida; 2. Exercite a curiosidade- Ela é o primeiro degrau de todas as descobertas; 3. O terceiro idioma – Ler, escrever e falar inglês é básico. A diferença começa com o aprendizado de uma terceira língua; 4. Tenha base sólida – As ciências básicas, como a física, a química e a matemática, alicerçam todas as outras carreiras; 5. A melhor escola nem sempre é a mais conhecida e famosa. Escolha entre as que têm professores mais atuantes; 6. Pesquise sempre – As bolsas de iniciação científica dão chance de começar a pesquisar ainda na graduação. Aproveite-as; 7. Escolha suas companhias – Se quiser ser cientista, conviva com cientistas. Freqüente os laboratórios e centros de pesquisa mais produtivos de sua faculdade; 8. Dedique-se – Vale a mais famosa equação de Eistein: sucesso= 10% de talento + 90% de suor; 9. Tome a iniciativa- Não se satisfaça com o que o professor ensina. Busque mais informação. Todo o bom cientista é um autodidata; 10. Mire no exterior – O isolamento mata a pesquisa. A troca de informações é uma das chaves do sucesso; 11. Faça a diferença – Escolha a área de atuação em que seu trabalho possa se destacar; 12. Busque a visão universal – o cientista tende a se especializar cada vez

¹⁰⁴ *Época*, 01 set. 2003, p. 97.

¹⁰⁵ *Veja*, 11 fev. 2004, p. 63.

¹⁰⁶ *Veja* 30 jun. 2004, p. 97.

¹⁰⁷ *IstoÉ*, 24 mar. 2004, p. 90-92.

mais cedo. Isso é inevitável, mas é um erro fatal fechar-se a outras áreas da pesquisa¹⁰⁸.

Chauí (2006, p. 31) observa a existência social e cultural sob a economia neoliberal, dizendo que nela impera a fragmentação e a dispersão econômica. Como resultado convivemos com a perda de referenciais de identidade, organização e luta para a classe trabalhadora. A hegemonia do capital financeiro; a rotatividade da mão-de-obra; os produtos descartáveis que decretam o fim da durabilidade, qualidade e estocagem; a obsolescência das qualificações para o trabalho em decorrência do surgimento incessante de novas tecnologias; o desemprego proveniente da automação; a divisão da sociedade entre bolsões de riqueza e bolsões de miséria. Na sociedades contemporâneas as competências são voláteis e a capacidade de competição cada vez mais elitizada: falar vários idiomas; ter acesso às novíssimas tecnologias e publicações; exibir experiência de estudo ou trabalho no exterior; participar de pesquisa; envolver-se com a vida estudantil e acadêmica em tempo integral etc.

As revistas reconhecem algumas dificuldades que atingem os sujeitos, mas alimentam a obsessão pela eficiência e pela capacidade individual de superação, mesmo em situações improváveis. “Trabalho, persistência e confiança são ingredientes para realizar seu projeto de vida. Aprenda com os vencedores. Teste se você está no caminho certo. Acredite no seu sonho”, diz a manchete de capa da *IstoÉ*¹⁰⁹, ilustrada por um jovem, vestindo terno e gravata, que parece flutuar entre nuvens (fig.26). A matéria especial diz: “Pés no chão e cabeça nas nuvens. Com criatividade e determinação é possível realizar os sonhos. São ingredientes que também ajudam a transformar o mundo”. (p. 60)

¹⁰⁸ *Veja*, 3 nov. 2004, p. 135.

¹⁰⁹ *IstoÉ*, 23 jul. 2003.

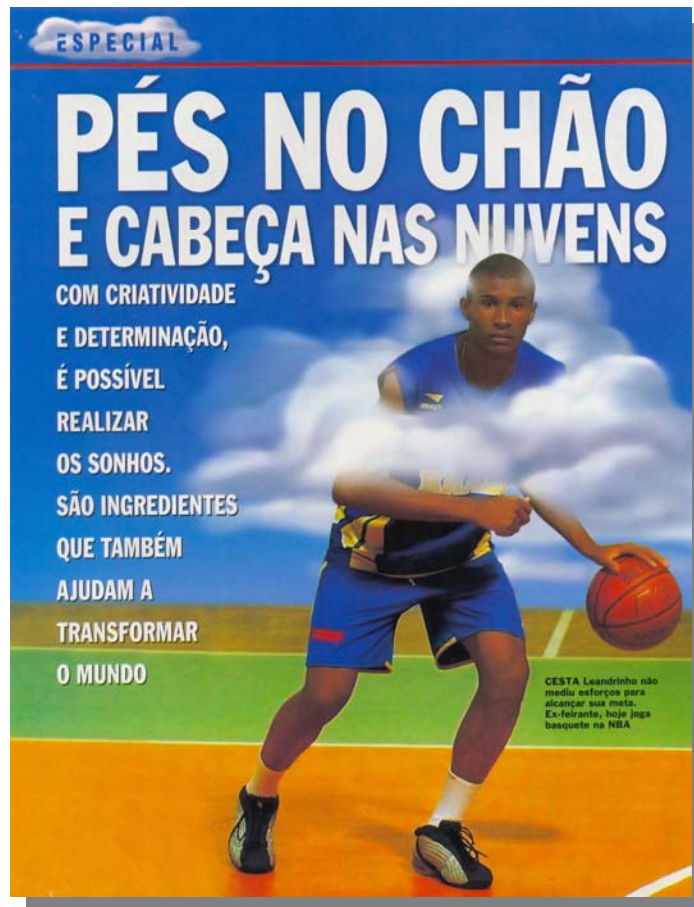


Figura 26: Pés no chão e cabeça nas nuvens (*IstoÉ*, 23 julho, 2003, p.63-67)

Quanto vale um sonho? Noites em claro, um ano inteiro de dedicação, toda uma vida? Como se escolhe um sonho? Na vitrine de uma loja, no pregão da Bolsa de Valores, em um portal de busca na Internet? Quando termina um sonho? Quando ele é alcançado? Ou quando seu dono o abandona na lixeira da cozinha? Todo mundo sonha, dormindo ou de olhos abertos. Todos têm projetos e tecem planos para o futuro. Mas nem todos assumem seus desejos com unhas e dentes e se tornam realizadores de sonhos [...] ¹¹⁰.

Vários exemplos de superação e sucesso são utilizados como argumento. A reportagem oferece um teste para o leitor descobrir se é “um realizador de sonhos ou apenas um sonhador” (p. 64). Algumas “frases proibidas” (p. 65) são mencionadas para encorajar e motivar os candidatos à realização dos próprios sonhos. São citados simultaneamente Albert Einstein, o jogador de futebol Cafu, Marilyn Monroe e Che Guevara como exemplos de superação às reprovações que receberam no início de suas carreiras.

A competência, o talento, o empreendedorismo saem da esfera do trabalho e do capital, perpassam a educação e a vida dos sujeitos contemporâneos. Como valor incorporado ao imaginário social, a competência é orientada, vigiada, cobrada e serve de moeda para

¹¹⁰ *IstoÉ*, 23 jul. 2003, p. 63.

excluir ou premiar. “O esforço é pessoal. E igualmente o fracasso do esforço. E a culpa pelo fracasso. E a conseqüente sensação de culpa”. (BAUMAN, 1999, p. 207)

Sennett (2004) considera o fracasso o grande tabu moderno e não é mais a perspectiva comum apenas dos muito pobres ou desprivilegiados. O fracasso tornou-se um fator corriqueiro nas vidas da classe média.

A literatura popular está cheia de receitas de como vencer, mas em grande parte calada sobre como enfrentar o fracasso. Aceitar o fracasso, dar-lhe uma forma e lugar na história de nossa vida, pode ser uma obsessão interior nossa, mas raras vezes a discutimos com os outros. Em vez disso, buscamos a segurança dos clichês [...]. Como acontece com qualquer coisa da qual tememos falar abertamente, a obsessão interior e a vergonha só por isso se tornam maiores. Sem tratamento fica a bruta frase interior: “Eu não sou bom o bastante”. (SENETT, 2004, p. 141)

O crescente número de sujeitos condenados a fracassar diante de exigências cada vez mais complexas e imediatas faz com que “o regime flexível talvez pareça gerar uma estrutura de caráter constantemente ‘em recuperação’”. (SENETT, 2004, p. 162). As revistas acenam para uma sociedade que já não oferece estabilidades, garantias de acesso ao mercado de trabalho ou correspondência direta entre educação e emprego, mas os discursos motivadores e orientadores são recorrentes nas publicações semanais.

Essas visões da narrativa, às vezes chamadas “pós-modernas”, refletem na verdade a experiência do tempo na moderna economia política. Um eu maleável, uma colagem de fragmentos em incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências – essas são as condições adequadas à experiência de trabalho de curto prazo, a instituições flexíveis e ao constante correr risco. Mas há pouco espaço para compreender o colapso de uma carreira, se se acredita que toda história de vida é apenas uma montagem de fragmentos. Tampouco há qualquer espaço para avaliar a gravidade e a dor do fracasso, se o fracasso é apenas mais um incidente. (SENETT, 2004, p. 159-160)

A matéria “Queremos Emprego!”, publicada na revista *IstoÉ*¹¹¹ trata da “praga da desocupação” que “se alastra como nunca e engaveta os sonhos de uma geração inteira de profissionais brasileiros” (p. 57). Como tantas outras matérias, esta trata da falta de perspectivas futuras, das dificuldades para obter o primeiro emprego e da desesperança que acomete parte da população brasileira. Embora o texto comece reconhecendo que “Não há quem não tenha um desempregado por perto – um amigo, um familiar, um vizinho, uma filha ou filho que anda para baixo e para cima com um diploma universitário debaixo do braço” (p. 57), a conclusão reconhece que o mercado de trabalho está cada vez mais seletivo e não há “como concorrer em igualdade de condições com um concorrente que estudou em boas escolas e se preparou a vida inteira”. (p. 60)

¹¹¹ *IstoÉ*, 09 jul. 2003.

O cenário no mercado de trabalho brasileiro é destrinchado, esmiuçado, pormenorizado no texto da revista *Veja* (fig.27). Nele as orientações para os jovens que enfrentam o desafio de ingressar no mercado de trabalho estão contidas nos exemplos de sucesso. As revistas pretensamente indicam os caminhos promissores aos seus leitores. A formação, as características pessoais e profissionais valorizadas estão ali mencionadas, o texto “ensina” caminhos, afirma e reafirma as tendências mais promissoras pesquisadas pela *Veja* entre alguns jovens e disseminada para muitos outros, na edição que percorre o mundo e as bancas de revistas de todo o país.



Figura 27: O que as grandes exportadoras exigem na hora de contratar (*Veja*, 8 dez, 2004, p.40-47)

Os estudantes e professores modelos são os melhores, os vencedores. São protagonistas nas reportagens, anúncios e crônicas porque apresentam “diferenciais competitivos”. Eles são os destaques e os exemplos para os demais estudantes e profissionais da educação. São “empreendedores”, buscam seus objetivos, adquirem sucesso e reconhecimento e tornam-se produtivos para ilustrar os comportamentos considerados adequados no campo da educação. São os estudantes e professores que conseguem driblar as adversidades da educação brasileira. A visibilidade de seus empreendimentos parece afirmar

que a boa vontade e a iniciativa geram competência e através dela é possível resolver as desigualdades, a falta de investimentos na educação e a história de descaso com a educação brasileira.

As figuras 28, 29, 30 e 31 são exemplares para mostrar que rendimento escolar, inteligência e empenho são privilegiados nos textos das revistas. Enquanto caracterizam as condutas dos estudantes destacados, os textos estabelecem proposições para que os exemplos sejam seguidos. Neles é possível capturar indicativos para a trajetória de outros “campeões”, “garotos de ouro”, “bons alunos”, “gênio da vez” etc.



Figura 28: O gênio da vez (*Veja*, 30 abr. 2003, p.62)

MUDANÇA
Raul vai deixar o conforto de casa para morar no campus da USP de São Carlos



EDUCAÇÃO & CIDADANIA

VIOLÊNCIA

Trote abusivo

Calouros do ITA sofrem torturas

Passar a noite dentro de uma piscina ou cantar por quatro horas sem parar enquanto recebe jatos de água fria no rosto e até rajadas de spray de pimenta nos órgãos genitais. Assim tem sido a rotina dos cerca de 130 novos alunos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos (SP), centro de excelência de ensino no País. Os maus-tratos foram relatados por calouros hospedados nos alojamentos da instituição. Desde que chegaram lá, há 15 dias, ele dormem meia hora por noite por causa das seções de tortura. As famílias estão aflitas. "Eduquei minha filha com carinho, dei a ela boa formação e agora a vejo humilhada desse jeito", reclama um dos pais, que não quer ser identificado com medo de represálias. Segundo ele, até os telefones são monitorados e as denúncias só foram possíveis porque alguns conseguiram burlar a vigilância. "Eles não podem contar o que acontece por lá."

Em muitas universidades brasileiras o trote é proibido e tem sido substituído por ações de cidadania. Infelizmente, na maior instituição pública de ensino do País, a Universidade de São Paulo, a prática só foi abolida depois da morte de um calouro de medicina, em 1999. O veto contra também existe no regulamento do ITA, mas não evitou o abuso, que virou caso de polícia. Na semana passada, o promotor de Justiça Criminal Laerte Fernando Leval, de São José dos Campos, pediu abertura de inquérito policial. "Se forem comprovadas essas atitudes, os responsáveis poderão ser punidos pelo crime de constrangimento ilegal, que prevê pena de três meses a um ano de prisão ou multa", esclarece Leval. A reportagem de ISTOÉ tentou falar com a reitoria do ITA, mas sua assessoria de imprensa informou que a instituição não iria se pronunciar sobre o assunto.

G. R.

VESTIBULAR

GAROTO DE OURO

Jovem do interior de São Paulo é o primeiro no exame das principais universidades do País

GRICE RODRIGUES

O estudante que ficou em primeiro lugar nos exames da Unicamp e da concorrida Fuvest e que de quebra foi aprovado no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) — escrito como o mais difícil do País — não é, como se imagina, alguém que passa horas mergulhado nos livros. Nem tampouco é um sabe-tudo. Raul Celistrino Teixeira, 17 anos, mora com a família na pequena Adamantina, cidade situada a 600 quilômetros da capital paulista, e não abre mão de sair com amigos, ir ao cinema, aos bailes e de ficar longas horas batendo papo no computador. O jovem, que admite detestar gramática, se define como um indisciplinado na hora de estudar. "Não tenho um momento certo e dedico poucas horas a rever as matérias", garante ele.

Raul optou por cursar física no campus da Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos (SP). Está um pouco ansioso com as mudanças em seu dia-a-dia. "Por enquanto, pretendo morar no alojamento do próprio campus. Sei que vou sentir falta da família, mas agora um novo mundo se abre para mim. E quero aproveitá-lo bem", diz. Hoje, Raul só divide o espaço da

casa e as atenções dos pais — o bancário Raul Teixeira e a dona-de-casa Lidérci — com a irmã de 12 anos, Ludmila, mas ele não considera isso um problema. "Faço amizades muito facilmente e valorizo os meus relacionamentos", completa ele.

Das três colocações, a que mais o empolgou foi realmente a da USP, notícia que ele recebeu por telefone — um privilégio reservado apenas aos primeiros da turma. "Sabia que tinha ido bem nas provas, mas jamais pensei que ficaria em primeiro lugar. Quando o pessoal da Fuvest me ligou, não acreditei", conta. Entrar em uma das melhores universidades do País não é nada fácil, mas Raul se diz acostumado a grandes desafios. Aluno bolsista do Colégio Objetivo, ele já participou de difíceis competições, como as olimpíadas de matemática, de física e de astronomia, realizadas por entidades nacionais e internacionais. Essa última, realizada na Suécia no ano passado lhe rendeu uma medalha de prata. "Sempre gostei de ciências exatas. Vou fazer a graduação e me especializar para trabalhar com pesquisa", planeja. Enquanto pensa no futuro, Raul prepara um churrasco com a família para saborear a grande vitória do presente.

Figura 29: Garoto de ouro (IstoÉ, 11 fev. 2004, p.56)

Educação

A RECEITA DOS BONS ALUNOS

Para ir bem no Enem, não basta estudar: o negócio é ler bastante e prestar muita atenção nas aulas

Melissa Weinberg

O paulista Victor Manuel Romero, de 19 anos, superou mais de 1,3 milhão de estudantes ao chegar em primeiro lugar no último Exame Nacional do Ensino Médio. O Enem é a prova aplicada pelo Ministério da Educação para medir o aproveitamento dos estudantes no fim do ciclo escolar. Romero acertou todas as 63 questões da prova e ainda tirou nota 100 no teste de redação. Seu caso chama atenção sobretudo pela diferença entre a sua história e a da maioria dos estudantes que costumam desportar no topo das listas desse tipo de concurso. Em geral, os campeões vêm de famílias de renda alta, têm pais com ensino superior e passaram pelas melhores escolas particulares do país. Com Romero não foi assim. Sua mãe, dona-de-casa, largou os estudos na 9ª série para trabalhar em uma fábrica de tecido. Seu pai, representante comercial em uma firma de sábado em pó, tem salário na faixa de 2.000 reais por mês. Conseguir o diploma universitário tacitamente formou-se em administração de empresas aos 45 anos e a duras penas. Romero também não veio de escola particular. A família conseguiu bancar seus estudos até o ensino fundamental. Depois disso, precisou transferir para a rede pública. O rapaz diz que, para fazer valer o esforço dos pais, sempre estudou "feito um louco". De segunda mais de três horas por dia, além do período em que estava na escola. No ano passado, ele cursava o ensino regular pela manhã e à noite fazia um curso de técnico em mecânica. "Era uma precaução. Se meu pai

precisasse, conseguia arranjar emprego com mais facilidade", explica. Nas horas vagas, aprendeu espanhol, língua dos avós paternos, por meio de um curso pela televisão.

VEJA, nessa 54 jovens que não erraram praticamente nenhuma questão do Enem (em uma escala de zero a 100, tiraram 98 na prova, contra a média geral de 52), na tentativa de saber o que os bons estudantes têm em comum. O cruzamento dos dados mostra que, diferentemente de Victor Romero, a maioria tem uma boa situação socioeconômica: 80% estudaram em escola particular e 70% têm pais com curso superior completo e renda acima de 2.600 reais por mês. Pesquisas já mostraram que jovens vindos de famílias cujos pais têm boa renda e formação escolar recebem mais conteúdos intelectual e têm acesso a uma vida cultural mais rica — fatores fundamentais para o bom desempenho escolar. Mas os trabalhos apontam também que uma combinação de esforço pessoal e investimento na educação e

O campeão

O paulista Victor Manuel Romero tirou a nota mais alta no último Enem: acertou 100% das 63 perguntas do exame. Garoto o ensino médio em escola pública e, ao contrário da maioria dos bem cotados no teste, estuda, sim — e muito

Idade	19 anos
Que curso faz hoje	Engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
Horas de estudo em casa	Mais de três por dia
Como surge o tempo	Aproveita as três horas que passa no ônibus que o leva à faculdade para ler e estudar. Dorme seis horas por dia e raramente vê televisão
Literatura preferida	Ficção científica
Hobby	Tocar violão
Gênero musical preferido	Heavy metal
Como relaxa	Faz flexão em uma barra instalada no jardim de casa
Nota	O pai, representante comercial de sábado em pó, que decidiu voltar a estudar aos 38 anos

ação e captar de minimizar, ao mesmo tempo, a vantagem da baixa renda. "O que faz a diferença mesmo é como a família prioriza o estudo", afirma Ryan Braga, especialista em educação. O campeão do Enem, por exemplo, diz ter tido no exemplo paterno sua principal fonte de estímulo. Anírio Romero, pai de Victor, decidiu voltar a estudar aos 38 anos e até hoje continua pagar o salário para abastecer de livros a biblioteca da casa. "Ele sempre tentou os estudos como uma obsessão", diz o filho, Carlos Victor, cerca de 20% dos estudantes que obtiveram o melhor desempenho no Enem vieram de famílias de baixa renda (menos de dez salários mínimos) ou cresceram em lares em que os pais tinham pouca educação formal (concluíram, no máximo, o ensino médio).

Outro dado surpreendente revelado pela pesquisa de VEJA foi o tempo que a maioria dos entrevistados disse dedicar ao estudo fora da sala de aula: 31% afirmaram gastar, no máximo, uma hora por dia. Isso significa uma hora a menos do tempo que o típico aluno do ensino médio costuma gastar dedicando-se aos estudos. A técnica declarada pelos alunos que tiveram um ótimo desempenho no Enem é simples:

Os melhores do Enem

O quadro mostra algumas das características da maioria dos 34 estudantes que obtiveram o melhor desempenho na prova do MEC

- Tem pais com ensino superior completo
- Possuem renda familiar acima de 2.600 reais por mês
- Tem como método de estudo prestar atenção na aula e estudar em casa, no máximo, uma hora por dia
- Lêem mais de dez livros por ano (além dos títulos recomendados pela escola)
- Tem o hábito de ler jornais e revistas semanais
- Já viajaram para o exterior

prestar atenção nas aulas e fazer em casa, sistematicamente, os exercícios pedidos pelos professores.

Os bons alunos, demonstram ainda a seguinte característica: também costumam ler mais do que a média. A maioria dos estudantes ouvidos contabilizou mais de dez livros por ano, destacando a bibliografia exigida pela escola. Segundo levantamento do MEC, apenas 20% do 1,3 milhão de jovens que prestaram o Enem declararam ter o hábito de ler livros frequentes e 20% disseram nunca ter pegado em um livro. Para se manterem informados, os melhores alunos preferem jornais e revistas à televisão, veículo que predomina na pesquisa do MEC.

O Enem — criado em 1998 para medir o nível de conhecimento com que os estudantes concluem o ensino médio — não é uma prova tradicional. Especialistas o classificam como um exame bastante complexo. As questões envolvem áreas de conhecimento e testam a capacidade do aluno de aplicar o saber teórico a situações práticas. Os estudantes precisam conhecer, por exemplo, as razões que explicam o fato de 99% dos casos de malária registrados pelo Ministério da Saúde ocorrerem na região amazônica. A resposta exige conhecimentos de biologia, geografia e cultura geral. "É uma prova diferenciada, porque exige interna habilidade de abstração da matéria dada em sala de aula", observa Paulo Renato Souza, ex-ministro da

Figura 30: A receita dos bons alunos (Veja, 26 maio 2004, p.106-108)



Figura 31: Existe outra diferença (Veja, 9 jun. 2004, p.72-76)

Os textos marcam, repetem, enfatizam o bom desempenho como resultado possível. Estudantes e professores exemplares argumentam em favor das iniciativas de sucesso inseridas nos textos como racionalidades e práticas viáveis, acessíveis, vitoriosas, capazes de superar as adversidades econômicas, sociais, políticas e culturais resultantes do projeto político neoliberal.

A exigência por competência é a tônica de muitos dos textos que abordam a educação. Parece que os fenômenos advindos do processo de globalização exercem pressão constante para que todo o universo educacional entre em sintonia com as avaliações e comparações constantes. Idéias e estratégias que parecem ter obtido sucesso em outros países e em algumas regiões brasileiras são mencionadas insinuando que podem ser adotadas, repetidas, copiadas em qualquer outro lugar.

A “competência” pressupõe um conjunto de atribuições e saberes que habilitam seus protagonistas para lutas, disputas, competitividade. Concorrer parece ser a única saída, mas não basta ter “liberdade” para encarar as arenas contemporâneas, o “talento” também é definidor no processo seletivo das sociedades contemporâneas.

O mercado produtor de talentos

O estado lava as mãos quanto à vulnerabilidade e à incerteza produzidas pela lógica (ou falta de lógica) do livre mercado, agora rerepresentadas como um problema privado, que os indivíduos devem tratar e enfrentar por conta própria e com recursos particulares. (BAUMAN, 2006, p. 88)

A eficiência e a mercantilização características da contemporaneidade estão presentes no campo da educação, definindo noções e práticas modelares para as instituições de ensino, os professores e os estudantes. Gómez (2001) destaca características básicas que atingem diretamente a educação: a relatividade e perda de fundamento da racionalidade; a complexidade social e a aceleração da mudança tecnológica; a autonomia, a descentralização e a complexidade; a rentabilidade e mercantilização do conhecimento. A figura 32 mostra um edital da revista *Veja*¹¹² que insere fotografias de outras capas da revista cujas chamadas anunciam reportagens tratando de temas que incluem a educação. “Em seus 35 anos de existência, VEJA já dedicou mais de quarenta capas a assuntos ligados à carreira, ao emprego e ao mercado de trabalho. Em razão da velocidade em que as transformações se dão no mundo, a capa desta edição seguramente não será a última”.

“Enfrentar o funil” parece ser o desafio de todo o estudante brasileiro: desde o acesso ao ensino fundamental, passando pelo ensino médio, o vestibular, estágios, primeiro emprego etc. Os textos das revistas instruem aos seus leitores (provavelmente vencedores em muitos enfrentamentos e “funis” sociais) como agir para não “enfrentar a fila da rejeição”. O grande volume de edições focando a empregabilidade deve garantir a boa venda da revista. A centralidade do tema em tantas edições indica o seu consumo promissor para as editoras. Essa deve ser uma pauta rentável e interessante para tantos desempregados, escolas, famílias, jovens etc.

¹¹² *Veja*, 12 dez., 2003, p.9.

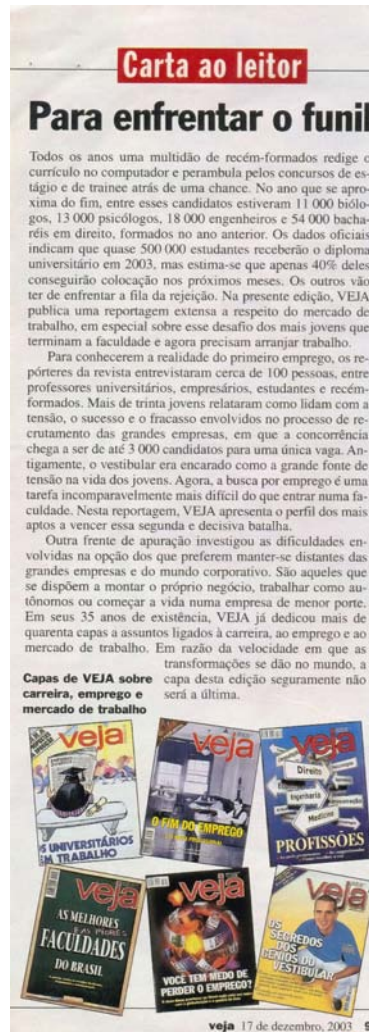


Figura 32: Para enfrentar o funil (*Veja*, 17 dez. 2003, p.9)

A incerteza e a ambigüidade das finalidades da tarefa educativa fazem com que a política educativa deixe de ocupar o centro das tomadas de decisão e se transforme em instrumento das exigências do mercado. A ausência de uma racionalidade clara e universalmente aceita para a instituição escolar é acompanhada por um jogo de ambigüidade difícil de ser decifrado. A confusão e as contradições provenientes da ausência de orientação intelectual ou ética pressupõe “liberdade”, mas paradoxalmente segue as restrições e prescrições econômicas.

[...] no cenário educativo é difícil legitimar as decisões apoiando-se somente em exigências econômicas, se elabora todo um discurso de pseudo-justificação em que o jogo com a ambigüidade semântica é o principal instrumento de persuasão e propaganda. Descentralização, autonomia, participação, democracia, qualidade, são todos termos socialmente valorizados por uma carga semântica que não tem correspondência com a qual o discurso neoliberal atual está utilizando para

justificar a privatização e a desregulação do sistema educativo”. (GÓMEZ, 2001, p. 134)

A complexidade social, incerteza e aceleração da mudança tecnológica atingem a educação que é cobrada para que responda com agilidade à mobilidade contemporânea. “O incremento da complexidade social coloca um desafio de extraordinárias proporções ao desenvolvimento do conhecimento e das habilidades de tratamento da informação, cada dia mais abstratas e sofisticadas [...]”. (GÓMEZ, 2001, p. 135). A quantidade de informações abstratas, produzidas de maneira sofisticada proporciona conhecimentos difíceis de serem trabalhados pela educação.

Como preparar as novas gerações para enfrentar de maneira relativamente autônoma, eficaz e satisfatória a complexidade e a variabilidade das estruturas sociais, culturais, políticas e trabalhistas que rodeiam a vida dos cidadãos contemporâneos? Como adaptar a escola e o sistema para responder à complexidade e flexibilidade do contexto social, quando parecem permanecer basicamente inalteráveis desde as origens de sua implantação generalizada? Poucos duvidam da necessidade de que a escola reconstrua seu próprio papel na sociedade para enfrentar as exigências atuais de um contexto complexo e mutável. O problema é definir até onde e como. (GÓMEZ, 2001, p. 136)

A convivência com as mensagens dinâmicas e sedutoras da mídia proporciona a interação dos sujeitos com informações, idéias e sentimentos que muitas vezes não têm correspondência com o mundo real, desencadeando o estímulo de interesses e expectativas que na prática são difíceis de alcançar. Os sujeitos são livres apenas para almejar, sonhar em consumir, mas impedidos diante das desigualdades de condições.

A instituição escolar por suas características tradicionais é desafiada a criar alternativas às propostas contemporâneas de desenvolvimento do conhecimento. As pretensões de autonomia, descentralização e desregulação são intimidadas pela busca de eficiência, da redução de custos e da demanda em atender aos “clientes”. A política educativa neoliberal fomenta a competitividade entre instituições com a justificativa de incrementar a produtividade da educação, melhorando o rendimento, reduzindo custos, promovendo a privatização de instituições e serviços. O tratamento da educação como mercadoria e as diferenças entre o sistema público e o sistema privado faz as desigualdades contextuais se converterem em desigualdades pessoais e profissionais definitivas.

[...] a competitividade entre escolas, em prol do incremento da qualidade de resultados, numa sociedade intensamente baseada na desigualdade, não pode ser considerada senão uma grotesca pantomima formal, destinada a justificar a reprodução educativa da desigualdade sob a aparência de igualdade de oportunidades, sob a camuflagem do esforço e mérito diferenciador. Incentivar a qualidade do serviço público que se oferece no sistema educativo requer

precisamente a atenção mais intensa às escolas correspondentes às zonas e aos grupos sociais mais desfavorecidos, e o apoio e estímulo às experiências de inovação e de experimentação colaborativa. (GÓMEZ, 2001, p. 139)

A rentabilidade e a mercantilização do conhecimento fazem parte das tendências neoliberais. A educação nesta perspectiva é um bem de consumo valorizado pela oferta e demanda. O conhecimento adquire sentido no intercâmbio mercantil, “quando serve de indicador de aquisições úteis para ganhar créditos acadêmicos ou para a legitimação profissional”. (ibidem, p. 139).

As figuras 33, 34, 35, selecionadas entre muitas outras evidenciam a produção profícua dos mais variados produtos em torno da educação que prometem aprimorar os talentos e criar capacidades. As páginas das revistas constituem uma espécie de “vitrine impressa” para escolas, cursos, uniformes, material escolar, material didático, computadores, livros etc. Diferentes marcas de produtos e serviços são visualizadas nas suas páginas. Elas oferecem aos leitores opções variadas para consumo. Alguns podem comprar, outros passam a desejar e a sonhar com as ofertas veiculadas, fazendo da educação um mercado produtivo

COMPORTAMENTO
MARIANA ABREU SOGRE

CONSUMO

DE MOCHILA PRONTA

Barbie
Agenda, R\$ 21 (Kalunga), R\$ 20 (Tilbra)

Mochila, R\$ 299, e bolsa, R\$ 219, em várias divisões internas (Kipling)

Caneta que faz bolhas de sabão e tem bichinho de borracha que arrasta os olhos, R\$ 10 (Krepon)

Caneta, R\$ 17 (Krepon); estojo, R\$ 12; lápis, R\$ 11; lapiseira, R\$ 10; borracha com protetor, R\$ 5; apontador, R\$ 2 (Krepon); agenda, R\$ 30 (Imaginarium)

Chave metálica Semana, R\$ 74 (Imaginarium)

Caneta, R\$ 10 (Stelloni); pasta-richtão, R\$ 64 e jogo de canetas Triplex, R\$ 18 (Krepon); porta-lápis, R\$ 27 (Imaginarium); lápis luxurizados, R\$ 0,61; borracha, R\$ 1 (Faber-Castell); agenda, R\$ 30 (Imaginarium)

SERVIÇO
Kipling (11) 288-2444
www.kipling.com.br
Kalunga (11) 2347-7000
www.kalunga.com.br
Krepon (11) 3825-4229
Tilbra (14) 2235-4130
www.tilbra.com.br
Imaginarium (11) 3823-2700
www.imaginarium.com.br
Faber-Castell 0800-7017068
Stelloni (11) 3823-3605/3045-8504

O INÍCIO DO ANO LETIVO TRAZ VÁRIOS LANÇAMENTOS PARA A GAROTADA. ALGUNS SERVEM ATÉ COMO OBJETO DE DECORAÇÃO

Figura 33: De mochila pronta (IstoÉ, 4 fev. 2004, p.40-41)



Figura 34: Da fabricação de computadores à impressão de livros didáticos (*Época*, 18 out. 2004, p.58)



Figura 35: Viu como ler jornal ajuda a entrar na faculdade? (*IstoÉ*, 25 fev. 2004, p.11)

A racionalidade comercial vai minando o campo da educação e as páginas das revistas mostram um nicho mercadológico interessante para investidores. “Mas os efeitos sutis são igualmente perturbadores”, lembra Klein (2003):

Muitos professores falam da gradual intromissão da mentalidade comercial, argumentando que quanto mais os *campi* agem e se parecem com centros comerciais, mais os estudantes se comportam como consumidores. Eles contam histórias de estudantes preenchendo seus formulários de avaliação dos cursos com todo o presunçoso farisaísmo de um turista respondendo a um formulário de satisfação do cliente em uma grande cadeia de hotéis. [...] Um professor da Universidade York de Toronto, onde há um centro comercial em pleno desenvolvimento no *campus*, conta-me que seus alunos deslizam para a sala de aula sugando copos de café, conversam no fundo da sala e escapolem para fora. Eles estão circulando, comprando, sem compromisso. (KLEIN, 2003, p.123)

Ao expandir e generalizar a mercantilização, o neoliberalismo precisa incluir seus valores como dominantes e aceitos. As relações e práticas sociais precisam incorporar os princípios do livre mercado como regulador natural e única possibilidade para a sociedade globalizada. O cotidiano escolar acolhe as tensões e contradições constituídas, administrando aleatoriamente as mudanças velozes e profundas nos conceitos, teorias e práticas educacionais. A desconstrução dos pressupostos e das práticas hegemônicas do neoliberalismo globalizado torna-se um desafio para a educação. Compreender as noções de êxito, fracasso, competência etc, constituídas pela lógica do capital e propagadas como parâmetro de verdades requer espaços de discussões críticas e políticas sobre a vida e o trabalho no contexto educacional da contemporaneidade.

As revistas semanais longe de estabelecerem o contraponto para as solicitações neoliberais na educação tornam-se produtivas para afirmar que a “qualidade”, a “competência” e o “sucesso” permeiam os “talentosos” e ignoram a massa descartada e desprovida de recursos.

O glossário de expressões que parecem ter a pretensão de normalizar o perfil profissional para o mercado de trabalho contemporâneo menciona capacidade de organização, capacidade de liderança, competência interpessoal, criatividade, empreendedorismo, equilíbrio, foco em metas, flexibilidade, gosto por desafios, habilidade de negociação, humildade, motivação, organização, pró-atividade, visão global de negócios, diferencial competitivo, etc. Essas habilidades são recomendadas por especialistas em recursos humanos e constam nos discursos como características profissionais requisitadas como talentos

existentes em todos os sujeitos e que podem ser acionados pela liberdade individual, pela vontade própria e pelos diversos produtos oferecidos nas revistas.

Parece que não há como escapar das exigências que criam expressões, competências e um perfil que requer condutas e valores específicos. Os jornais, revistas, programas de televisão e a mídia em geral, freqüentemente tratam do desemprego e da empregabilidade; as escolas, faculdades e cursos demonstram preocupação com o conhecimento e a capacitação de seus alunos; currículos procuram contemplar tais competências em seus programas; estudantes e professores vivenciam os desafios impostos ao ensino para a formação de perfis adequados às áreas profissionais em constante mutação.

As condutas vão entrando no emaranhado das normas consideradas mais adequadas e promissoras, onde

[...] o virtuoso pode alimentar a ilusão de agir por dever; nunca faz mais do que conformar a sua conduta a uma norma; a saúde pode passar por ausência de doença; ela não faz mais do que testemunhar do funcionamento normal do organismo; e o próprio gosto, o juízo estético que pode passar pelo que há de mais subjetivo, nunca testemunharia de outra coisa, em virtude da regularidade das suas apreciações, que não da repetição de normas incorporadas. A higiene, o urbanismo, a segurança em matéria de poluição ou de energia nuclear, a qualidade dos produtos tanto como a proteção dos consumidores, tudo isso procederia, indefinidamente, de decisões normativas. (EWALD, 2000, p. 80)

As normas instituídas por leis, por regras ensinadas nas escolas, na família, nas instituições e no entrelaçamento das relações e práticas culturais estabelecem o que é válido, o que é transgressão, o que é normal. Seus valores antagônicos – o que não tem validade, o que é permitido e o que é anormal – são constituídos respectivamente. Jogamos o jogo da norma sem refletir sobre suas sutilezas e conformamos nossas condutas acionando comportamentos e valores indefinidamente ligados às decisões normativas, como ressalta Ewald (2000), na citação acima. As contribuições teóricas de Michel Foucault colaboram para a compreensão desses processos.

Veiga-Neto (2003) evidencia que Foucault traça uma genealogia dos anormais quando mostra a construção discursiva e a emergência desse conceito no século XVIII. Sua ascendência ocorreu junto a um conjunto de saberes e ao poder normalizador incluído na época pela “psiquiatrização e a psicologização da infância, a formação da família nuclear, a invenção da delinquência, da expertise, do exame e do inquérito” (VEIGA-NETO, 2003, p. 90). Ao tratar do discurso jurídico e do discurso psiquiátrico, Foucault ressalta que o discurso jurídico possui simultaneamente a propriedade de determinar a liberdade ou a detenção assim

como também têm poder de vida e de morte. São discursos que funcionam como verdades, com estatuto científico. “E os discursos de verdade que fazem rir e que têm o poder institucional de matar são, no fim das contas, numa sociedade como a nossa, discursos que merecem um pouco de atenção”. (FOUCAULT, 2002, p. 8)

No entrelaçamento do discurso jurídico e do discurso psiquiátrico, “o psiquiatra se torna efetivamente um juiz; ele instrui efetivamente o processo, e não no nível da responsabilidade jurídica dos indivíduos, mas no de sua culpa real. E, inversamente, o juiz vai se desdobrar diante do médico” (FOUCAULT, 2002, p. 28). Em alguns casos as medidas corretivas, de readaptação e reinserção social são definidas pelo exame psiquiátrico que ao invés de punir, define por curar. A emergência das técnicas de normalização e os poderes de normalização que são ligados a elas, não são apenas efeito do encontro, da composição, da conexão entre o saber médico e o poder judiciário, mas compõem um tipo de poder que não é nem médico, nem judiciário, mas outro. É um tipo de poder que se apóia tanto na instituição judiciária, quanto na instituição médica, mas que, em si mesmo, tem sua autonomia, suas regras e sua soberania na sociedade.

A contemporaneidade é rica em exemplos de técnicas de normalização e da proliferação de novas áreas de conhecimento com estatuto e reconhecimento social que criam discursos normalizadores, avalizados pelo saber “especializado”. Foucault já mostrava como os discursos de normalização são incorporados por tecnologias positivas de poder que vão criando mecanismos de controle das condutas e das práticas. Seus estudos sobre o surgimento dos peritos psiquiatras, os exames médico-legais, os relatórios psiquiátricos, o surgimento dos tribunais especiais, foram exemplos utilizados para enfatizar o poder de normalização. Ao longo dos séculos a normalização das condutas foi estabelecida por diferentes mecanismos de poder, não por um poder repressivo, mas produtivo, capaz de fabricar, criar e produzir. Trata-se de um poder que inventa, inova, transforma e que funciona através de saberes instituídos.

Ewald (2000) ressalta que em um espaço normativo as normas são plurais e abordam a diversidade das atividades. Existem normas industriais, normas de comportamento, normas de vida, normas jurídicas e políticas que estabelecem redes onde as medidas comuns são jogadas para os sujeitos comuns. “Sem dúvida que a norma tem relação com o poder, mas o que a caracteriza não é o uso da força, uma violência suplementar, uma coerção reforçada, uma intensidade acrescida, mas uma lógica, uma economia, uma maneira de o poder refletir as suas estratégias e definir os seus objetos”. (EWALD, 2000, p. 78)

O conceito de norma debatido por diversos autores, no século XIX já não significava regra. A norma, apesar de designar medida, fará referência à média, tomando lugar no jogo entre o que é normal e o que é anormal ou entre o normal e o patológico. Ao longo de dois séculos diferentes áreas do conhecimento passaram a estabelecer normas incorporadas e disseminadas pelo vocabulário, pelos saberes e pelas práticas sociais.

Nas sociedades, o processo de proliferação das práticas normalizadoras acontece através das disciplinas, seguranças e padronização que estabelecem a norma como uma prática da medida comum. A norma será uma maneira de um grupo se dotar de uma medida comum que serve de auto-referência.

O procedimento normativo pode obedecer a diferentes esquemas: esquema panóptico das disciplinas, esquema probabilista das seguranças, esquema comunicacional da norma técnica. Estes três esquemas têm a mesma forma: em todos os casos, a regra que há-de valer como norma, em função da qual o indivíduo vai poder medir-se, avaliar-se, identificar-se portanto, será extraída daqueles mesmos aos quais ela se dirige. Estranha lógica que encerra inelutavelmente o grupo em si mesmo, e que, a partir do momento em que chegar e estabelecer-se, já não deixará a ninguém a possibilidade de se libertar. (EWALD, 2000, p. 108)

Ao mesmo tempo em que individualiza, a norma remete ao conjunto dos indivíduos e permite a comparação entre eles. Nas comparações a identificação do anormal é associada à diferença estabelecida, caracterizada como excessiva, insuportável, estabelecida entre ele e o dito normal. “Tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque *des-via*, tira do rumo, leva à perdição”. (VEIGA-NETO, 2003, p. 90)

As coisas valorizadas ou estigmatizadas pelas culturas seguem padrões e modelos de normalidade e anormalidade, determinados pela época e pelo espaço a que se referem. Como enuncia Bauman (1998), “nenhum de nós pode construir um mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo ‘pré-fabricado’, em que certas coisas são importantes e outras não são”. (BAUMAN, 1998, p. 17)

A disseminação do que é valorizado ou condenado passa pelas diferentes instituições, pelos discursos vigentes e institui necessidades, condutas e práticas. As formas como nos subjetivamos são abertas e continuadas, nas quais “o que mais conta são os fluxos permanentes que se espalhando por todas as práticas e instâncias sociais, nos ativam, nos fazem participar e nos mantêm sempre sob controle”. (VEIGA-NETO, 2003, p. 140)

A mídia atualmente é um espaço que se apresenta como nicho produtivo para a inserção de discursos capazes de “informar” o que é considerado importante para o mundo do século XXI. Nela os discursos se espalham, são repetidos em linguagens diferentes (cinema,

televisão, revistas, jornais, rádios) e passam a compor os saberes e os comportamentos dos sujeitos. Os textos ao nomearem as habilidades valorizadas pelo mercado de trabalho são lidos por muitos desempregados, por corporações anunciantes, por escolas, professores e alunos. Estes discursos criam expectativas, interesses, investimentos curriculares, pessoais e institucionais baseados nessas “competências comportamentais”. Trabalhadores e empregadores passam a ter como referência tais comportamentos e, para aqueles não “capacitados”, as oportunidades diminuem e a exclusão é justificada pelos especialistas e pelos modelos citados nos textos. A história dos sujeitos e seus investimentos de aprendizagem já não são tão importantes. A prática adquirida anteriormente deve conceder lugar às demandas “requisitadas no mercado” e às “atitudes” que ele define como padrão de normalidade e adequação nas seleções de emprego.

O perfil profissional que “faz a diferença” vai sendo constituído nos discursos que atravessam as instituições, a mídia, atingindo cada sujeito na sua maneira de pensar e ser.

A história do presente, da nossa identidade, formula-a Foucault como análise das relações saber-poder na nossa sociedade. A hipótese geral do seu trabalho seria a de que as relações, as estratégias e as tecnologias de poder que nos constituem, nos atravessam e nos fazem, são acompanhadas, permitem e produzem formações de saber e de verdade que lhes são necessárias para se consolidarem como evidentes, naturais e se tornarem, dessa maneira, invisíveis. Inversamente, a análise do saber, das formações discursivas e dos seus enunciados deve ser feita em função das estratégias de poder que, numa dada sociedade, investem os corpos e as vontades. (EWALD, 2000, p. 11)

A afirmação de Ewald nos dá indícios do que acontece hoje no mundo ocidental, marcado pelas relações neoliberais, onde o mercado econômico impõe suas normas, conformando o mundo às suas necessidades imediatas.

Como professora envolvida com o ensino, com a supervisão de estágios e com a inserção profissional dos alunos egressos do curso onde leciono, sei que a leitura de reportagens e matérias jornalísticas é utilizada muitas vezes como orientação profissional. Para sinalizar que a “normalidade” ou as “capacidades” em voga no mercado de trabalho trazem exigências interessadas em obter atitudes específicas para a manutenção e aceitação dos preceitos neoliberais, disseminados nos diversos discursos circulantes, entre eles o da mídia, utilizei três revistas amplamente expostas nas bancas de revistas.

Estas revistas falam diretamente para os leitores, tratam-os por “você”. Fazem advertências diretas, sugerindo a eles o dever de dar conta das capacidades solicitadas pelo mercado de trabalho.

Com a pretensão de esclarecer a “enxurrada de conceitos” que “fazem a diferença” na carreira de quem quer conquistar espaço profissional, as revistas mostram o que as empresas esperam dos estudantes e candidatos a uma vaga no mercado de trabalho. Capacidade de comunicação, capacidade de liderança, competência interpessoal, criatividade, empreendedorismo, equilíbrio, foco em metas, flexibilidade, gosto por desafios, habilidade de negociação, humildade, motivação, organização, pró-atividade, visão global do negócio, são os conceitos que as revistas tentam tornar compreensíveis. Além de pretender explicar cada um deles e ensinar a “agregar valor” ao currículo profissional, o texto através de uma das consultoras instrui, prescreve, oferece diagnósticos e prognósticos do que é preciso para ser incluído nas seleções cada vez mais rigorosas.

Os conceitos que constam no “glossário” já mencionado parecem ter saído de um outro mundo, sem limitações sociais, econômicas ou culturais. Um mundo povoado por uma população poderosa, eficiente, capaz de subsistir a todos os antagonismos com suas próprias forças. Sujeitos responsáveis por si, pelas corporações e até pelo problema mundial de empregabilidade. Deuses organizados, com poder para controlar todas as emoções, motivados, líderes, responsáveis por soluções criativas e capazes de adivinhar, de antever cenários, agir por vontade própria e por antecipação.

Parece que as empresas dirigem o rumo das habilidades que levam ao sucesso ou ao fracasso profissional. São competências que vão mudando continuamente e em uma velocidade impossível de acompanhar. Vão adquirindo novas denominações, circulam na argumentação de diferentes instâncias sociais e chegam aos sujeitos como normas escritas ou como discursos que definem suas vidas e dos quais é difícil de escapar. Como colonizados, aprendem a linguagem do colonizador e a lógica da dominação vai sendo naturalizada. As identidades que têm que conviver no espaço público e no mundo do trabalho vão se conformando às ordens estabelecidas, são subordinadas aos glossários, às formas de seleção e aos perfis delineados. Talvez sobrevivam humilhadas, desempregadas e apontadas como anormais, pois são incapazes de atingir tantas exigências e sempre estarão longe de mostrar tamanha perfeição. Não ser selecionado para as vagas, não ser um exemplo de prosperidade como os mostrados nas revistas, ser um perdedor no jogo das normas, não atender o que esperam de alguém com talento, torna-se uma grande ameaça.

As avaliações e exigências começam já na sala de parto, quando as crianças são medidas, pesadas, examinadas e certificadas. Continuam na escola e em todos os espaços de convivência, são estendidas para o mundo do trabalho e não raras vezes se transformam nos

medos, depressões, transtornos de humor e de concentração, exigindo controles químicos e medicações que alimentam a indústria farmacêutica que cresce tanto quanto a indústria da mídia. Martín-Barbero (2006) enfatiza o referido estresse afetivo instituído pela sociedade da capacitação, da competência e produtividade:

O novo profissional é um indivíduo disposto à permanente reconversão de si mesmo, e isso num momento em que tudo na sociedade faz do indivíduo um sujeito inseguro, cheio de incerteza, com tendências muito fortes à depressão, ao estresse afetivo e mental. E divorciado do longo prazo que implicava a vida profissional, e da longa duração da solidariedade laboral, não só o valor mas também o sentido do trabalho profissional passa a se vincular a uma criatividade e a uma flexibilidade atadas à lógica mercantil da competitividade que enlaça confusamente saber e rentabilidade. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 59)

A ênfase na vitória, no sucesso, no êxito, nos resultados, privilegia os vencedores e as revistas quando abordam a educação, operam na adesão e manutenção dessa lógica no âmbito da educação escolar. Os textos das revistas enfatizam os melhores alunos, os professores mais competentes, instituições premiadas, as recompensas dos classificados, as melhores escolas etc.

“Cálculos de mestre. Estudante do ensino médio é convidada a fazer curso de pós-graduação em matemática”. A matéria publicada na *IstoÉ*¹¹³ coloca em evidência uma aluna do terceiro do ensino médio matriculada no mestrado de matemática da Universidade Federal do Ceará, o convite foi recebido após a premiação na olimpíada de matemática, organizada pela *International Mathematical Union*, em Glasgow, na Escócia, onde a estudante recebeu medalha de prata. O próximo desafio pretendido pela protagonista da matéria trata-se da *Global Young Leaders Conference*, uma importante olimpíada de matemática nos Estados Unidos.

Um anúncio do Colégio Objetivo publicado na *IstoÉ*¹¹⁴, divulga os primeiros lugares conquistados por seus alunos “vencedores”: Primeiro lugar geral no vestibular da Fuvest, “o maior e mais concorrido vestibular do País”; o primeiro lugar da medicina da UPS; o primeiro lugar entre os Treineiros (alunos aprovados no vestibular antes da conclusão do ensino médio). “Objetivo, as melhores cabeças”, conclui o anúncio. Na mesma revista há uma matéria com o estudante que ficou em primeiro lugar na Fuvest, na Unicamp e no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), “tido como o mais difícil do país” (p. 56). “Garoto de Ouro. Jovem do interior de São Paulo é o primeiro no exame das principais universidades do país”. “Aluno bolsista no Colégio Objetivo, ele já participou de difíceis

¹¹³ *IstoÉ*, 28 maio 2003, p. 47.

¹¹⁴ *IstoÉ*, 11 fev. 2003, p. 37.

competições, como as olimpíadas de matemática, de física e de astronomia, realizadas por entidades nacionais e internacionais. Essa última realizada na Suécia [...]”. O texto apresenta o estudante como um jovem de hábitos normais, que não passa horas estudando, “nem tampouco é um sabe-tudo. Raul Celistrino Teixeira, 17 anos, mora com a família [...], não abre mão de sair com amigos, ir ao cinema, aos bailes e de ficar longas horas batendo papo no computador”.

As olimpíadas, oportunidades de viagens ao exterior, bolsa de estudos no Colégio Objetivo, possuir computador e Internet, não são oportunidades usuais, mas quando anunciadas nas revistas parecem abertas a todos os estudantes. Entretanto, “a arte de estar entre as coisas”, é o único caminho da liberdade atual, lembra Klein (2003). Aqueles que podem consumir estarão assegurados da aceitação pública e talvez tenham melhores chances nas sociedades contemporâneas. Quem não possui cartão de crédito para comprar melhores oportunidades está fadado à segregação, ao descarte social, inserido na cultura do lixo, sem utilidade, privado das oportunidades e ofertas do mercado, que são renovadas incessantemente pelo processo globalizador.

Há os movimentos, guinadas e correntes que parecem aleatórios, acidentais e de todo imprevisíveis daquilo que, à falta de um termo mais preciso, chamamos de “forças da globalização”[...]. Eles embaralham as pessoas e destroem suas identidades sociais. Podem transformar-nos, de um dia para o outro, em refugiados ou “migrantes econômicos”. Podem revogar nossas certidões de identidade ou invalidar as identidades certificadas. E todos os dias nos lembram que podem fazê-lo impunemente – quando jogam em nossa porta aquelas pessoas que já foram rejeitadas [...] privadas de identidade e de auto-estima. (BAUMAN, 2005, p.158)

A revista *Veja*¹¹⁵, diz que os “melhores” estudantes lêem pelo menos seis livros por ano, além dos exigidos em aula, dominam o inglês e usam a Internet para se atualizarem e dedicam atenção às lições de casa. “Enquanto os maus alunos se informam preferencialmente através da televisão, os melhores recorrem a jornais e revistas”.(p. 171).

Os especialistas em recrutamento de pessoal recomendam aos estudantes que se mirem nos bons exemplos. ‘Se você quer seu um leão, aja como um deles. Solte rugidos e cace’, aconselha o consultor de recursos humanos Simon Franco, de São Paulo, especialista na contratação de executivos¹¹⁶.

¹¹⁵ *Veja*, 17 dez. 2003.

¹¹⁶ *Veja*, 17 dez. 2003, p. 171.

A revista *Veja*¹¹⁷ exibe a matéria “Tudo por um diploma”, onde afirma que “especialistas na arte de colocar alunos nas melhores universidades, os cursinhos têm uma só fórmula: competição ao extremo”. A disputa entre os cursos pré-vestibulares inclui a oferta de bolsas integrais, professores individuais e até transporte para alunos que podem garantir aprovação e divulgação para a empresa quando seus alunos conquistam as vagas em universidades muito concorridas. “Estudo dez horas por dia e tive de aprender a conviver em ambientes de muita competição”, afirma o jovem de 16 anos que recebeu proposta de vários cursinhos, mas acabou recrutado pelo Colégio Elite. “As armas dos cursinhos” vão desde propostas de transferência com bolsa de estudos para os melhores alunos de cursos concorrentes; criação de turmas de elite onde a competição é estimulada; descontos nas mensalidades, bolsas integrais de acordo com os resultados dos estudantes nos simulados; salas de aulas especiais, planejadas para garantir a concentração, com isolamento acústico e janelas vedadas; palestras com especialistas de auto-ajuda para os alunos e seus pais às vésperas das provas de vestibular; carga horária extensa, onde os alunos passam oito horas em sala e ainda têm aulas aos sábados e domingos.

¹¹⁷ *Veja*, 28 jan. 2004, p. 66-67.



Figura 36: Tudo por um diploma (*Veja*, 09 jul. 2003, p.53)

O olhar sisudo do estudante de 16 anos que dedica 10 horas de estudos diários e que desde os cinco anos é uma espécie de “gênio precoce”, parece traduzir o regime de disputa acirrada e de competição, estimulada pelos professores. “Olhe para a cadeira ao lado. Aí pode estar seu rival”, costuma dizer o professor e proprietário de uma escola citada na revista às vésperas do vestibular.

“Equações, futebol e forró”¹¹⁸. A matéria aponta um aluno sergipano de 19 anos como o mais jovem doutor em matemática do país. Considerado um prodígio o rapaz tem “traços de personalidade que batem com o estereótipo dos prodígios acadêmicos: é tímido e bastante introspectivo. Mas não dispensa o futebol com os amigos. E arrasa no forró”, diz o texto comunicando que o rapaz pretende seguir para um pós-doutorado em Paris.

¹¹⁸*Veja*, 28 abr. 2004, p. 78.

As habilidades exigidas aos “vencedores” incrementam um mercado em franco desenvolvimento. As franquias como Kumon, Wizard, CCAA, Fisk, oferecem cursos de idiomas e integram as grandes redes que expandem suas marcas no Brasil e no exterior¹¹⁹. Na “batalha pela qualidade”, “as lições do estudo mundial sobre educação põe o Brasil na lanterna”. Quando a educação brasileira é comparada com a de outros países, somos classificados entre o grupo que apresenta pior desempenho (fig.37). A pressão para dar conta das demandas implementadas pelas sociedades contemporâneas em franco processo globalizador atinge a nação, suas escolas, famílias, estudantes, professores. Todos somos expostos aos discursos que propõem habilidades, qualificações e práticas oferecidas explicitamente pelos anúncios publicados e recomendadas pelos protagonistas das reportagens, por especialistas, educadores e “autoridades” consultadas pelas revistas. Os textos estabelecem os parâmetros, tendências, modas que uma vez veiculadas, passam a fazer parte do imaginário e dos discursos públicos.

Em torno das necessidades criadas surgem indústrias oferecendo produtos diversificados, renovados e sempre em vias de extinção e substituição por outros mais atualizados e aprimorados. “A batalha pela qualidade” parece disseminada por todas as instâncias da vida social e individual e a educação é inserida neste espaço de luta constituído pela lógica do consumo.

¹¹⁹ *Veja*, 26 nov. 2003, p. 70.



Figura 37: A batalha pela qualidade (Veja, 09 jul.2003, p.53)

Para ajudar nos estudos do filho de cinco anos, matriculado na Escola Suíço-Brasileira do Rio de Janeiro, que ensina alemão junto com o português, sua mãe “Paula acabou correndo atrás de um curso de alemão para si própria”.

De olho no mercado de trabalho futuro para os filhos (fig.38), os pais multiplicam as escolas bilíngües, hoje espalhadas e procuradas em todo Brasil. “Segundo pesquisa da Organização das Escolas Bilíngües de São Paulo, existem 25 dessas instituições de ensino só na capital paulista. São cerca de 2.800 alunos aprendendo o português aliado a outro idioma, com a mesma força”. (p. 103). Para ilustrar a matéria, além de vários exemplos de pais que procuram escolas para aprender outro idioma, uma fotografia da pop star Madonna com o marido e os filhos é utilizada para mostrar que a cantora também está aprendendo francês com os filhos. A figura da celebridade reforça a busca das famílias pelo mercado de escolas de idiomas. Uma outra entrevistada diz que pretende que o filho de quatro anos seja alfabetizado em alemão para, “daqui a 15 anos, abocanhar uma vaga numa multinacional no Brasil”.

EDUCAÇÃO

ORIGENS
Alexsandra com Bruno e Natália e cultura italiana invade o lar e a mãe estuda agora a língua dos antepassados





Verstehen Sie, Mamma?*
Pais e mães de alunos de escolas bilingües recorrem a cursos de idiomas para conseguir ajudar as crianças a estudar e fazer os deveres de casa

RAFAEL PEREIRA

En, zwei, drei...", dizpana Bruno, de 3 anos, para a mãe, ao chegar da escola. É como se conta "um, dois, três" em alemão. A professora de arte Paula Gabriel acompanha as contagens do filho até o dez. Daí para a frente, se atrapalha. Para ajudar nos estudos do menino, matriculado na Escola Suíço-Brasileira do Rio de Janeiro, que ensina o alemão junto com o português, Paula acabou comendo até de um curso de alemão para si própria. "Como eu poderia ajudá-lo, acompanhar suas atividades, como sempre fiz, se não falava nada de alemão?", questiona. "Agora estou mais tranquila", diz a mãe. Muitas pais que optam por colocar os filhos em escolas que oferecem uma segunda língua passam pelas mesmas dificuldades. Preocupados com um mercado de trabalho competitivo, em que um idioma a mais pode ser decisivo para preencher uma vaga, eles não se dão conta de que participar ativamente do aprendizado dos filhos será uma tarefa mais difícil.

A pop star Madonna está passando pela mesma situação dentro de casa, segundo publicou a imprensa americana no início deste mês. Seus filhos, Rocco e Lourdes Maria, de 4 e 7 anos, estudantes do Lycée Français na Inglaterra, só conversam no idioma que aprendem na escola. Mas sem Madonna nem o pai das crianças, Guy Ritchie, falam

Francês. Segundo familiares, Rocco e Lourdes já se empenham em ensinar o bebê-lá da língua aos pais lusos, que, pacientemente, tentam se comunicar no novo idioma.

Mãe há quem prefira não espemar, como Paula Gabriel, que entrou no curso de alemão dias depois do início das aulas de Bruno. Costou com o incentivo da Escola Suíço-Brasileira, que neste ano estabeleceu convênio com o curso para oferecer 10% de desconto na mensalidade. "Tento fazer papel de cartona. As vezes, pronuncio errado uma palavra para fazer meu filho a me corrigir. Mas muitas vezes desconheço expressões, e ele precisa me ensinar", conta a professora.

No passado, as escolas bilingües eram procuradas, na grande maioria, por filhos de estrangeiros que passavam pelo Brasil a trabalho ou vinham morar no país e não queriam que seus filhos perdessem o contato com a língua de origem. Segundo a diretora do Colégio Espírito Montale, Lucinha Guimarães, há duas décadas 90% dos alunos da escola eram italianos ou filhos de italianos. "Hoje a situação se inverteu: nossa última contagem mostrou que 85% das crianças em salas de aula são brasileiras sem parentes próximos com italianos", diz a diretora.

De olho no mercado de trabalho futuro para os rebentos, os pais acabam multiplicando esse tipo de escola.

De benefícios de poder acompanhar o filho no estudo de uma língua estrangeira ultrapassam o mediotempo recriar propriamente dito da criança. A prática diária ajuda a estreitar a relação entre mãe e filho. "Mesmo que os alunos possam resolver assuntos ou exercícios de casa, o acompanhamento dos pais incentiva o aprendizado, além de reforçar os laços da família", opina a diretora da Escola Suíço-Brasileira, Ana Maria Gomes Costa. "Ainda pequena, a criança reconhece o esforço paterno."

Em boa parte das escolas bilingües, a força do segundo idioma é maior quando as crianças têm até 5 anos. A ideia é que falem português em casa e a outra língua com mais ênfase na escola. Depois, acontece um equilíbrio. Só que é justo quando as crianças são pe-

Segundo pesquisa da Organização das Escolas Bilingües de São Paulo, existem 23 dessas instituições de ensino só no capital paulista. São cerca de 2.000 alunos aprendendo o português aliado a outro idioma, com a mesma força. A supervisora de vendas Selma Bastos, mãe de Erick, de 4 anos, também aluno da Suíço-Brasileira, quer que o filho seja alfabetizado em alemão para, daqui a 15 anos, abocanhar uma vaga numa multinacional no Brasil. "São empresas de ponta, principalmente no ramo automobilístico e laboratorial", sinaliza. Sabrina ingressou no curso de alemão quando o filho começou no colégio. "Depois de minha segunda aula, já comecei a conversar com Erick em alemão", afirma.

Os benefícios de poder acompanhar o filho no estudo de uma língua estrangeira ultrapassam o mediotempo recriar propriamente dito da criança. A prática diária ajuda a estreitar a relação entre mãe e filho. "Mesmo que os alunos possam resolver assuntos ou exercícios de casa, o acompanhamento dos pais incentiva o aprendizado, além de reforçar os laços da família", opina a diretora da Escola Suíço-Brasileira, Ana Maria Gomes Costa. "Ainda pequena, a criança reconhece o esforço paterno."

Em boa parte das escolas bilingües, a força do segundo idioma é maior quando as crianças têm até 5 anos. A ideia é que falem português em casa e a outra língua com mais ênfase na escola. Depois, acontece um equilíbrio. Só que é justo quando as crianças são pe-

FUTURO Sabrina aprende alemão para acompanhar o filho, Erick, e espera que ele conquise emprego numa multinacional

CRÔME Gabriela entrou no curso de inglês porque Vinícius conversava no novo idioma apenas com o pai

quenas que elas mais precisam da ajuda dos pais para os deveres - tornando mais urgente que eles aprendam a outra língua para estar disponíveis.

No lar da dona de casa Alexsandra Eugênio Montale, em São Paulo, Fábio seja neto de italianos, Alexsandra nunca falou bem a língua dos antepassados e, diante das novidades das filhas, aproveitou para recalar o idioma. "Nada faz tanta sensação um livro para casa. Agora posso acompanhá-la", diz. A última foi a história de Capuzinho Branco - o Cheapezinho Vermelho.

Não só os idiomas pouco usados complementam a vida dos pais. A orientadora educacional Gabriela Argollo pais o filho Vinícius, de 2 anos, numa escola bilingüe, Escólia e Playpen, em São Paulo, que ensina inglês, língua dita universitária. Demora um tempo para perceber que precisava, ela mesma, comer atrás do tempo perdido. Havia ainda um agravante: seu marido, o engenheiro Carlos Eduardo Foglietti Costa, fala inglês fluentemente e podia conversar com Vinícius. "Eu morria de ciúme", confessa Gabriela. O filho, com o primo francês das crianças, foi quem a fez ir concretamente à luta. "Eu trocava músicas, mas eu não cantava direito. Vivia tomando lessons do Vinícius", diz. Já num curso de inglês, Gabriela supervisiona os deveres do filho. E, é claro, sempre cantam juntos.

MADONNA A pop star e o marido, Guy Ritchie, estão aprendendo francês com os filhos, Rocco e Lourdes Maria

BENEFÍCIOS DO APRENDIZADO

<p>Vantagens para os filhos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estende o ambiente bilingüe • localiza de escola para dentro de casa e reforça o aprendizado da segunda língua • A orientação dos adultos ao estudo serve de bom exemplo para os filhos 	<p>Retorno para os pais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acompanham mais de perto o aprendizado das crianças, o que acaba por estreitar a relação entre pais e filhos • Têm o estímulo de aprender uma segunda língua, sempre um bom diferencial no mercado de trabalho
--	--

102 *ÉPOCA* 25 DE ABRIL 2005 103

Figura 38: Verstehen Sie, Mamma? Entendeu, mamãe? (*Época*, 25 abr. 2005, p.102-103)

A revista *Época*¹²⁰ anuncia doze empresas especializadas em oferecer “experiência externa” para universitários brasileiros de trabalho temporário nos EUA, um mercado que segundo a revista, cresce 50% a cada edição (fig 39). São oferecidas vagas de recepcionista; vagas para carregar turistas em triciclos; para limpeza de quartos, trabalho na cozinha e no restaurante de hotéis; cuidar de crianças; trabalhar como caixa, operador de teleférico e no atendimento de hóspedes em estações de esqui; garçon, camareiro, instrutor de esqui e de snowboard; manobrista, mensageiro, etc. Os estudantes pagam as passagens aéreas, o serviço da agência que auxilia na obtenção do visto, alimentação e estadia. No período de férias os estudantes que possuem poder aquisitivo e nível intermediário de inglês podem subsidiar a experiência, comprando o serviço das agências.

¹²⁰ *Época*, jun. 2005, p. 67.

SOLUÇÕES

Experiência externa

Como universitários brasileiros podem conseguir trabalho temporário de inverno nos EUA

A chegada do inverno ao Hemisfério Norte é um prato cheio para jovens interessados em aperfeiçoar o inglês e fazer um pé-de-meia. Na alta temporada de lá, parques e resorts oferecem empregos durante o período de férias para universitários com nível intermediário de inglês. "Para os empregadores é a oportunidade de ter funcionários que falem a língua de seus hóspedes, que vêm do mundo inteiro", explica José Carlos Santos Júnior, diretor da Student Travel Bureau, uma das agências que levam estudantes para o exterior. Já os jovens são seduzidos pela possibilidade de aperfeiçoar o inglês e ganhar experiência profissional internacional, muitas vezes esquiando de graça, no período de dezembro a março. A procura por esse tipo de programa na

Intercultural, que o realiza desde 2000, aumenta 50% a cada edição. Neste ano, a agência espera ajudar 3 mil estudantes a arrumar as malas.

Porém, antes de sonhar com as verdinhas, os jovens devem pagar cerca de US\$ 2 mil pelas passagens aéreas e pelos serviços das agências, que intermediam a contratação e auxiliam na obtenção do visto que permite o trabalho temporário. Além disso, o estudante terá de bancar sua estadia e alimentação. As entrevistas com os empregadores podem ser feitas entre julho e setembro no Brasil, durante feiras promovidas pelas agências em várias cidades (contra os sites no quadro abaixo). Recomenda-se fazer pré-inscrição para agendar o atendimento. ■

CLASSIFICADOS Alguns nomes de quem oferece trabalho temporário nos Estados Unidos e quanto paga por hora

Central de Intercâmbio www.ci.com.br	Intercultural Cursos no Exterior www.intercultural.com.br	Student Travel Bureau www.stb.com.br
<p>Universal Studios Local – Orlando (Flórida) e Los Angeles (Califórnia) Serviço – Trabalho de recepcionista nas bilheterias da Universal Studios, vendendo ingressos e solucionando dúvidas dos visitantes do parque temático (US\$ 6,75)</p>	<p>Northstar at Tahoe Local – Truckee (Califórnia) Serviço – Trabalhar com crianças, como instrutor de snowboard (US\$ 7) e como atendente na loja (US\$ 6,75) são algumas das opções de emprego na estação de esqui</p>	<p>Snowmass Ski Resort Local – Aspen (Colorado) Serviço – O resort oferece vagas para mensageiro (US\$ 6), instrutor de esqui e snowboard (US\$ 8), garçom (US\$ 5,15) e camareiro (US\$ 7)</p>
<p>BallPark Pedicabs Local – San Diego (Califórnia) Serviço – Levam turistas na garupa de um triciclo pela cidade. Exigem-se carteira de motorista do país de origem e a local, tirada após a chegada a San Diego. É recomendável ter bom preparo físico (de US\$ 8 a US\$ 20)</p>	<p>Sierra at Tahoe Local – Twin Bridges (Califórnia) Serviço – Trabalhar como caixa, operador de teleférico e no atendimento aos hóspedes da estação de esqui (US\$ 7,10)</p>	<p>Heavenly Ski Resort Local – Lake Tahoe (Califórnia) Serviço – A estação de esqui oferece trabalho como cozinheiro (US\$ 7), atendente e auxiliar de cozinha (de US\$ 6,25 a US\$ 8,25) e operador de teleférico (de US\$ 7,25 a US\$ 8)</p>
<p>Grand Canyon National Park Resort Local – Grand Canyon (Arizona) Serviço – As vagas do hotel são para a limpeza de quartos e trabalho na cozinha e no restaurante (US\$ 6,25)</p>	<p>Ocean Reef Club Local – Key Largo (Flórida) Serviço – O resort náutico oferece vagas no restaurante (US\$ 7), na cozinha (US\$ 9) e na arrumação dos quartos (US\$ 7,50)</p>	<p>Big Sky Ski Resort Local – Big Sky (Montana) Serviço – Há vagas para instrutor de esqui e snowboard (US\$ 8) e operador de teleférico (de US\$ 7,25 a US\$ 8)</p>
<p>Barrier Island Time Share Resort Local – Kitty Hawk (Carolina do Norte) Serviço – O candidato desempenhará atividades na cozinha e de limpeza (US\$ 7,50)</p>	<p>Snow Valley Mountain Resort Local – Running Springs (Califórnia) Serviço – Instrutor de esqui, operador de teleférico e recreacionista (US\$ 6,75) são algumas das possibilidades de trabalho</p>	<p>Beaver Creek Park Hyatt Local – Avon (Colorado) Serviço – Na estação de esqui há oportunidades para manobrista (de US\$ 7,25 a US\$ 8), recepcionista (US\$ 7) e mensageiro (US\$ 6)</p>

Foto: Instituto de Pesquisas EIC Brasil

ÉPOCA 27 DE JUNHO, 2005

Figura 39: Experiência externa (Época, 27 jun. 2005, p.67)

Anúncios de universidades e escolas particulares são comuns nas revistas: Universidade Paranaense¹²¹; Sistema Anglo de Ensino¹²²; Centro Universitário FIEO¹²³; Cursos de Férias – Faculdade Trevisan¹²⁴; UNIP – Universidade Paulista¹²⁵; Vestibular Faculdades Senac¹²⁶; Centro Universitário Senac¹²⁷; Faculdade CCAA¹²⁸; Colégios Marista¹²⁹; Positivo¹³⁰; Unisa – Universidade de Santo Amaro¹³¹ etc.

¹²¹ Veja, 10 nov. 2004.

¹²² Veja, 22 out. 2004.

¹²³ IstoÉ, 01 jan. 2003.

¹²⁴ IstoÉ, 29 jan. 2003.

¹²⁵ IstoÉ, 21 maio 2003.

¹²⁶ Veja, 15 jun. 2005.

¹²⁷ Veja, 08 jun. 2005.

¹²⁸ Veja, 26 out. 2005.

¹²⁹ Veja, 08 jun. 2005.

¹³⁰ Época, 20 out. 2003; IstoÉ, nov. 2004.

Os anúncios de empresas como o CCAA¹³² (fig.40) e do Grupo Positivo¹³³ (fig.41) assinalam a constituição de conglomerados econômicos a partir da privatização crescente da educação. Invocando urgências e necessidades contemporâneas para a educação as indústrias produtoras de bens, serviços e insumos crescem vertiginosamente.



Figura 40: Made in CCAA (Veja, 4 fev. 2004, p.50-55)

¹³¹ IstoÉ, 26 maio, 2004.

¹³² Centro Editorial CCAA que cria textos e produz CD-ROMS, DVDs para as franquias dos cursos de idiomas distribuídas em todo o Brasil.

¹³³ Corporação do segmento de Educação no Brasil, fundado em 1972 a partir da criação de uma escola de Ensino Médio, possui empresas que lideram os três segmentos em que atuam: educacional, gráfico-editorial e informática. Possui mais de 4 mil funcionários e oferece produtos e serviços voltados à educação. (<http://www.positivo.com.br>. Acesso: 01 Out. 2006)



Figura 41: Positivo: educação para a vida (*Época*, 24 out. 2005, p.15)

Os anúncios presentes nas revistas abrangem também outros produtos como por exemplo: Dicionários de língua portuguesa, inglês e espanhol¹³⁴; Sorteio de 100 bolsas de estudo para a Universidade Estácio de Sá para leitores do Jornal do Brasil; Conta universitária no Banco Real¹³⁵ “Estudar fora é uma maneira de turbinar o currículo. Além da formação e do título, o estudante ainda ganha vivência internacional, cada vez mais valorizada nas empresas”, diz a matéria da revista *Veja*¹³⁶. Instituições italianas, japonesas e americanas que oferecem cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado. Na parte superior o texto anuncia, “as carreiras de futuro”, consideradas promissoras, como a graduação em administração predial, *desing*, planejamento de games etc.

Na leitura das revistas, as tendências para a educação estão atentas ao mercado, “assim como os cursos se adaptam ao mercado, o jovem também deve levar em conta essa

¹³⁴ *Veja*, 28 jan. 2004.

¹³⁵ *IstoÉ*, 06 ago. 2003.

¹³⁶ *Veja*, 21 set. 2005, p. 128.

realidade, e não apenas a vocação”, opina a presidente da associação Brasileira de Orientadores Vocacionais.

O anúncio da Faculdade Trevisan¹³⁷ estampa a fotografia do rosto de um jovem de cabelos raspados, rosto pintado, sugerindo tratar-se de um aluno que ingressava na faculdade. Na testa, em letras azuis expressivas está escrito “Citibank”, abaixo o anúncio explica: “entrar aqui é praticamente entrar no mercado”.

As revistas sugerem que ocupar vagas em empresas multinacionais é o sonho dos estudantes, de suas famílias e mostram que os pais estão preocupados com a qualificação os filhos desde o seu nascimento. A reportagem de capa da revista *Época*¹³⁸ ensina às famílias “como fazer para seu filho chegar lá”. As prescrições oferecidas por especialistas, psicóloga, psicopedagoga, atores, atrizes, políticos, incluem desde os fatores que influenciaram na escolha da escola dos próprios filhos, até a sugestão de que a preparação deva começar já nos primeiros anos de vida. “Como escolher a escola; boas atitudes; a preparação começa na primeira infância; brincadeiras que ajudam no desenvolvimento; quando começar a aprender outro idioma; atenção para não impor uma super-rotina; livros alimentam a inteligência; mesada cultiva responsabilidade; a importância de transmitir valores; vestibular sem dramas; faculdade, a hora de virar adulto; como construir um bom currículo; porque estágio é fundamental”, são alguns dos temas abordados pela reportagem de dez páginas.

“Educar é gastar” diz a afirmação que encerra a reportagem, ilustrado por um quadro que mostra “quanto custa um filho”¹³⁹. As dez páginas exibem uma sucessão de fotografias expressivas que traduzem o espírito do neoliberalismo globalizado: crianças vestidas de adultos utilizando um computador portátil; salas de aula de escolas bilíngües; jovens oriundos das famílias capacitadas aos investimentos capazes de fazer “chegar lá”. Logo após, na página seguinte uma outra matéria faz a contradição do capitalismo globalizado emergir desde o título: “Fábrica de analfabetos”. A fotografia da sala de aula de uma escola pública tem como legenda a afirmação: “Futuro ameaçado - ao fracassar no primeiro ano escolar, muitos alunos não voltam à sala de aula, enquanto outros seguem acumulando deficiências”. “Escola reprovada - o ensino público fracassa na alfabetização” menciona um quadro ilustrativo com os percentuais de uma pesquisa da Fundação Carlos Chagas, realizada a pedido do Instituto Ayrton Senna, com 13 mil crianças em 47 municípios

¹³⁷ *Istoé*, 24 nov. 2004.

¹³⁸ *Época*, 30 jun. 2003, p. 92-93.

¹³⁹ *Época*, 30 jun. 2003, p. 102.

brasileiros. As contradições, “[...] os modelos de pureza, os padrões a serem conservados mudam de uma época para a outra, de uma cultura para a outra – mas cada época e cada cultura tem um certo modelo de pureza e um certo padrão ideal a serem mantidos intactos e incólumes às disparidades”. (BAUMANN, 1998, p. 16)

As figuras 42, 43, 44 ilustram, mais uma vez, a inclusão da educação na política neoliberal implementada pela globalização econômica, que incrementa o desafio constante das disputas, dos resultados. A competitividade em constante reinvenção, o desenvolvimento tecnológico e a necessidade de livre trânsito de capitais, produtos, serviços e tecnologias, permeia o universo da educação dizendo como deve ser a conformação das escolas, qual é o papel dos professores, como deve ser o comportamento dos candidatos ao mercado de trabalho etc. Os textos das revistas apontam a educação como investimento rentável para empresários e produtiva para as políticas neoliberais quando cursos preparam para o “gerenciamento do capital humano”, por exemplo.



Figura 42: A temporada dos *trainees* (Veja, 14 set. 2005, p.118-120)

DE OLHO NAS ESCOLAS

Fundos de investimento buscam oportunidades no setor de educação, responsável por 13,5% do PIB do país

MARULLO AGUIAR
Olhos dos grandes investidores financeiros detectou um novo alvo: a educação. Escólas e universidades foram alvo de investimentos públicos e sem fins lucrativos há seis anos atrás, mas a legislação mudou em 1997 e o mercado diminuiu a ser dar conta. Agora, começa a corrida. Fundos do tipo private equity, que compram empresas e investem nelas para revendê-las depois com lucro, estão em busca de oportunidades para entrar em universidades, editoras, cursos de línguas, empresas de treinamento e o que mais houver no segmento. O negócio é bilionário. O setor movimentou 13,5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Segundo, ele é maior do que os setores somados de óleo e gás, energia e telecomunicações.

Um único fundo, do Banco Páris, investiu R\$ 200 milhões para investir em empresas da área e também da de saúde. Outro, da empresa americana Adventi, tem US\$ 265 milhões para aplicar na América Latina e no Brasil, entra o negócio de educação há dois anos. Há investidores até maiores, como o JP Morgan Partners, principal fundo de private equity do mundo, que tem US\$ 570 milhões para desembolsar na América Latina em três anos e também analisa o setor. Os primeiros negócios são apenas uma questão de tempo.

Pioneiros já começaram a testar o mercado e foram bem-sucedidos. Os primeiros típicos investidores financeiros no setor foram Claudio Hedlund e Paulo Guedes, dois banqueiros que deixaram o mercado para comprar o Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec). Depois da chegada deles e de seu capital, o instituto passou de 3 mil a 5.300 alunos em quatro anos. O curso deu dinheiro e ganhou

prestígio. No ano passado, ganhou R\$ 2 milhões. No Provis, que mede o desempenho dos cursos superiores, seus alunos obtiveram o conceito A e o desempenho da Fundação Getúlio Vargas e de duas universidades federais.

O exemplo do Ibmec é o que todo investidor gostaria de repetir, mas o caminho habitual é mais acidentado. O ex-ministro da Educação Paulo Renato Souza, hoje consultor, explica que investidores desavisados podem esbarrar com dívidas inesperadas ao aplicar no ensino superior. As universidades privadas entraram com muita gente, mas, mesmo depois da legislação de 1997, a maior parte delas continua se autodefinindo como entidade sem fins lucrativos. "É uma hipocrisia", diz.

A Recolta Federal e o PPSF estão longe de outros desses casos. Muitos podem gerar muitas e surpresas pesadas", alerta o ex-ministro.

As exceções, porém, existem, e o mercado está de olho nelas. A Unip,

de São Paulo, e a Estácio de Sá, do Rio de Janeiro, são as queridinhas dos investidores. "Elas já têm parte para abrir o capital na bolsa", diz Patrícia Elias, sócia responsável por investimentos no Brasil no Adventi, um fundo global que aplica mais de US\$ 6 bilhões na desenvolvimento de empresas em todo o mundo. Unip e Estácio entendem o jogo que interessa a quem tem dinheiro. Espalham campos em regiões onde havia carência de vagas, mantêm instalações modernas e conseguem disseminar suas marcas das de outras universidades que se limitam a oferecer cursos baratos a estudantes pouco preparados, de classe C e D. Há cursos, como os de odontologia e psicologia da Unip, em que conseguiram formar-se referência.

Bons resultados no ensino ganharam uma importância para o investidor que ninguém poderia imaginar cinco anos atrás, quando os cursos privados eram inaugurados um atrás do outro. Parte do motivo se deve ao Provis, que deu uma medida objetiva para os estudantes compararem a qualidade do ensino que as universi-

dades oferecem. As piadas estão perdendo mercado. Cursos que tiveram avaliação D ou E sofreram uma queda na relação candidato-vaga de 40% desde que o teste foi criado, há sete anos. No mesmo período, a relação cresceu 5% nos cursos com nota A ou B. "O que atrai alunos é a empregabilidade que o curso dará a eles", explica Oliver Mizne, um

tático e já tem planos para chegar a 50 unidades em todo o Brasil. Outro caminho, preferido dos mais cautelosos, é olhar o setor de forma mais abrangente e deixar o ensino superior em segundo plano. "Ainda não me sinto confortável para investir em universidades, mas o setor é muito amplo", diz Alexandre Saigh, diretor do Banco Páris. Sua mira está voltada para outros lados. Cursos de línguas, escolas de treinamento profissional, editores de livros didáticos e empresas de software educacional, por exemplo, são setores que ele cita como mais propícios para receber ações capitalistas. A editora Ática Scipione, grande em livros didáticos, está com 90% de

Universidades, escolas, editoras e cursos de línguas estão na mira dos investidores

executivo que deixou um banco de investimentos para abrir uma empresa financeira especializada em educação, a Ideal Invest. "Por isso o investimento não vai prosseguir o ensino. Vai profissionalizar", teoriza. A noção de boas empresas a vender faz com que alguns investidores preferam consórcios alternativos. O maior grupo de educação do mundo, o americano Apollo, entrou no Brasil comprando uma pequena escola em Minas Gerais, e Pitagoras, investiu na empresa, abriu cursos universi-

seu capital à venda e despertou a cobiça de todos os interessados no setor. Há escolas que nasceram depois da legislação de 1997 já preparadas para esse cenário. É o caso do IBEA, que certifica profissionais para trabalhar com tecnologias específicas. A Universidade Anhembis Morumbi especializou-se em cursos profissionais e tornou-se referência para alguns deles em São Paulo, como os de gastronomia, moda e design. É o tipo de empresa que está no cardápio dos investidores financeiros.



BONS ALVOS A editora Ática Scipione coloca 50% do capital à venda e desperta o interesse dos investidores, de olho em negócios rentáveis como as universidades Unip, em São Paulo, e Estácio de Sá, no Rio

Figura 43: De olho nas escolas (Época, 8 de set. 2003, p.42-43)

Gestão do Capital Humano

Instituto Trevisan

O Instituto Trevisan atende a uma importante expectativa dos presidentes e diretores de RH: que os líderes de todas as áreas da empresa atuem como gestores dos seus recursos humanos.

O curso Gestão do Capital Humano oferece um programa de capacitação **abrangente e profundo** para a aplicação imediata dos conhecimentos adquiridos. Com sólida **base conceitual e forte conteúdo prático**, o curso dá ênfase a estudos de casos, palestras e dinâmicas experienciais, culminando com a realização de um trabalho de conclusão sobre temas de relevância para o aluno e para a própria empresa.

PROGRAMA
 Gestão e desenvolvimento do fator humano • Planejamento estratégico do Capital Humano • Liderança • O lado humano da qualidade • Indicadores de desempenho em gestão de pessoas • Estratégias de compensação • Clima organizacional • Cultura organizacional • Direito trabalhista • Terceirização de mão-de-obra • Terceirização das funções administrativas de RH • Avaliação de desempenho • Tecnologia de informação em RH • Educação, treinamento e desenvolvimento • Coaching, mentoring & sponsoring • Recrutamento e seleção • Programas de qualidade de vida • Comunicação Empresarial • Palestras sobre assuntos específicos de RH

Duração: de 31 de março a 28 de julho de 2003.
 Aulas às segundas e quartas-feiras, das 19h30 às 22h30.

Carga horária: 90 horas

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
 Gerência de Alunos: (11) 3138 5200

www.trevisan.com.br
cursos@trevisan.com.br

Figura 44: Gestão do capital humano (IstoÉ, 19 mar. 2003, p.87)

As grandes corporações estão na mídia, investem grandes verbas em publicidade, criam e inovam constantemente nas formas de divulgar seus produtos e as revistas semanais têm sido espaços privilegiados de visibilidade. Elas oferecem aos anunciantes públicos seletivos, cujo perfil é reconhecido e mapeado constantemente, como mostra Klein (2003):

[...] elas também pedem às revistas que se tornem suas verdadeiras agências de publicidade, ajudando-as a criar peças publicitárias em suas páginas. Mais e mais revistas estão transformando seus escritórios em empresas de pesquisa de mercado e seus leitores em grupos de foco em um esforço de obter o acalentado “valor agregado” que podem oferecer a seus clientes: informação demográfica altamente detalhada sobre seus leitores, reunida através de extensos levantamentos e questionários. Em muitos casos, as revistas usam a informação do leitor para planejar peças publicitárias estreitamente orientadas para seus clientes. (KLEIN, 2003, p.65)

A ação integrada e integradora das racionalidades e práticas neoliberais vai sendo tecida capilarmente nas revistas. São introduzidas com sutileza e requintes, sem intencionalidade aparente ou declarada. Os leitores podem aderir aos apelos em oferta na complexa teia composta pelos textos ou renegá-los, mas os discursos continuam lá, são firmados e reafirmados semanalmente em estratégias discursivas renovadas, reinventadas, operando continuamente na constituição do senso comum. Em tempos de globalização econômica os textos das revistas fazem parecer que não restam alternativas fora das racionalidades e práticas neoliberais.

O espetáculo da solidariedade

Bauman (2003) diz que “[...] as palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade” [...]. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa. (BAUMAN, 2003, p. 07)

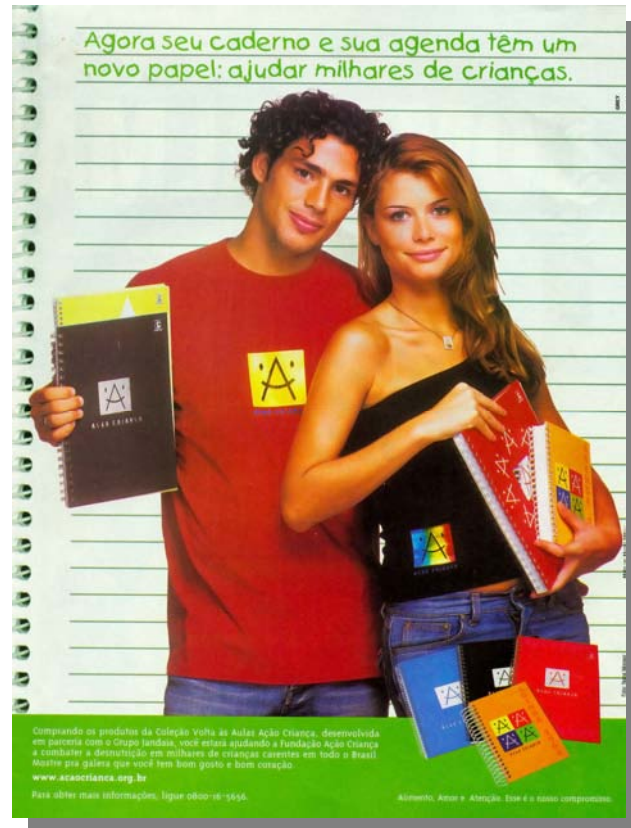


Figura 45: O espetáculo da solidariedade (Época, 29 dez. 2003, p.31)

ISTOÉ Cidadania

ÉTICA DÁ LUCRO

AGENDA POSITIVA

Política
Globais em campanha

Educação
Vagas reservadas

Política
Inovando no social

Instituição
Comboio cidadão

Instituição
Made in Brazil

Set uma empresa socialmente responsável dá lucro e dividendos, inicialmente, é, a partir desse mês, o empresário que quiser verificar essa relação de custo e benefício poderá utilizar a Matriz Brasileira de Evidências de Sustentabilidade, documento disponível no site do Instituto Ethos de Responsabilidade Social (www.ethos.org.br) que permite relacionar fatores de sucesso de um negócio com ações sustentáveis e a afetar os lucros trazidos por elas. "O cruzamento de informações já foi usado para 17 empresas e os resultados são ótimos", afirma Odel Graev, presidente do Instituto Ethos. Entre elas estão a Volkswagen, a Petrobras e a Companhia Siderúrgica

Nacional. Na CSN, por exemplo, o seu projeto de gestão ambiental registrou no ano passado, entre outros benefícios, uma receita bruta de R\$ 130 milhões com a comercialização de resíduos e sobras do processo produtivo.

Esse processo de avaliação foi desenvolvido a partir de um estudo realizado em 2003 - chamado em português de Criando Valor - pela consultoria internacional de estratégia empresarial SustainAbility, pelo International Finan-

ce Corporation, braço do Banco Mundial, e pelo Ethos. O objetivo era analisar em larga escala as oportunidades de desenvolvimento sustentável para empresas de mercados emergentes. Antes de responder às questões do documento, é preciso um esclarecimento. Para a maior parte da sociedade, quando se fala em responsabilidade social, pensa-se em projetos de educação em proteção de crianças e minorias. O conceito, no entanto, é mais amplo e engloba a gestão

ética de toda a rede de relacionamento da empresa. Graças ao enlace que a responsabilidade social na iniciativa privada se baseia em dois pilares. "Um é o ético, a simples satisfação de fazer a coisa certa e maximizar o efeito positivo de suas atitudes em seu círculo de relações. O outro é o próprio interesse empresarial. Uma empresa assim atua e

Projetos sociais, cuidados com o meio ambiente e respeito aos direitos trabalhistas são alguns dos fatores que aumentam o índice de sustentabilidade empresarial. A partir de 2006, o conceito integrará carteira especial de ações na Bovespa

ética de toda a rede de relacionamento da empresa. Graças ao enlace que a responsabilidade social na iniciativa privada se baseia em dois pilares. "Um é o ético, a simples satisfação de fazer a coisa certa e maximizar o efeito positivo de suas atitudes em seu círculo de relações. O outro é o próprio interesse empresarial. Uma empresa assim atua e

Combate à prostituição infantil é o tema deste ano do projeto Caravana Siga Bem Caravanistas (SBC), que terá uma décima paradas em rodovias brasileiras para levar cursos e palestras sobre saúde, segurança e legislação de trânsito. Há um mês na estrada, a caravana de cinco caminhões, duas vans e 22 professores já percorreu 2,5 mil dias 20 mil quilômetros programados. O projeto, uma parceria da Petrobras, Volvo do Brasil e Paratour, beneficiará duas a título de "campanhoneiros" em profissionais com o maior rendimento das regiões de trânsito e de cidadania. O investimento é de R\$ 5,2 milhões.

A convite da organização cidadã Infância e da Fundação Avina, governos formados como "Ministros da Inclusão" pela ONU, Taciara de Gante, do Rio de Janeiro, estão no Paraque para iniciar um projeto semelhante naspara país atingido a pessoas portadoras de deficiência. A intenção é formar uma rede de governos latino-americanos para expandir o conceito de sociedade inclusiva proposto pela ONU.

Empresas brasileiras já podem medir o retorno financeiro de ações sociais e também testar sua valorização no pregão da Bolsa

Figura 46: Ética dá lucro (IstoÉ, 08 set. 2004, p.56-57)

O mesmo parece ocorrer com as palavras solidariedade, responsabilidade social, cidadania. Quando estas expressões se unem à palavra educação, operam milagres,

principalmente para o marketing dos protagonistas. As figuras 45 e 46 são exemplos ilustrativos de que a educação pode virar capital para as marcas das empresas, governos, anunciantes etc. Ela vende publicidade, divulga produtos, governos, fundações, bancos etc. Os arranjos que surgem para contemplar o vazio deixado pelo Estado, que já não é o controlador e provedor da sociedade, abrem espaços para “[...] a proliferação de diferentes instâncias sociais fora da tutela financeira do Estado – como associações, organizações não-governamentais, conselhos comunitários, etc. – têm sido úteis para que os governos se desobriguem, pelo menos em parte, do controle e do custeio sociais”. (VEIGA-NETO, 2000, p. 201)

Neste sentido, são exemplares os anúncios da Coca-Cola. Na *Época*¹⁴⁰, um deles (fig 47) é ilustrado pela imagem de uma sala de aula que tem em primeiro plano uma menina negra sorridente, com o braço esquerdo para cima, parecendo segurar o logotipo do *Programa Coca-cola de valorização do jovem*, tem como chamada a interrogação: “Auto-estima. Que matéria melhor uma escola poderia ensinar?”. No alto da página, do lado direito, um texto explica que o objetivo do Programa é combater a evasão escolar através da criação de alunos monitores, que auxiliem outros estudantes:

Alunos desmotivados têm um problema pior do que nota baixa: a baixa auto-estima. O Programa Coca-Cola de Valorização do Jovem, o PCCVJ, entendeu que dar responsabilidade a esses alunos, transformando-os em monitores de séries menores, poderia ser uma ótima lição. [...] É muito bom que alunos possam ensinar – e aprender – que nada substitui a auto-estima.

¹⁴⁰ *Época*, 28 nov. 2005.

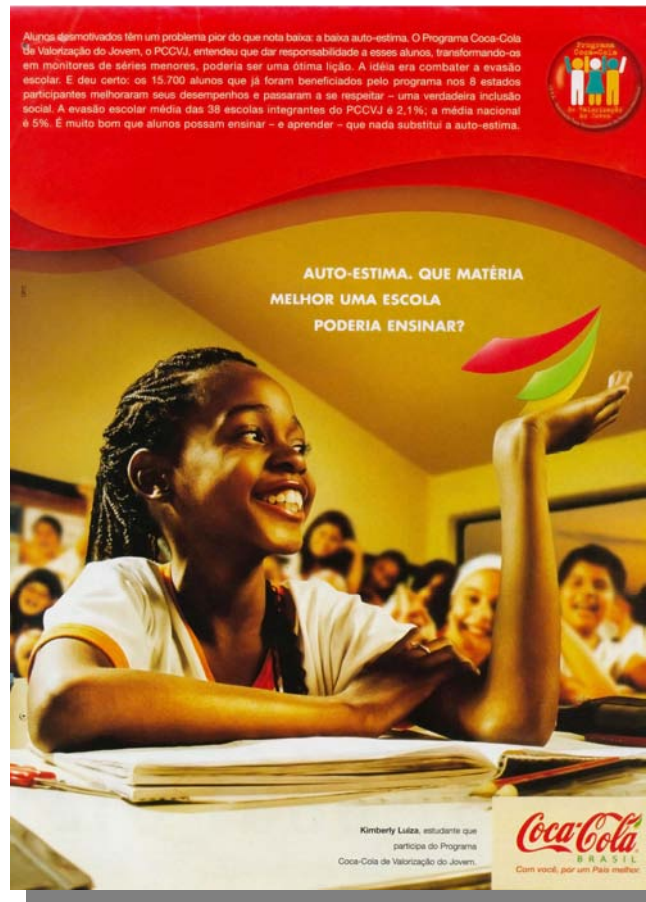


Figura 47: Auto-estima. Que matéria melhor uma escola poderia ensinar? (*Época*, 28 nov. 2005, p.18)

O anúncio é assinado com o logotipo Coca-Cola com você, por um país melhor. A multinacional de refrigerantes parece também acreditar na ideia salvacionista que vê a educação como alternativa para os problemas não só do Brasil, mas também como solução para a baixa-estima, que levaria alunos desmotivados à evasão escolar. A divulgação desta “ótima lição” da Coca-Cola, que “transforma” estudantes em monitores de séries menores pode ser encontrada nas outras revistas semanais analisadas.

Investir em programas voltados para a educação parece ser interessante para as empresas e suas marcas, no caso da campanha citada, a educação é incluída em ações de extensão da marca Coca-Cola. Como bem argumenta Yúdice (2004) em nossa sociedade a cultura se transformou em um recurso como outro qualquer, sendo necessário o seu gerenciamento. Desta forma, os investimentos ocorrem sobre segmentos específicos da cultura: aqueles que podem gerar retorno. “As diferentes espécies de retorno são incentivos fiscais, comercialização institucional ou valor publicitário, e a conversão da atividade não

comercial em atividade comercial” (YÚDICE, 2004, p.32). Parece que a educação (um bem tido como universal) é um dos segmentos que, dentre outros fatores, por abranger grande parte da população mundial, garante alguma espécie de retorno.

O refrigerante que anteriormente ficava restrito às cantinas que comercializam a merenda escolar, agora também ensina como trabalhar a auto-estima dos estudantes. E participa das disputas em torno da representação (veicula a imagem de uma menina negra) provavelmente por considerar que “[...] é a diferença e não a homogeneização que difunde a lógica prevalecente da acumulação”. (YÚDICE, 2004, p.50)

Não é só nos anúncios que as empresas se aproximam do universo da educação. A invasão da publicidade em escolas e universidades é mencionada por Naomi Klein (2003), quando a autora lembra que o avanço das empresas “[...] pelos portões das escolas nada têm contra a educação. Os estudantes devem sem dúvida aprender, dizem eles, mas por que não ler sobre nossa empresa, escrever sobre nossa marca, pesquisar suas marcas preferidas ou apresentar um projeto para nossa próxima campanha publicitária?”. (KLEIN, 2003, p. 113)

As empresas alugam espaços nas escolas e universidades, levam seus produtos, distribuem brindes, cadastram e apostam nos estudantes como consumidores potenciais. Agências bancárias, salões de beleza, lojas de vestuário, farmácia, correios, restaurantes em busca de clientes, transformam em centros comerciais os territórios da educação, cada vez mais privatizados.

As figuras 48, 49 e 50 evidenciam as revistas como arenas de visibilidade política. Nas páginas anunciadas políticos promovem suas ações e quando elas estão vinculadas à educação parecem obter aceitação, garantir legitimidade política, justificar o uso do poder. Chauí (2006), invocando Foucault, lembra que o poder é produtivo, criativo, “[...] inventa formas para seu exercício e acha-se difundido pelo interior das relações sociais, irradiando-se em todas as direções, suscitando sempre novas formas de sujeição e novas possibilidades de dominação”. (CHAUÍ, 2006, p.141)

“A educação é parte do novo modelo de desenvolvimento que está sendo construído no Brasil. Ele é vital para romper com a histórica dependência científica, tecnológica e cultural de nosso país e consolidar o projeto de nação democrática, soberana e solidária”¹⁴¹. Os discursos ao mesmo tempo atribuem esperança e poder à educação, dando credibilidade às iniciativas que envolvem e prometem melhorias. A

¹⁴¹ *Época*, 27 dez. 2004, p.25.

educação tem sido usada como estratégia de *marketing* político, governamental, comercial, individual etc. Sua conveniência pode ser observada na quantidade de textos publicados nas revistas e no interesse geral que parece despertar entre leitores e anunciantes.

O Brasil precisa desta reforma.

A educação é parte do novo modelo de desenvolvimento que está sendo construído no Brasil. Ela é vital para romper com a histórica dependência científica, tecnológica e cultural de nosso País e consolidar o projeto de nação democrática, soberana e solidária. Essa visão não é um fato recente. Na década de 60 o movimento estudantil saiu às ruas e enfrentou a ditadura militar empunhando a bandeira da reforma universitária.

Hoje, 40 anos depois, essa luta é retomada por um governo popular e democrático. O projeto da Reforma da Educação Superior é norteado pelo princípio de que a educação superior é um direito público a ser ofertado gratuitamente pelo Estado. A Reforma está comprometida com a dignidade do povo brasileiro, com as expressões multiculturais que emergem do interior da sociedade e a superação das desigualdades regionais.

Uma proposta construída com as entidades

Entre março e outubro, o Ministério da Educação promoveu um amplo diálogo social sobre a Reforma Universitária. Foram inúmeros seminários, oficinas, colóquios e debates promovidos ou com a participação do MEC onde mais de 230 entidades participaram.

Como resultado, o MEC está apresentando a versão preliminar do anteprojeto de lei da Reforma da Educação Superior, no qual estão contempladas diversas reivindicações históricas das organizações da comunidade acadêmica, movimentos sociais, entidades empresariais e dos trabalhadores.

Até o dia 15 de fevereiro, o MEC estará recebendo propostas de emendas de entidades através do Portal da Reforma (www.mec.gov.br/reforma). Após essa data será aberto um novo período de consulta à sociedade. Promova discussões e participe do debate.

Informações: www.mec.gov.br/reforma ou 0800 616161

Ministério da Educação

1 Conheça as principais propostas apresentadas

- 1 Reformar para fortalecer a Universidade Pública**
O anteprojeto apresenta a meta de que 40% das vagas do sistema de ensino superior até 2011 sejam na rede pública. Uma nova proposta de autonomia administrativa e financeira, com a garantia de mais recursos, permitirá um melhor planejamento e crescimento das instituições federais de ensino superior.
- 2 Reformar para impedir a mercantilização do ensino superior**
O MEC propõe novos instrumentos que, combinados com o Sistema Nacional de Avaliações do Ensino Superior (SINAES), permitirão uma regulação mais eficiente nas instituições privadas. A proposta ainda proíbe o financiamento de campanhas eleitorais por parte de mantenedoras de ensino superior privado, impede a participação de capital estrangeiro acima de 30% nas instituições e estabelece que deva existir, nos órgãos colegiados das mantenedoras, a participação de pelo menos 30% de professores doutores ou professores de comprovada experiência educacional.
- 3 Reformar para garantir a qualidade**
O Ministério apresenta as diretrizes para a efetivação da função social do ensino superior com instrumentos como o Plano de Desenvolvimento Interno (PDI), maiores exigências para a constituição de Universidades e Centros Universitários, a possibilidade de períodos de formação geral e profissional, plano de carreira e seleção pública para contratação de docentes e técnicos administrativos nas instituições públicas e privadas.
- 4 Reformar para democratizar o acesso e garantir a permanência**
A garantia do acesso de jovens de baixa renda ao ensino superior é uma das prioridades da reforma. Para isso o anteprojeto garante a reserva de 50% das vagas para estudantes de escolas públicas observando os índices da composição da população de cada região, segundo o IBGE, que deverão ser alcançados em todos os cursos, em 10 anos, através de políticas afirmativas. Para garantir a permanência dos alunos, o projeto apresenta o Primeiro Emprego Acadêmico e uma loteria para o financiamento da política de assistência estudantil.
- 5 Reformar para construir uma gestão democrática**
Garantia da liberdade de associação entre as categorias da comunidade acadêmica, constituição de um Conselho Comunitário Social com a participação da sociedade civil, garantia da eleição direta, fim da lista tríplice e liberdade de escolha no interior de cada instituição pública da ponderação entre os segmentos na eleição para reitor, eleição de um pró-reitor acadêmico e garantia de participação dos estudantes, docentes e técnicos em 70% do Conselho Superior de Gestão nas privadas, além da realização a cada quatro anos da Conferência Nacional da Educação Superior são medidas profundas que irão ampliar a participação social na definição dos rumos do ensino superior.

reforma da educação superior

Figura 48: Reforma da educação superior (*Época*, 27 dez. 2004, p.25)

Sua instituição vai mostrar que pode ensinar muito mais do que aquilo que está nos currículos.

Para quem não sabe o que é responsabilidade social sua faculdade vai ensinar.

Ao se inscrever no Programa Universidade para Todos, sua faculdade ou universidade dá uma importante lição: ajudar milhares de jovens a entrar no ensino superior pode render bons frutos. Isso porque quem participa do ProUni contribui para mudar a realidade do acesso à universidade no País e demonstra compromisso com a responsabilidade social, um grande diferencial para qualquer empresa.

Outra vantagem é poder transformar parte dos impostos em bolsas de estudo para estudantes e professores da rede pública. As instituições inscritas têm ainda a possibilidade de receber grandes talentos em suas salas de aula, já que os alunos serão selecionados entre os mais bem colocados no Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM. Por isso, não perca a oportunidade de participar do ProUni.

Dirigente, inscreva sua instituição no ProUni.
De 19 a 29/10 - não beneficentes • de 19/10 a 5/11 - beneficentes
Estudante, do dia 22/11 a 10/12 você poderá se inscrever no programa.

0800 616161
www.mec.gov.br

Ministério da Educação

Figura 49: ProUni (*IstoÉ*, 27 out. 2004, p.71-72)

PROGRAMA
Bolsa Família

Bolsa Família.
A evolução
dos programas de
complementação
de renda no Brasil.

Evolução significa fazer mais e melhor. Evolução significa fazer por todos.

Os programas de complementação de renda são um recurso em dinheiro que o Governo Federal entrega mensalmente para as famílias mais pobres. Exemplos desses programas são o Auxílio-Gás, o Bolsa-Escola, o Bolsa-Alimentação e o Cartão Alimentação. O problema é

que, além de oferecer benefícios que isoladamente são baixos, cada programa funciona inteiramente separado dos outros, com diferentes cadastros de beneficiários, e parte significativa das famílias está inscrita em apenas um programa. Algumas famílias recebem mais de um benefício, e famílias vizinhas, em condições iguais, nada recebem.

Foi justamente para corrigir esse problema, garantir mais recursos a toda a família e melhorando o uso dos recursos públicos, que o Governo Federal, em parceria com Estados e municípios, está lançando o Bolsa Família, a evolução dos programas de complementação de renda no Brasil.

- Evolução porque vai simplificar, juntando todos os programas num só.
- Evolução porque passa a proteger toda a família.
- Evolução porque vai aumentar, e muito, os benefícios pagos.
- Evolução porque nos próximos anos vai incluir milhões de famílias que antes não faziam parte de nenhum programa.
- Evolução porque vai mais que dobrar os recursos aplicados.

As famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família terão como compromisso colocar e manter as crianças na escola e estar com a carteira de vacinação em dia.

AVISO IMPORTANTE:
A meta do Bolsa Família é incluir, ao longo dos próximos três anos, todas as famílias não atendidas pelos atuais programas. Mas enquanto isso não acontece, as famílias continuam recebendo seus benefícios respectivamente, em qualquer instância, usando os cartões atuais.

Para informações, ligue 0800 157 2003 ou acesse o site www.bolsafamilia.gov.br

O Bolsa Família faz parte do **FOME ZERO** e **FOME ZERO** faz parte do **BOLSA FAMÍLIA**

Figura 50: Bolsa Família (*Época*, 27 out. 2003, p.16-17)

Divulgar ações voltadas à educação nas revistas, parece ser produtivo para as empresas, governos e para as próprias instituições escolares. A visibilidade facilitada pelos anúncios provavelmente resulta em um bom posicionamento de marca para os investidores, como mostram alguns anúncios:

Responsabilidade Social. Prioridade às Pessoas. (Informe publicitário de cinco páginas da Bosch, onde a empresa afirma estabelecer parcerias com outras entidades para beneficiar cerca de 32 000 pessoas). “Quando você pensa na Bosch, o que vem à cabeça? Qualidade, inovação e muita tecnologia. Mas a Bosch tem um lado que muita gente ainda não conhece: a vocação e o comprometimento com a responsabilidade social. Há 50 anos no Brasil a Bosch vem desenvolvendo seu papel de empresa cidadã mediante o estímulo à educação, o incentivo à cultura e a preservação do meio ambiente”¹⁴².

Nós plantamos o futuro. (Informe publicitário da Stora Enso¹⁴³). “[...] Como parte da sua política de responsabilidade Social a Enso investe na educação da população local através de escolas e projetos Sociais”.

@incluido.com.br. (Anúncio do Grupo Telefônica sobre o projeto Internet nas Escolas que investe na inclusão da rede pública de ensino no mundo digital). “Até agora, mais de 600 escolas públicas foram conectadas à Internet em alta velocidade, 50 escolas municipais foram informatizadas e mais de 1000 computadores doados e instalados [...]”¹⁴⁴.

¹⁴² *Veja* 17 nov. 2004.

¹⁴³ *IstoÉ*, 17 dez. 2003.

¹⁴⁴ *Época*, 01 mar. 2004.

A produtividade dos projetos tem visibilidade nas revistas, ganhando a conotação de exemplos a serem seguidos. Quando estas iniciativas são aliadas à educação, parecem insinuar a esperança de que através dela seria possível transformar toda a sorte de misérias, mas “[...] cada sociedade, porém, gera fantasias elaboradas segundo sua *própria medida* – segundo a medida do tipo de ordem social que se esforça em ser. De um modo geral, tais fantasias tendem a ser imagens espelhadas da sociedade que as gera [...]”. (BAUMAN, 1998, p. 52)

Muitos textos ressaltam as parcerias e iniciativas que encaminham ações sociais direcionadas à educação, mas “[...] é fácil demais abusar do princípio da solidariedade. Não é fácil e é talvez impossível, declarar confiantemente onde a exigência da solidariedade com a diferença acaba e onde a conivência com a opressão começa” (BAUMANN, 1998, p.256). Soluções paliativas que operam em algumas situações, beneficiando talvez um contingente significativo da educação brasileira, mas sem nenhum compromisso de continuidade como mostram as algumas matérias: Uma ponta de esperança¹⁴⁵; Marca de solidariedade¹⁴⁶; Para sair da UTI¹⁴⁷; Fuga de Bilhões¹⁴⁸; Uma lição para o futuro¹⁴⁹; Brasil faz escola¹⁵⁰; Quem quer faz¹⁵¹; Inclusão na área¹⁵²; Curry no samba¹⁵³; Ética dá lucro¹⁵⁴; Escola das Águas¹⁵⁵; Um modelo no campo¹⁵⁶; Livros pelo sertão¹⁵⁷; Eles fizeram o dever de casa¹⁵⁸; Querida, encolhi o laptop!¹⁵⁹.

Yúdice (2004) utiliza a expressão “força performativa” para caracterizar o espetáculo proporcionado pela articulação entre diferentes setores (mídia, mercado, igrejas, Ongs, etc) no gerenciamento da cultura. “É por haver um [ou vários] propósito[s] que se torna possível falar de cultura como recurso” (YÚDICE, 2004, p. 63). A interessante argumentação do autor nos faz pensar que essa força performativa possibilita não uma ação frontal (contra uma única

¹⁴⁵ *IstoÉ*, 13 ago. 2003, p. 48.

¹⁴⁶ *IstoÉ*, 01 out. 2003, p. 45.

¹⁴⁷ *IstoÉ*, 28 jul. 2004, p. 46.

¹⁴⁸ *IstoÉ*, 21 jul. 2004, p. 38.

¹⁴⁹ *IstoÉ*, 07 jan. 2004, p. 64.

¹⁵⁰ *IstoÉ*, 06 out. 2004, p. 56.

¹⁵¹ *IstoÉ*, 27 out. 2004, p. 84.

¹⁵² *IstoÉ*, 15 dez. 2004, p. 80.

¹⁵³ *IstoÉ*, 14 abr. 2004, p. 84.

¹⁵⁴ *IstoÉ*, 08 set. 2004, p. 56.

¹⁵⁵ *Época*, 10 nov. 2003, p. 54.

¹⁵⁶ *Época*, 05 jul. 2004, p. 18.

¹⁵⁷ *Época*, 24 maio 2004, p. 48.

¹⁵⁸ *Época*, 14 nov. 2005, p. 50.

¹⁵⁹ *Veja*, 09 nov. 2005, p. 114.

fonte de opressão) mas uma gama de ações operadas por diferentes grupos e organizações. As páginas das revistas expressam essa força performativa que opera no gerenciamento da educação e conseqüentemente no governo da população.

A parceria do setor privado e instituições do terceiro setor, como organizações não governamentais, fundações e projetos que envolvem o ensino é amplamente divulgada. As três revistas publicam anúncios publicitários de investimentos privados em projetos sociais de educação, além de abrirem espaço para anúncios de escolas privadas, eventos e produtos educacionais para serem consumidos pelos leitores. A educação abre um nicho de mercado conveniente, certamente lucrativo, e o posicionamento de marca associado ao universo educacional pode ser notado nas revistas semanais, como ilustra um anúncio em que imagem de um menino, ocupando a página inteira, tem como legenda impressa em um lápis a chamada “[...] compre produtos Johnson&Johnson. Você ajuda a Fundação Gol de Letra e ainda concorre a prêmios de R\$20mil”, é seguida na página esquerda pela imagem de uma página de caderno, segurada pela mão de uma criança, com os dedos manchados de tinta. A letra manuscrita diz: “Band-Aid não cuida só de machucado, cuida também da minha educação”. O anúncio evidencia a iniciativa da empresa de estabelecer uma forma de parceria com uma fundação e apela aos consumidores para que também participem, comprando dois produtos e enviando para uma caixa postal a resposta solicitada à pergunta “Que empresa, junto com você, vai ajudar a Fundação Gol de Letra?”. Este anúncio convoca os leitores a assumirem a posição de consumidores. Como já disse anteriormente, citando Bauman, as sociedades contemporâneas engajam seus membros não mais pela sua capacidade de produção e sim, pela sua condição de consumidor. Chaney (apud YÚDICE, 2004) explica que o próprio consumo (incluindo a reciclagem de imagens e representações) “[...] é a modalidade mesma da produção em nossa época”. (p.227) Podemos dizer então que essa propaganda invoca o leitor para que ele seja produtivo em seu ato de consumo, investindo em algo que é capaz de promover retorno social. Além disso esse anúncio demonstra que as revistas podem vender produtos, promover imagens corporativas, cooptar a participação e a opinião dos leitores em um único texto.

Em outro anúncio surge a chamada “Quem aprende a escrever escreve o futuro”, um texto convida alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras a escreverem poesia, reportagem ou texto de opinião sobre “O lugar onde vivo”. O Prêmio Escrevendo o Futuro acontece a cada dois anos e é uma iniciativa da Fundação Itaú Social, do Banco Itaú, em parceria com o Canal Futura, Ministério da Educação, União Nacional dos Dirigentes

Municipais de Educação e Cenpec. A fotografia de um menino negro que segura um caderno cuja capa é ilustrada pela imagem de um terno alinhado, acompanhado por uma camisa e uma gravata elegantemente posicionada remete à idéia de que a educação pode garantir de forma linear, a mobilidade ascendente. O terno é emoldurado pela imagem do menino negro, sorridente, que sensibiliza os leitores para a iniciativa da Fundação. “Sua escola concorre, o Brasil ganha”, afirma a chamada, que não precisa mencionar que a revista também ganhou, vendeu duas páginas que garantem visibilidade e créditos aos “parceiros” que apóiam a iniciativa. O projeto certamente beneficia as escolas públicas, os alunos premiados, mas também se configura como um investimento na imagem das instituições envolvidas.

Como esclarecem Bucci e Kehl (2004), “a tirania da mercadoria se exponencia na tirania da imagem da mercadoria” (p. 23). As imagens de personagens, de produtos ou logotipos, marcam presença e proporcionam “espetáculo” e nas revistas a educação aparece como argumento produtivo para personalidades, partidos políticos, empresas e instituições. A educação é a uma causa considerada “nobre”, geradora de empatia nos mais diversos públicos. Estar vinculado a projetos sociais envolvendo a educação é estar incluído no espetáculo que constitui a solidariedade como estratégia de visibilidade e de poder.

A pauta para a educação na sociedade da capacitação tem como temas e discursos perpassados por racionalidades e práticas que vão sendo incorporadas aos textos das revistas e enviadas aos seus leitores. Escolhi problematizar a ênfase dos textos na competência, no talento e no espetáculo da solidariedade, mas muitos outros focos estão dispostos nas páginas das revistas, a espera de leitura.

Considero que as análises apresentadas não dão conta da abundância e da fertilidade dos discursos vinculados ao projeto político neoliberal. Elas apenas sinalizam um produtivo campo para outras análises e pesquisas que trabalhem o entrelaçamento da mídia e da educação no governmentamento das sociedades contemporâneas.



Ensinar é promover encontros. Da pessoa com o seu semelhante.

Se você quer oferecer uma educação de qualidade para o seu filho, procure uma escola conveniada Positivo. Em nossas escolas promovemos o encontro da educação com a vida.

Fale conosco:
0800 41 3031



Ensinar é promover encontros. Da arte com a vida.

Se você quer oferecer uma educação de qualidade para o seu filho, procure uma escola conveniada Positivo. Em nossas escolas promovemos o encontro da educação com a vida.

Fale conosco:
0800 41 3031



Ensinar é promover encontros. Da gente com as nossas raízes.

Se você quer oferecer uma educação de qualidade para o seu filho, procure uma escola conveniada Positivo. Em nossas escolas promovemos o encontro da educação com a vida.

Fale conosco:
0800 41 3031



[...] não teriam nossas universidades a obrigação de ser inundadas de radicais arruaceiros com cargo vitalício? Não foi a instituição do cargo vitalício, com sua promessa de segurança no emprego, planejada para garantir aos acadêmicos a possibilidade de assumir posições controversas sem medo de repercussão? Não são essas pessoas, para usar um termo mais facilmente compreendido no meio acadêmico, contra-hegemônicas? (KLEIN, 2003 p. 127)

Ao interromper esta Tese, encontro nela muitos outros caminhos que poderiam ter sido esboçados, mas entendo nunca ser possível esgotar todas as possibilidades. Expressei minhas intenções e opções, trabalhei nelas com encantamento e dentro das condições de possibilidades existentes em diferentes momentos. Entre angústias e seduções, provocações e impasses, impotências e descobertas, desconstruções e novas constituições, mantive este trabalho como um sonho recluso. Mantido preso em meu computador, uma vez acionado, me levava para passear nos textos, nas revistas, provocava, instigava, movimentava uma rede de pensamentos e afetos que me trouxeram até aqui. Esta tese era um objetivo de vida e sua conclusão despertava em meu imaginário hiatos difíceis de serem traduzidos por quem não viveu minhas experiências. E depois do fim o que viria? Seria só o fim? Hoje percebo que é o começo. Estou recomeçando, libertando meu sonho para que outros sonhos habitem meus dias, minhas estantes e minha vida. Prefiro neste momento refrear o impulso de continuar refazendo, reescrevendo e relendo as revistas, até porque outros objetos já instigam novos empreendimentos de pesquisa e estudos.

Reconheço que estive governada por inseguranças teóricas, infinitas dúvidas, impasses metodológicos e embates operacionais, diante do vasto material selecionado. Mesmo assim, acredito ter dimensionado o papel dos discursos da mídia – aqui ilustrado com a análise de revistas – como produtivos, operantes, insidiosos, mas incisivos na (e para a) manutenção da ordem social hegemônica, aqui descrita como a lógica neoliberal.

As revistas dificilmente conseguirão me entreter ou informar como antes. Hoje sou uma leitora atenta aos ditos e não ditos e às estratégias de sedução dos textos. Não ousou dizer que “aprendi a ler” as revistas porque a redação, os recursos tecnológicos, o auxílio do *design* gráfico são renováveis, cada vez mais estratégicos, sutis e ao mesmo tempo poderosos na captação dos leitores e consumidores destas mídias. O que pude constatar é que a governamentalidade apregoada por Foucault (2003) é atual e está presente na contemporaneidade no conjunto das instituições, nos procedimentos, análises, reflexões,

cálculos e táticas que exercem o poder. A governamentalidade, continua sendo a linha de força que conduz a soberania e a disciplina necessárias para a aceitação e a manutenção de um conjunto de noções e práticas, contemporaneamente neoliberais e globalizadas.

A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ, procurou enfatizar o caráter produtivo das revistas, como espaços onde o poder e as relações de poder neoliberais são destacadas e colocadas em circulação. Tive a pretensão de problematizar, revisar, discutir e compreender de que maneira as teias do projeto neoliberal estão presentes, recorrentemente, nas revistas e como são tecidas as estratégias de governo para a educação, em especial, e para população de um modo geral. As ferramentas ou conceitos foucaultianos de *governo* e *governamentalidade* foram centrais para compreender como a perspectiva neoliberal está associada a um sistema de racionalidades e práticas, que uma vez colocadas em funcionamento, operam nas condutas por meio de discursos que constituem os objetos, o mundo e os sujeitos dos quais falam.

A partir das contribuições de Michel Foucault e dos Estudos Culturais em Educação, tentei operar com os principais conceitos empregados como ferramentas para a configuração da análise dos textos publicados nas revistas *Veja, Época e IstoÉ*. Como produtos consumidos, estudados, interpretados e disseminados entre leitores eventuais e assinantes, as revistas criam e recriam o imaginário nacional, discutem os problemas do país, anunciam proposições para os dilemas brasileiros e a educação é uma temática citada, discutida, invocada em suas páginas semanais.

Na pesquisa sublinho algumas capturas neoliberais e demonstro como as revistas fazem proposições para as sociedades contemporâneas, sugerindo concepções e práticas favoráveis para a manutenção das políticas neoliberais. Nelas os discursos do mercado de economia privada que enfatizam a maximização de resultados, excelência das condutas, liberdade de opções, competição, disputa, concorrência, são articulados, propagando racionalidades e práticas para as diversas instâncias sociais, inclusive para a educação. A excelência e a capacitação são práticas mencionadas, incentivadas, valorizadas nas revistas, nos depoimentos dos personagens entrevistados, como valores inquestionáveis da contemporaneidade. As sociedades denominadas “abertas”, regidas pela auto-regulação da economia e da propriedade privada, maximizam a liberdade individual e os discursos das revistas dizem que somos livres para fazer escolhas, consumir, adquirir, empresariar nossas

vidas, administrar e produzir o nosso sucesso, garantindo simultaneamente o rendimento excelente das instituições onde atuamos.

Nas revistas, excelência, competência e liberdade referem-se à plasticidade nas adaptações; à agilidade nas ações; ao estabelecimento de redes de contatos produtivos; ao domínio das inovações tecnológicas; ao cumprimento de metas etc. E a educação é encarregada de cumprir sua parte para o “desenvolvimento” e o sucesso dos sujeitos e das sociedades neoliberais. O tratamento da educação como mercadoria, a rentabilidade e a mercantilização do conhecimento estão presentes nas páginas das três maiores revistas informativas brasileiras. Produzir talentos promissores em meio às adversidades do mundo globalizado é expectativa para escolas, professores e estudantes e em torno dela proliferam indústrias, produtos e serviços de todos os tipos: cursos, escolas, material escolar e didático, tecnologias etc. A educação também é produtiva para os investimentos em projetos sociais. Invocando solidariedade, responsabilidade social ou cidadania, aliadas à educação, os textos das revistas dão visibilidade para empresas, políticos e personagens diversos que incrementam seu marketing, divulgam e obtêm empatia para seus produtos e marcas.

Em uma época predominantemente mobilizada pelos meios de comunicação de massa, que apresenta uma configuração complexa e difícil de ser decifrada, considero que esta Tese contribui para colocar sob suspeição os discursos da mídia, as expectativas contemporâneas em relação à educação, mas sua potência também está em ter desconstruído em mim as posições hegemônicas vividas até aqui. A partir desta Tese, como comunicadora e professora de comunicação, poderei proporcionar leituras e produções mais críticas, atentas aos textos da mídia como dispositivos produtivos e econômicos de governamentalidade.

| Referências |

- ANER. Associação Nacional de Editores de Revistas. Disponível em: <<http://emrevista.com/edicoes/6/artigo1844-1.asp>>. Acesso em: 19 jul. 2004.
- APPLE, W. Michael. Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 25-43.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999a.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Europa: uma aventura inacabada*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Biotempo, 2004.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e Maquinarias*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- CASTRO, Cláudio de Moura. *Crônicas de uma educação vacilante*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder. Uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão. *Planejamento Estratégico – Fundamentos e Aplicações*. Rio de Janeiro: El Sevier, 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 73-91.

COSTA, Marisa Vorraber Ensinando a dividir o mundo: as perversas lições de um programa de televisão. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Autores Associados, n. 20, p. 71-82, maio/ago. 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. A revista *Nova Escola* e a constituição de identidades femininas. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa Buarque de (orgs.). *Horizontes Plurais, novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: FCC/ Ed. 34, 1998. p. 343-378.

DE LUCA, Tania Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999.

DINAP – Distribuidora nacional de Publicações. Disponível em: <<http://www.dinap.com.br>>. Acesso em: 28 jul. 2004.

EWALD, François. *Foucault – a norma e o direito*. 2 ed. Trad. Antônio Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 2000.

FABRIS, Elí T. *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

FABRIS, Elí T. *Em Cartaz – o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FARO, J. S. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ulbra, 1999.

FARRELL, Amy Erdman. *A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular*. Trad. Renata Laureano. São Paulo: Barracuda, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O mito na sala de jantar*. 2 ed. Porto Alegre: Movimento, 1993.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de “trabalhar com Foucault”. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 37-60.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-79, jul./dez. 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Caminhos Investigativos II: novos olhares na pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 49-71.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita Acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal 1994.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Trad. Andréa Daher; Cons. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 20 ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 21 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GARCIA, Regina Leite. A educação escolar na virada do século. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 145-168.

GENTILI, Pablo. Que há de novo nas novas formas de exclusão educativa? Neoliberalismo, trabalho e educação. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n.1, p. 191-202, jan/jun. 1995.

GERZSON, Vera Regina Serezer. *A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Proposta de Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

GÓMEZ, A.I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, Artmed, 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez 1997.

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et. alli. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. 5 ed. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 8 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1999.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia e o Triunfo do Espetáculo*. In: Moraes, Denis (org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 119 – 147.

KLAUS, Viviane. *A família na escola: uma aliança produtiva*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

KLEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Trad. Ryta Vinagre. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KRUSE, Maria Henriqueta. *Os poderes dos corpos frios – das coisas que se ensinam às enfermeiras*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.29, n.1, p. 26-43, jan./jun. 2004.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad e org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2005. p. VII-XXIII.

MARSHALL, James. Governamentalidade e Educação liberal. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.p. 21-34.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade Midiatizada*. Trad. Carlos Frederico da Silva, Maria Inês Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas. A segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MORAES, Dênis de. O capital da mídia na lógica da globalização. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade Midiatizada*. Trad. Carlos Frederico da Silva, Maria Inês Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

NEULS, Janaína Souza. *Lições de masculinidade – aprendendo com A turma do Didi*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

NÓVOA, António. *Evidentemente*. Histórias da Educação. Portugal: Edições Asa, 2005.

RICARDO FILHO, Geraldo Sabino. *A boa escola no discurso da mídia: um exame das representações sobre educação na revista Veja, 1995-2001*. São Paulo: UNESP, 2005.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. *Desconstruções Edificantes*. Uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo. Porto Alegre: UFRGS, 2000^a. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. O Espaço Escolar em Revista. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos Culturais em Educação: Mídia, Arquitetura, Brinquedo, Biologia, Literatura, Cinema, ...* Porto Alegre: UFRGS, 2000a, p. 117 – 142.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. *A Escola na mídia: nada fora do controle*. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30-45.

SAID, Edward. *Fora do Lugar: memórias*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHMIDT, Saraí. *A educação nas lentes do jornal*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1999.

SCHMIDT, Saraí. *Ter atitude: Escolhas da juventude líquida*. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVEIRA, Rosa Hessel (org.). *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOMMER, Luís Henrique. *Computadores na escola: a produção de cérebros-de-obra*. Porto Alegre, UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

STEINBERG, Shirley. KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informações e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley. KINCHELOE, Joe (orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9-52.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'água, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. (org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 162-175, jul./dez., 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. *A ordem das disciplinas*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1996a.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e Governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme (org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro, NAU, Editora, 2000. p. 179-217.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos culturais em educação - mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000a. p. 37-69.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, Violência, Poder e Educação Escolar em Tempos de Império. In: *Figuras de Foucault*. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-37.

WESCHENFELDER, Noeli Valentina. *Uma história de governo e de verdades: educação rural no RS 1950/1970*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

YÚDICE, George. *El recurso de la cultura – usos de la cultura em la era global*. Barcelona: Editorial Gedisa SA, 2002.

Referências das imagens entre capítulos

Figura anterior ao Capítulo I: O sucesso de seus filhos, *Época*, 30 jun. 2003, capa.

Figura anterior ao Capítulo II: Anúncio Faculdade Trevisan, *IstoÉ*, 24 nov. 2004, p.121.

Figura anterior ao Capítulo III: Talento, *Veja*, 30 jun. 2004, capa.

Figuras antes de *Revistando a Leitura*: *Veja*, 15 out. 2003; *Época*, 20 out. 2003; *Época*, 3 nov. 2003.

| Apêndices |

Apêndice 3 – Panorama da tese

A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – os discursos sobre educação nas revistas
Veja, Época e IstoÉ
 Tese de doutorado: Vera Regina Serezer Gerzson

CARTA AOS LEITORES	Apresentação/introdução da Tese	Temas abordados
<p>Capítulo I Folheando páginas – escolhas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Notícias das opções teóricas – ferramentas <ul style="list-style-type: none"> • Lendo as revistas – documentos/monumentos 	
<p>Capítulo II A SOCIEDADE NEOLIBERAL EM REVISTA – capturas neoliberais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Sociedade de resultados <ul style="list-style-type: none"> • O governo da excelência • A liberdade festejada 	
<p>Capítulo III A PAUTA PARA A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA CAPACITAÇÃO – leituras sobre a educação neoliberal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A cultura da competência • O mercado produtor de talentos • O espetáculo da solidariedade 	
<p>REVISTANDO A LEITURA – interrompendo a leitura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão 	